



UFPE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

JAMILYS MAIARA DA SILVA NOGUEIRA

O VOCATIVO NUMA COMUNIDADE DE PRÁTICA GAY DE SERRA

TALHADA-PE: descrição e uso

Recife

2019

JAMILYS MAIARA DA SILVA NOGUEIRA

**O VOCATIVO NUMA COMUNIDADE DE PRÁTICA GAY DE SERRA
TALHADA-PE: descrição e uso**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em LINGUÍSTICA

Área de concentração: Linguística

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Dorothy Bezerra Silva de Brito

Recife

2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

N778v Nogueira, Jamilys Maiara da Silva
O vocativo numa comunidade de prática gay de Serra Talhada-PE:
descrição e uso / Jamilys Maiara da Silva Nogueira. – Recife, 2019.
104f.: il.

Orientador: Marcelo Amorim Sibaldo.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco.
Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras,
2019.

Inclui referências e apêndices.

1. Vocativo. 2. Fala gay. 3. Comunidade de prática. I. Sibaldo, Marcelo
Amorim (Orientador). II. Título.

410 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2019-238)

JAMILYS MAIARA DA SILVA NOGUEIRA

O VOCATIVO NUMA COMUNIDADE DE PRÁTICA GAY DE SERRA

TALHADA-PE: descrição e uso

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em LINGUÍSTICA.

Aprovada em: 21/08/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Dorothy Bezerra Silva de Brito (Coorientadora)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Renata Livia de Araújo Santos (Examinadora Externa)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr. Danniel da Silva Carvalho (Examinador Externo)
Universidade Federal da Bahia

Aos meus pais, Graciete e Wilton, a meu irmão, Jamilton, e especialmente, à minha avó Maria Leite (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

É fato que não se chega a lugar nenhum sozinho, “sem ajuda de ninguém” é o que quero dizer. Eu mesma nunca andei só e esses agradecimentos são para aqueles que nunca soltaram minha mão, que me acompanharam e vibrarão comigo pelo fechamento desse ciclo e início de muitos outros que virão.

A Deus, por *seu ousado e infinito amor*, pelo dom da vida e pelo cuidado. Aos seres de luz que me iluminam e me guiam no caminho do bem, me zelando e me protegendo;

A minha avó, Socorro (*in memorian*), hoje e sempre gratidão pela bicicleta rosa de cestinha para ir à escola, pelo exemplo de fé, solidariedade e amor;

Ao meu pai e ao meu irmão, que me ensinaram o significado da palavra família;

A minha mãe, Graciete, por absolutamente tudo, por ser incrível. Meu eterno amor e admiração por essa mulher;

Aos meus avós, que sempre pedem para Deus me abençoar e me dar muita felicidade;

A Edrielly e Juliana, que foram meu apoio diário nesses dois anos, obrigada pelo macarrão de domingo, pelo bolo solado, pelas gargalhadas e pelo abraço amigo;

A tio Zezê, Dia, titia, Djalma, Carol, Branca, Deda, Tata, Jayne e Dona Dora, pelo apoio, carinho e abraço apertado quando nos encontramos;

A Léo, Andreia, Nanow, Rick, Anne, Jussara, Mateus e tantos outros amigos, por me ensinarem que casa nem sempre é um lugar;

A Hiram Haeckel, pelo apoio, orações, incentivo, boas risadas, boas comilanças, remédios, paciência e pela *sorte de um amor tranquilo* (que me aproxima de Deus);

Aos uastianos mais amados em linha reta: Alane, Dereck, Gilson, Guabiraba, Ivanilson e Wesley, por alegrarem essa jornada infinita, que em tempo cronológico conta-se apenas 2 anos;

Aos queridos colegas de sala, alunos do PPGL: Elisabeth, Eudes, Gabriella e Thayse, pelas boas risadas, parceria e momentos de aprendizagem;

Aos informantes, que são parte essencial desta pesquisa, pela solicitude, pela confiança depositada e pelos momentos de alegria (e tristeza) compartilhados comigo;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcelo Sibaldo, por ter aceitado o desafio de participar desse projeto comigo, pela disponibilidade em ajudar, pela compreensão e paciência;

A minha co-orientadora, Prof^ª. Dra. Dorothy Brito, por aceitar esse desafio mais uma vez, pela disponibilidade, pela consideração e inspiração em vários aspectos;

Ao prof. Dr. Danniel Carvalho, pela leitura durante o processo de qualificação, pelos apontamentos visando a melhoria deste trabalho, por ter aceitado fazer parte da banca final e, antes de tudo, pela idealização do projeto *A língua na diversidade*, que deu origem a essa dissertação;

A minha orientadora de graduação, Prof^a. Dr^a Renata Livia, que me apresentou ao mundo fascinante da Sociolinguística;

A Prof^a. Dr^a Júlia Larré por ter aceitado fazer parte da banca avaliadora, como membro suplente;

Aos professores do PPGL que estiveram dispostos a sanar nossas dúvidas, partilhar conhecimento e nos fazer, antes de bons profissionais, pessoas melhores: Joice Gali, Vicente Massipi e Antônio Carlos Xavier;

Aos professores da graduação que vez ou outra perguntam como estamos (eu, Ju e Drica), marcam-nos em editais e até deram ‘dicas’ para a prova de mestrado: Adeilson Sedrins, Cleber Ataíde, Dorothy Brito, Emanuel Cordeiro, Jean Paul, Rafaela Cruz, Renata Livia e Thaís Ranieri;

Aos queridos funcionários da Pós, em especial Jozaias, Adriel, e Claudivane, por todo suporte, cordialidade e disponibilidade em ajudar;

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPE, pela contribuição social ao País;

À Universidade Federal Rural de Pernambuco, que me proporcionou um ensino gratuito e de qualidade que, conseqüentemente, me trouxe à UFPE para cursar um mestrado também em uma Universidade Pública Federal.

Ao meu *SerTão*, por me ensinar tanto sobre resiliência, esperança e fé;

Ao ‘analfabeto’ que deu dignidade a centenas de famílias, que deu a oportunidade para dezenas de milhares de jovens estudarem e ascenderem socialmente e fez uma sertaneja filha de agricultores ganhar título de mestra. Seu nome? *Luís Inácio Lula da Silva*;

E especialmente, à comunidade LGBTQI+ que me recebeu de braços abertos. Agradeço pela troca de conhecimento, pelas boas risadas, pelas angústias compartilhadas e todo o apoio. Se vocês se reconhecerem neste trabalho, tudo terá valido a pena. *Ninguém solta a mão de ninguém!*

Gratidão!

(...) E, se a própria família a considerava durona às vezes, era por não compreender que, quando você atravessa o inferno, sai assado pelo fogo. E que, se alguém precisa se queimar para abrir o próprio caminho, esse alguém vai sempre querer esse próprio caminho. (KING, S. 1983, p 266).

RESUMO

Essa dissertação se propôs a estudar os vocativos a partir de dados de fala de uma comunidade marginalizada, como é o caso da fala gay, que por muito tempo foi desconsiderada pelos estudos da Sociolinguística tradicional. Nosso objetivo centra-se, então, na observação e descrição dos usos dos vocativos por esse grupo, assim como na observação da constituição dessa comunidade de prática. Para tanto, investigamos a fala de nove homens cis homossexuais do sertão pernambucano, cuja faixa etária é de 18-28 e o nível de instrução acadêmico é o mesmo, em três contextos de interação distintos (entrevista, conversa entre amigos, ambiente de trabalho). Analisamos, especificamente, os vocativos *bicha* e *viado*, que quando usados por uma pessoa de fora da comunidade gay são empregados, normalmente, como adjetivos pejorativos, mas quando usados pela comunidade, constituem-se em uma forma de tratamento e até recepção, indexando a segunda pessoa ao grupo, que é aberto a pessoas que não são gays, inclusive. Essa pesquisa de caráter qualitativo usa como aporte teórico-metodológico a Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2001), lançando mão de vertentes da chamada *Terceira onda dos estudos sociolinguísticos*, cujo principal expoente é Eckert (2000). Dialogamos também com Butler (1990) e sua teoria da performatividade. Foram analisadas 86 sentenças em que havia ocorrência do fenômeno, somando um total de 93 vocativos. Estes se encontraram localizados em diferentes posições nas sentenças, como: i) *vocativo à direita da oração* (Or + **Voc**), ii) *vocativo à esquerda da oração* (**Voc** + Or), iii) *vocativo precedido de interjeição* (interj. + **Voc** + Or), iv) *vocativo dentro da oração*, no meio da oração (Or + **Voc** + Or) e v) *duplo vocativo*, localizados nas extremidades da oração, (**Voc** + Or + **Voc**). Observamos que: i) há um “diferente” tipo de ordem, referente à localização do vocativo na frase, a qual chamamos de duplo vocativo, que não é mencionada pela descrição gramatical; ii) há uma variação estilística por parte do informante quando se altera o contexto de interação; iii) o contexto de interação com amigos propicia a produtividade dos vocativos, assim como a rede social dos informantes interfere nos usos; iv) a comunidade de prática não pode ser definida apenas geograficamente; v) os vocativos *bicha* e *viado* expressam marca de identidade e/ou filiação a um grupo específico, confirmando nossa hipótese; e, por fim, vi) vemos que a identidade individual e/ou grupal é performada nos usos linguísticos que são feitos nas práticas sociais como forma de resistência e manutenção de uma identidade social.

Palavras-chave: Vocativo. Fala gay. Comunidade de prática.

ABSTRACT

This dissertation aimed to study the use of vocatives from speech data of a marginalized community, the gay community, which has long been disregarded by traditional sociolinguistics studies. Our goal lays on the observation and description of the use of vocatives by this group, as well as on the observation of the constitution of its community of practice. To achieve this, we investigated the speech of nine homosexual cis men from the hinterland of Pernambuco, whose age range is 18-28 years old and the level of scholarship is the same, in three different contexts of interaction (sociolinguistic interview, chat among friends and work environment). We specifically look at the vocatives *bicha* and *viado*, which are usually pejorative adjectives when used by a person outside the gay community, but which constitute a form of treatment and even reception when used by the community, indexing the second person to the group, which is open to non-gay people as well. This qualitative research uses as theoretical and methodological support the Theory of Linguistic Variation (LABOV, 2001), making use of the so-called third wave of sociolinguistic studies, whose main exponent is Eckert (2000). We also dialog with Butler (1990) and her theory of performativity. We analyzed 86 sentences in which the phenomenon occurred, a total of 93 vocatives. These were found in different positions in the sentences, such as: i) *vocative on the right of the sentence* (Sent + Voc), ii) *vocative on the left of the sentence* (Voc + Sent), iii) *vocative preceded by interjection* (interj. + Voc + Sent), iv) *vocative within the sentence, in the middle of the sentence* (Sent + Voc + Sent) and v) *double vocative, located before and after the sentence*, (Voc + Sent + Voc). We noticed that i) there is a “different” type of order, referring to the location of the vocative in the sentence, which we call the double vocative and which is not mentioned by grammarians; ii) the informants show stylistic variation when there is a change of the context of interaction; iii) the context of interaction with friends favors the productivity of vocatives, the same way the informants' social network interferes with their uses; iv) the community of practice cannot be defined geographically only; v) the vocatives *bicha* and *viado* express a mark of identity and/or affiliation to a specific group, confirming our hypothesis; finally, we see that vi) individual identity or group identity performed by using the linguistic uses are built in social practices as a form of resistance and maintenance of a social identity.

Keywords: Vocative. Gay speech. Community of practice.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Desenho da amostra.....	56
Quadro 2 – Distribuição dos vocativos de acordo com a ordem em que apareceram nas orações.....	72
Quadro 3 – Formas fonológicas do vocativo <i>mulher</i>	74

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Preferência de ordem do uso dos vocativos.....	70
Gráfico 2 – Produtividade dos vocativos nos contextos de fala.....	77
Gráfico 3 – O uso de vocativos pelos informantes de acordo com as ocupações.....	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos percentuais das ocorrências de vocativo no corpus analisado.....	71
Tabela 2 – Exemplos do vocativo <i>mulher</i> , <i>mulhé</i> , <i>mulé</i> nas construções.....	75
Tabela 3 – Exemplos do vocativo <i>viado</i> nas construções.....	76
Tabela 4 – Exemplos do vocativo <i>amiga</i> nas construções.....	76
Tabela 5 – Vocativos retirados do contexto entrevista.....	79

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Mapa de Serra Talhada e distribuição geográfica dos informantes.....	57
Imagem 2 – Foto da primeira reunião do Movimento diverso.....	64

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	CONCEITOS RELEVANTES: <i>GÊNERO, IDENTIDADE E LINGUAGEM</i>	19
2	TERCEIRA ONDA DOS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS: METODOLOGIA, ALGUNS ESTUDOS E QUESTÕES PERTINENTES.....	27
2.1	ECKERT (2000).....	29
2.2	BATISTI (2014).....	33
2.3	NOGUEIRA (2017).....	35
2.4	CARVALHO E ALMEIDA (2017).....	36
3	PESQUISA BIBLIOGRÁFICA SOBRE O VOCATIVO.....	39
3.1	O QUE OS GRAMÁTICOS NORMATIVISTAS COMPREENDEM.....	39
3.2	O QUE OS LINGUISTAS COMPREENDEM.....	43
4	METODOLOGIA.....	52
4.1	COLETA DE DADOS.....	52
4.1.1	O Corpus.....	54
4.2	ENTENDENDO O QUE É UMA COMUNIDADE DE PRÁTICA.....	58
4.2.1	A comunidade investigada: <i>funcionamento, descrição e conceito</i>	60
5	INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	67
5.1	DESCRIÇÃO DOS VOCATIVOS.....	67
5.1.1	Ocorrência dos vocativos de acordo com as respectivas ordens em que apareceram.....	69
5.1.2	Os Vocativos Encontrados.....	72
5.1.3	Produtividade dos vocativos nos contextos de fala.....	77
5.2	SOBRE OS USOS: <i>SIGNIFICADO SOCIAL, IDENTIDADE E PRÁTICA SOCIAL</i>	81
5.2.1	As variáveis.....	86
5.3	OUTRAS OBSERVAÇÕES.....	88
5.3.1	Os casos de não concordância.....	89
6	CONCLUSÃO.....	91
	REFERÊNCIAS.....	94
	APÊNDICE A – FICHA SOCIAL.....	99
	APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM.....	100
	APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	101
	APÊNDICE D – TERMOS DE CONSENTIMENTO.....	103

1 INTRODUÇÃO

Ao iniciar uma pesquisa, o pesquisador tem basicamente duas opções: ter um fenômeno pré-definido ou colher os dados de forma semi-aleatória para depois catalogar os fenômenos existentes e, então, escolher seu objeto. Esta foi a nossa escolha, saímos para campo somente com a comunidade de prática definida e, após a etapa da coleta, separamos todos os fenômenos salientes que apareceram no *corpus* e escolhemos aquele com que iríamos trabalhar: o vocativo. Este é um assunto de investigação escassa na literatura linguística, pouco explorado ou/e definido frouxamente pelos gramáticos. Quando comparamos a catalogação e classificação dos vocativos de forma geral, pudemos observar que pouco foi feito até o presente momento, o que só alerta para a emergência de um estudo do tipo desenvolvido aqui.

O fato é que há poucos estudos que abrangem esse fenômeno, menos ainda os que descrevam o uso desse fenômeno em situações reais de fala, e nenhum estudo que o investigue a partir de dados marginalizados como são aqueles provenientes da “fala gay”. A partir desse ponto, justificamos a importância do nosso trabalho para área da Sociolinguística, dado o fato de que há muito tem-se ignorado a diversidade linguística existente na fala dessa parcela da população, englobando a sua produção nos bancos de dados linguísticos de homens de orientação heterossexual e/ou excluindo-os das coletas de dados (FREITAG, 2012).

Além disso, o trabalho se justifica pela necessidade de apresentarmos à Sociolinguística "tradicional" abordagens teórico-metodológicas alternativas, podendo, assim, rever as metodologias das perspectivas teóricas, a fim de darmos maiores contribuições à Sociolinguística e, ainda, à Linguística de forma geral.

Assumimos a ideia de língua como prática social, sendo esta, portanto, produto de determinadas práticas, ao passo que se reflete nos papéis identitários dos informantes/falantes¹.

De antemão, destacamos a importância de estudos localizados, pois a partir de então podemos estreitar a relação entre a língua e o significado social, observando o reflexo das práticas sociais nos usos linguísticos dos falantes, como apontam os estudos de Terceira Onda, base teórico-metodológica dessa pesquisa.

¹ Estamos cientes que informante não é o termo mais adequado para usarmos neste trabalho, cuja base teórica tende a ser mais dinâmica do que a da Sociolinguística tradicional, como será percebido na seção 2. Todavia, percebemos que o termo colaborador pode provocar equívocos na leitura deste trabalho, por este motivo não adotamos essa nomenclatura, optamos por usar a palavra informante, consolidada nos estudos de Labov.

Essa nova abordagem combina a Sociolinguística de base laboviana com os estudos etnográficos e soma com a investigação dentro das comunidades de prática. O seu foco está na investigação de microcomunidades, onde acredita-se que esteja o *lócus* da variação. Portanto, esses estudos trazem para os pesquisadores da área novas possibilidades de investigação, já que sua natureza é de caráter mais dinâmico, e se estende para além das categorias sócio-demográficas para explicar a variação e a mudança linguística. Tais estudos focalizam os indivíduos e sua construção de *persona* ou de identidade, de maneira a observá-los em atividade nas práticas com grupos com os quais se envolvem, estreitando, deste modo, os laços entre a língua e a prática social.

A escolha dos informantes homossexuais masculinos deriva do fato de que, em trabalhos anteriores percebemos que, no sertão pernambucano, esse grupo é bastante ridicularizado em virtude de uma crença que efeminiza esses sujeitos, homogeneizando, assim, a fala homossexual masculina com base em seus próprios pré-conceitos e preconceito (NOGUEIRA, 2017).

O objetivo principal desta dissertação é procurar descrever, qualitativamente, o uso dos vocativos na “fala gay” masculina de Serra Talhada-PE, sertão do Pajeú, tendo como objetivo específico observar as significações por trás dos usos. Nossa hipótese é de que os vocativos, como *bicha* e *viado*, sejam uma marca identitária da comunidade gay. Desse modo, a investigação, através da observação etnográfica, focaliza tal comunidade, observando seu engajamento em um empreendimento mútuo, a filiação dos membros, o estilo e, conseqüentemente, os processos que envolvem a constituição de identidade.

É fundamental ressaltar que a execução desse trabalho dá continuidade a uma investigação realizada por nós nessa comunidade em 2016, durante a pesquisa monográfica que resultou no trabalho de conclusão de curso de graduação, em parceria com o projeto “A língua na diversidade: um estudo sociolinguístico de gays soteropolitanos, idealizado pelo Prof. Dr. Danniel Carvalho e replicado no Sertão de Pernambuco, na Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada. Visamos, para tanto, o estudo e a descrição da diversidade linguística na fala da comunidade LGBTQI+.

A prática estilística, portanto, é parte fundamental da maneira como os gays constroem sua participação na comunidade de prática. Tal discussão é pertinente na medida em que nos interessa a produção linguística da comunidade em questão, levando em conta a performatividade da identidade através dos usos linguísticos, construída nas práticas dos informantes.

Neste trabalho, estamos considerando o vocativo de acordo com o que aponta Cunha (1976), cujo conceito de vocativo se apresenta como “um termo não subordinado a nenhum outro termo da frase. (...) [Que] servem apenas para invocar, chamar ou nomear, com ênfase maior ou menor, uma pessoa ou coisa personificada” (CUNHA, 1976, p. 111).²

Para esta pesquisa foram considerados os dados de nove homossexuais masculinos cis³, de faixa etária de 18 a 28 anos. Não houve pré-requisitos específicos, com exceção da naturalidade e/ou residência na cidade de Serra Talhada por período mínimo de cinco anos. Portanto, todos os informantes são adultos, naturais de Serra Talhada – PE e/ou moradores do local e não se afastaram por um longo período de tempo da comunidade. Além disso, todos os informantes se conhecem, pois, foram indicações uns dos outros. Ao final da entrevista sociolinguística, os falantes deveriam indicar outros informantes, cujo perfil fosse semelhante ao seu. Deste modo, pudemos traçar a rede social deles. Os dados de fala foram gravados em três situações de interação social diferentes: *entrevista sociolinguística, conversa entre amigos, e ambiente de trabalho*.

Foram retiradas do nosso *corpus* 109 sentenças contendo vocativo, chegando-se à soma de 116 vocativos, estes podendo ser localizados em diversos pontos da oração e aparecendo mais de uma vez. Das 109 sentenças foram excluídas 23, pois continham vocativos cuja natureza era nomes próprios e/ou apelidos e construções cristalizadas, os quais não são de interesses deste trabalho. Desse modo, tabelamos um total de 93 vocativos, encontrados em 86 sentenças.

As ordens encontradas nas construções foram: i) *vocativo à direita da oração* (Or + Voc); como em a) *Tu tem certeza que tá gravando, **miga?***; ii) *vocativo à esquerda da oração* (Voc + Or); como em b) ***Mulhé**, eu com um short desse tamanho, me respeita*; iii) *vocativo precedido de interjeição* (interj. + Voc + Or), como em c) ***Ah, minha filha**, é muito difícil saber que eu sou gay, né?! ;* iv) *vocativo dentro da oração*, ou seja, no meio da oração (Or +

² Embora afirme que os vocativos não são subordinados a outros termos, o autor destaca a possibilidade de eles poderem se relacionar com algum dos termos. Cita o exemplo:

- | | | |
|----|--|----------------|
| a) | <i>Dizei-me vós, Senhor Deus!</i> | (Castro Alves) |
| b) | <i>Ó lanchas, Deus vos leve pela mão!</i> | |

Para tanto, em (a), o vocativo *senhor Deus* se relacionaria com o sujeito *vós* e o vocativo *Ó lanchas* se relacionaria com o objeto direto *vos*, em (b). Essa observação é interessante na medida em que o autor aponta para a existência de diferentes tipos de vocativos: um que é isolado e não mantém conexão com outro(s) termo(s), e aqueles que fazem referência ao termo a que são subordinados. Em nota de observação, o autor destaca o uso da interjeição *Ó*, usada para dar maior ênfase à frase, e o uso de vírgulas ou ponto de exclamação, isolando o vocativo dos demais elementos da frase. Estamos cientes da limitação deste conceito trazido na gramática de Cunha, mas gostaríamos de uma definição de acordo com uma gramática normativa, e essa serviu a esse propósito.

³ Cisgênero ou simplesmente *cis* diz respeito à identidade de gênero conforme ao sexo do nascimento.

Voc + Or), como em d) *Aquela bota é de engenheiro, **bicha**, por isso aquele peso*, e por fim v) *duplo vocativo*, localizados nas extremidades da oração, (Voc + Or + Voc), como em e) ***Miga**, você tá bem, **amiga**?*

Após descrevermos os vocativos encontrados e suas possíveis ordens, focalizamos os contextos de interação que propiciaram o uso desse fenômeno, bem como os vocativos considerados marca identitária da comunidade. Em seguida, fazemos uma breve discussão sobre o efeito das redes sociais dos informantes e como estas podem estar interferindo no uso dos vocativos. Percebemos que as variáveis socioeconômicas tradicionais da sociolinguística (escolaridade, idade, classe social etc.) ofereciam parte do perfil dos informantes, mas muito mais poderia ser aprendido observando o comportamento da comunidade de prática e, conseqüentemente, das redes sociais, para explicar a produtividade do fenômeno estudado e o significado social.

Sendo assim, esta dissertação está organizada da seguinte forma: na seção 1, tratamos de conceitos importantes para o desenvolvimento desse trabalho como o de gênero (BUTLER, 1990) e de identidade; posteriormente, na seção 2, apresentamos a Terceira Onda dos Estudos Sociolinguísticos, fundamentação teórica do nosso trabalho, compreendendo os principais conceitos, sua metodologia de pesquisa, bem como apresentamos alguns estudos que a utilizam como base, responsáveis por investigações localizadas em comunidades menores. Como já dito antes, não apresentaremos nenhum estudo que investigue o vocativo a partir dessa perspectiva, pois até quanto o saibamos, essa pesquisa é pioneira nesse aspecto; na seção 3, fazemos um histórico sobre como o *vocativo* é abordado pelas gramáticas normativas de língua portuguesa (Cunha, 1976; Cegalla, 1998; Bechara, 2009; Azeredo, 2010), pela gramática descritiva (Perini, 2005) e por outros estudos linguísticos, como Mundim (1981), Moro (2003), Moreira (2008; 2017), Amaral e Nogueira (2014) e Balsalobre (2015), focalizando definições e aspectos mais relevantes acerca do fenômeno; na seção 4, tratamos de questões relacionadas à metodologia da pesquisa, como coleta de dados e *corpus*. Somado a isso, dissertamos acerca do conceito de comunidade de prática, bem como fazemos a descrição etnográfica da comunidade investigada. Esta é uma seção longa justamente por conta da descrição detalhada do campo; por fim, na seção 5, apresentamos a análise dos dados coletados e algumas considerações finais acerca do fenômeno estudado e da pesquisa empreendida.

1.1 CONCEITOS RELEVANTES: *GÊNERO, IDENTIDADE E LINGUAGEM*

Uma vez que esta pesquisa trata de identidade linguística, devemos iniciar esta dissertação tratando, ainda que de forma breve, dos conceitos de *gênero*, *identidade* e *linguagem*, pois são conceitos chave que levarão o leitor ao entendimento de todo o desenvolvimento da proposta desse trabalho. Visto que, somente, a partir da posse desses conceitos pode se chegar ao entendimento da escolha dos usos linguísticos realizados pelos informantes. No que diz respeito a gênero e à identidade, sobretudo, é importante a ressalva de que os conceitos apresentados para ambos, na literatura, têm sido constantemente revisitados por estudiosos de diversas áreas, tais como Filosofia, Sociologia, Linguística, dentre outras, devido à complexidade que tais termos englobam.

Para este trabalho, trazemos as ideias de Butler (1990) para a reflexão acerca do que estamos entendendo por gênero, sendo este o principal nome da Teoria *Queer*⁴, cujos estudos se voltam para a investigação e discussão entre gênero, sexualidade e linguagem, Butler entende “o gênero [como] performativo porque configura a sua existência por meio do seu próprio pronunciamento feliz” (LIVIA; HALL, 1997, p. 121). De acordo com Livia e Hall,

esse pronunciamento é feliz (...) se ele for feito dentro das circunstâncias sociais esperadas. Uma cerimônia de casamento será performada com sucesso pela declaração “Eu vos declaro marido e mulher” se o enunciatário for um membro do clero devidamente investido do poder para realizar uma cerimônia de casamento (...). A declaração é performativa porque é pelo pronunciamento das palavras que a cerimônia é realizada. “Eu vos declaro marido e mulher” não é um comentário sobre a cerimônia, é a cerimônia em si” (LIVIA; HALL, 1997, p. 121).

Dessa forma, Butler se afasta da construção social da sexualidade e direciona seus estudos à construção discursiva do gênero, pois a autora acredita que são os discursos e as práticas que produzem os sujeitos, e não o contrário. “Nesse sentido, práticas discursivas não são realizadas por alguém antecedente a essa prática, mas são elas mesmas as criadoras dos sujeitos que as praticam” (PEREIRA, 2013).

[A naturalização da] heteronormatividade [por exemplo] é constituída por regras, produzidas nas sociedades, que controlam o sexo dos indivíduos e

⁴ O termo *queer* ganhou popularidade no mundo inglês por referir-se de forma pejorativa a homens e mulheres que se autodeclaravam de orientação homossexual. O termo pode ser traduzido como estranho, esquisito ou excêntrico etc., apesar de ter surgido como um insulto homofóbico, foi apropriado por pesquisadores gays e lésbicas, ao final da década de 80, para nomearem o que chamaram de Estudos de gays e lésbicas. “Com efeito, o termo *queer* passa a ter dois significados distintos, mas interligados: (1) refere-se aos grupos de gays, lésbicas e transgêneros de modo abrangente; (2) refere-se à área de estudos sobre esses grupos” (BORBA, 2005, p. 6).

que, para isso, precisam ser constantemente repetidas e reiteradas para dar o efeito de substância, de natural. Esse efeito é performativo, isto é, tem o poder de produzir aquilo que nomeia e, assim, repete e reitera as normas de gênero (BORBA, 2005, p. 97).

Dessa forma, Butler (1990) acredita que o gênero é ‘não natural’, sendo, portanto, construído socialmente, enquanto a noção de sexo estaria mais ligada a questões biológicas. Assim, não se teria uma relação necessária entre o corpo de um sujeito e ao seu gênero. Nas palavras da autora, “o gênero demonstra ser performativo, isto é, constituinte da identidade que pretende ser. Nesse sentido, o gênero é sempre um fazer, embora não um fazer por um sujeito que se possa dizer que preexista ao feito” (BUTLER, 1990, p. 24-25)⁵. Nesse sentido, a autora acredita que o gênero pode ser considerado como uma construção que nunca está totalmente acabada, “é um processo que não tem origem nem fim, de modo que é algo que “fazemos”, e não algo que “somos” (SALIN, 2015, p. 67), se afastando, dessa forma, de uma visão essencialista.

Entendemos, portanto, o gênero como uma construção de todos os aspectos socioculturais que podem residir sobre um sujeito, se agregando e compreendendo a ele comportamentos desde o modo de vestir-se até a linguagem. Comportamentos estes, até então, relacionados ao que o constituem, como falar, vestir, andar, se comportar, preferências, entre outros, que não estão, necessariamente, relacionados ao sexo, mas somados a ele de alguma forma. Estaria, então, o gênero ligado intrinsecamente à identidade do falante/sujeito e a sua vivência no mundo por meio de suas práticas sociais.

Meyer (2013) aponta quatro importantes implicações do uso do gênero com ferramenta teórica e política:

I) Gênero aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo [...].

II) O conceito também acentua que, como nascemos e vivemos em tempos, lugares e circunstâncias específicos, existem muitas e conflitantes formas de definir e viver a feminilidade e a masculinidade [...].

III) Gênero introduziu mais uma mudança que continua, ainda hoje, alvo de polêmicas importantes no campo feminista. Trata-se do fato de que o conceito sinaliza não apenas para as mulheres e nem mesmo toma exclusivamente suas condições de vida como objeto de análise. Em vez

⁵ Hence, within the inherited discourse of the metaphysics of substance, gender proves to be performative - that is, constituting the identity it is purported to be. In the sense, gender is always a doing, though not a doing by a subject who might be said to preexist the deed (BUTLER, 1990, p. 24-25, tradução nossa).

disso, ele traz implícita a ideia de que as análises e as intervenções empreendidas devem considerar, ou tomar como referência, as relações – de poder – entre mulheres e homens e as muitas formas sociais e culturais que os constituem como “sujeitos de gênero” [...]

IV) Por último, o conceito de gênero propõe um afastamento de análises que repousam sobre uma ideia reduzida de papéis/funções de mulher e de homem, para aproximar-nos de uma abordagem muito mais ampla que considera que as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e masculino ao mesmo tempo em que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou resignificação (MEYER, 2013, p. 18-20).

Na sociolinguística denominada de Terceira Onda, autoras como Eckert e McConnell-Ginet (1992) defendem que não se deve isolar os estudos de gênero e linguagem das práticas sociais (onde são mutualmente construídos), pois “em particular, se compreendermos linguagem e gênero como fenômenos autocontidos e independentes, perdemos a significação social e cognitiva da interação” (p.95). De acordo com as autoras, “as noções de “mulheres” e “homens”, por exemplo, são simplesmente pressupostas na sociolinguística” (p. 95). Para nós, essa fala representa bem os estudos que tentam explicar os comportamentos linguísticos atribuídos às diferenças de sexo (gênero).

A linguagem utilizada pelas mulheres, por exemplo, “tem sido compreendida como refletindo seu (nosso) conservadorismo, consciência de prestígio, mobilidade ascendente, insegurança, deferência, encorajamento, expressividade emotiva, afiliação, sensibilidade em relação aos outros [e] solidariedade” (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 1992, p.95), por exemplo. Enquanto que “a linguagem dos homens é descrita como evidenciando sua dureza, falta de afeto, competitividade, independência, competência, hierarquia [e] controle” (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 1992, p.95). Portanto, esses estudos não explicam o significado social e a “relação de como e por que linguagem e gênero interagem” (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 1992, p.94), pois “as pessoas e suas atividades, incluindo suas práticas de uso da linguagem, nunca são vistos de modo integralmente concreto ou pluralístico” (p.94). O comportamento linguístico é, então, explicado mediante características comportamentais do homem e da mulher enquanto sexo biológico (como parte da natureza) e não como construto social.

No entanto, o grande problema, segundo aponta Eckert e McConnell-Ginet, diz respeito à generalização e abstração dos dados obtidos em demasia. Ademais, as autoras ressaltam que os pesquisadores saltam precipitadamente de observações locais para

afirmações gerais, e “com frequência, eles (nós incluídos/as) também ignoram os múltiplos usos de recursos linguísticos particulares nas práticas de dada comunidade”. Assim, as autoras convidam os pesquisadores ao encorajamento “de uma visão da interação entre gênero e linguagem que ancore cada um desses significados nas práticas sociais cotidianas de comunidades locais específicas e os veja como conjuntamente construídos nessas práticas” (p. 96). Como bem afirma Freitag (2015),

se a Sociolinguística tem como premissa, em tendência ampla, o estudo da relação entre língua e sociedade, precisa considerar que a sociedade muda; se a sociedade muda, as explicações do modelo teórico-metodológico deveriam, também, mudar: a explicação de as mulheres preferirem as formas padrão ou não estigmatizadas, por conta de seu papel como mães e educadoras, talvez fosse válida e pertinente nos anos 1960; hoje, não se pode dizer que é este o papel das mulheres na sociedade (FREITAG, 2015, p.17).

A fala de Freitag (2015), acima, reafirma, indiretamente, o caráter mutável da língua, da sociedade e dos estudos científicos. Se a sociedade muda, os papéis sociais mudam, a língua muda e os usos que fazemos dela também. Enquanto organismos vivos e em construção constante e nunca acabada, a sociedade e nós pesquisadores devemos dar conta de explicar determinadas peculiaridades complexas em nossa realidade, em nossas devidas áreas.

O nível de abstração por grande parte das pesquisas sociolinguísticas mais tradicionais é expressivo e deve ser pensado criticamente na medida em que se deve ter sensibilidade, enquanto pesquisador, para observar que a determinação dos “padrões” de comportamentos linguísticos de homens e mulheres, por exemplo, foram feitos em momentos diferentes, em circunstâncias e com populações diferentes daquelas que se pretende explicar.

Dessa forma, se faz necessário

abandonar uma série de pressupostos recorrentes nos estudos de gênero e linguagem: que gênero opera independentemente de outros aspectos da identidade e das relações sociais; que “significa” a mesma coisa em comunidades diferentes; e que as manifestações linguísticas desse significado também são semelhantes em comunidades distintas (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 1992, p.96)

Portanto, a (re)invenção, a complementação, e a reflexão de novas metodologias para estudar determinados “objetos” de pesquisa é considerada bem-vinda. Consoante aos pressupostos de Eckert e McConnel-Ginet (1992), aceitamos o convite de fazermos observações mais localizadas dentro das comunidades de prática, cujo objetivo é a investigação da construção do significado social dentro das práticas comuns dos informantes,

diferentemente dos estudos de base laboviana, que tomam como objeto as comunidades de fala.

Voltando à noção de performatividade trazida por Butler (1990): essa visão possibilita a problematização das identidades, tidas como “fixas” e “concretas”. Ao afirmar que a identidade está sempre em construção, a autora acredita em um “sujeito em progresso”. Nesse sentido, suas ideias se aproximam do que explica Hall (2000; 2005) acerca da impossibilidade de uma identidade fixa. Para esse autor, “tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência, e ao mesmo tempo, uma impossibilidade” (HALL, 2005, p. 84).

Stuart Hall ressalta que o conceito de identidade é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e, além de tudo, muito pouco compreendido para ser posto à prova, sendo, deste modo, impossível oferecer afirmações conclusivas a respeito do conceito.

Para esse autor, “a identidade [é] uma ‘celebração móvel’ formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1987 *apud* HALL, 2005, p.13). Nesse sentido, a identidade pode ser entendida e definida historicamente, mas nunca biologicamente, pois ela não nasce com o sujeito.

a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em “processo”, sempre sendo formada (HALL, 2005, p.38).

Para o autor, é impossível pensar em uma identidade homogênea, pois à medida que somos expostos a diversos sistemas de significações, somos confrontados por uma multiplicidade de identidades possíveis, com as quais podemos nos identificar ao menos temporariamente.

podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performático. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com as relações de poder (SILVA, HALL, WOODWARD, 2000, p. 96-97)

Dessa forma, o autor acredita que, ao invés de falarmos de identidade como uma coisa já acabada, “deveríamos falar de *identificação* e vê-la como um processo em andamento” (p. 39 [grifo nosso]).

De acordo com o autor, a identificação não acontece de forma automática e pode ser ganhada ou perdida, processo semelhante e interligado à vivência/permanência dos falantes em comunidades de prática, conceito tratado na seção 4.2.

Assim, enxergamos os processos de identificação e consequentemente a identidade como

um processo nunca completado - como algo sempre "em processo". Ela não é, nunca, completamente determinada - no sentido de que se pode, sempre, “ganhá-la” ou “perdê-la”, no sentido de que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada (...). A identificação é, pois, um processo de articulação, uma superação, uma sobre determinação, e uma subsunção. Há sempre demasiado ou muito pouco - uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade (HALL, WOODWARD, 2000, p. 106)

Adentrando para a aplicação desse “conceito” na prática do fazer linguístico, Bucholtz e Hall (2005, p. 585-586) tratam a identidade “como um fenômeno relacional e sociocultural que emerge e circula em contextos discursivos locais”. Para as autoras, as identidades são produtos/efeitos de práticas socioculturais que somente podem ser investigadas por estudos etnográficos que analisem, com atenção, as performances locais dos indivíduos (BUCHOLTZ; HALL, 2003; 2004; 2005). Tal concepção não se distancia do pensamento das autoras Eckert e McConnell-Ginet.

A visão que se apresenta diante de nós, então, é que a identidade se constrói na interação linguística, isto é, nas práticas sociais em que o falante se engaja. Corroborando com Bucholtz e Hall (2005),

nós defendemos o valor analítico de abordar a identidade como um fenômeno relacional e sociocultural que emerge e circula mais em contextos de discurso local de uma interação do que em uma estrutura estável localizada primariamente em uma psique individual ou em categorias sociais fixas (BUCHOLTZ; HALL, 2005, p. 587)⁶.

⁶ We argue for the analytic value of approaching identity as a relational and sociocultural phenomenon that emerges and circulates in local discourse contexts of a interaction rather than as a stable structure located primarily in the individual psyche or in fixed social categories (BUCHOLTZ; HALL, 2005, p. 587, tradução nossa)

Assim, os usos linguísticos não ocorrem com base em uma identidade já preestabelecida, pois para ela continuar a existir precisa ser constantemente afirmada e reafirmada linguisticamente. Com efeito, a constituição da identidade pode ser considerada como performativa (cf: Butler, 1990).

Nessa perspectiva, é com e pela linguagem-em-uso e é com e pelos recursos semióticos aos quais temos acesso que determinados sistemas de saber/poder se solidificam em nossas práticas diárias na forma de performances semióticas situadas que têm como efeito a projeção local de certos modelos de identidade (WORTHAM, 2006) que guiam nossa vida social (BORBA, 2014, p.22)

Percebe-se que embora Butler (1990; 2003) tenha focalizado suas análises na questão do gênero, sua abordagem performativa tem sido profícua para os estudos sobre “estilizações de performances identitárias em geral” (BORBA, 2014, p.22). A língua(gem) centra-se, então, como fator primordial na constituição das identidades e, conseqüentemente, do sujeito. Nesse contexto, a Sociolinguística entra para estudar a língua em seu contexto social. Para tanto, busca descrever e explicar os processos linguísticos variáveis através da correlação de fatores de ordem estrutural (próprios da língua) e dos fatores sociais relacionados ao falante (LABOV, 1972).

Notadamente, os estudos mais recentes dessa área, os estudos sociolinguísticos de Terceira Onda têm se estendido para além dos fatores sociais para explicar a variação e também a diversidade linguística, voltando sua atenção para os indivíduos (e suas escolhas) ao priorizar a investigação do fator estilo. Este fator “se define pelo que o falante faz com a língua, levando em conta o universo social que o permeia. É algo social e, como tal, encontra seu significado nas associações entre o indivíduo, sua identidade e os papéis que ele desempenha no mundo” (VELOSO, 2014, p. 2).

Mesmo que tratando a língua como fenômeno social, essa perspectiva teórico-metodológica focaliza as escolhas individuais do falante e/ou de grupos, abrangendo, principalmente, as significações negociadas no processo comunicativo dentro das comunidades. Partimos da premissa de que o falante evidencia traços de sua identidade ao fazer uso da língua, desse modo, acreditamos que o processo de identificação da *persona* está intimamente ligado ao fator estilístico que, por sua vez, pode subverter algumas normas linguísticas impostas pelas relações de poder. Logo, a variação estilística pode explicar as significações sociais por trás das formas estilísticas empregadas, compreendendo questões da própria construção de identidade.

Assim, “por meio do estilo os falantes podem combinar modos distintivos de fala, construindo sua identidade social, dada a importância da linguagem para se conceber e se consolidar individualmente ou em grupo” (NOGUEIRA, 2017, p. 27)

Nesse percurso bibliográfico rapidamente traçado, “(...) deve-se destacar a consideração de que os falantes-indivíduos têm alguma consciência dessa propriedade da linguagem e manipulam-na para a construção de sua identidade social” (MENDES, 2012, p. 117).

Sumarizando, a grosso modo, esta seção, assumimos aqui uma visão de lingua(gem) como resultado das práticas sociais do falante, em que ao passo que ela resulta, concomitantemente, se constitui e se transforma mediante tais práticas. O gênero, por sua vez, é entendido como o gênero como performativo porque configura a sua existência por meio de práticas repetitivas e reiterativas do uso da linguagem, por este motivo nunca está totalmente acabado, tal qual a identidade linguística (e social), que é repetitiva, reiterada e transformada nas práticas sociais em que o falante se insere através dos usos linguísticos, por isso também é considerada um processo sempre inacabado.

A seguir, apresentaremos a Terceira Onda dos estudos sociolinguísticos e alguns estudos realizados com base nessa perspectiva teórico-metodológica. Contudo, não apresentaremos estudos que tratem o fenômeno investigado nesse trabalho, o vocativo, pois tanto quanto saibamos não há nenhum outro estudo que tenha investigado o uso de tal fenômeno morfosintático a partir dessa perspectiva. Os estudos apresentados tratam, sobretudo, de investigações localizadas (comunidade de prática), identidade e rede sociais, fatores que nos servirão de base para a análise do nosso fenômeno.

2 TERCEIRA ONDA DOS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS: *METODOLOGIA, ALGUNS ESTUDOS E QUESTÕES PERTINENTES*

A área da Sociolinguística tem como pressuposto base estudar os padrões observáveis do comportamento linguístico nas práticas de uso. Ocupa-se, para tanto, das relações entre a língua e a sociedade, com enfoque no caráter heterogêneo da língua e nos usos linguísticos concretos. A sociolinguística apresenta, em seu desenvolvimento, três perspectivas de análise distintas, denominadas de ‘ondas’. A *primeira onda* dos estudos sociolinguísticos caracteriza-se potencialmente pelos estudos do linguista William Labov (2008 [1972]), a *segunda onda* caracteriza-se pelos estudos etnográficos e a *terceira onda* centra-se nos estudos em comunidades menores. Enfocaremos esta última por ser aporte teórico-metodológico do nosso trabalho. Sobre as duas ondas anteriores, podem ser consultados os trabalhos de Eckert (2000), Veloso (2014), Freitag (2015), entre outros.

As investigações de *Terceira onda* seguem a metodologia Laboviana, acrescentada dos estudos etnográficos, cujas pesquisas são mais localizadas, e centram-se em comunidades menores, denominadas de *comunidades de prática*, segundo Eckert (2000), aí está o *lócus* da variação linguística.

Estudos em comunidades de prática são mais localizados, diferentemente dos estudos realizados em comunidades de fala: por serem maiores, estes permitem mais generalizações; aqueles, por sua vez, centram-se nos indivíduos e em suas práticas. Assim, estudos sobre comunidades de prática são mais dinâmicos e permitem olhar para a heterogeneidade linguística de forma a explicar a variação para além das categorias sociodemográficas. Os estudos que se apresentam nessa nova abordagem focalizam o indivíduo e suas interações sociais, e a construção da *persona* nesse meio.

Para tanto, utiliza-se o método da observação participante, próprio de pesquisas etnográficas, método utilizado em pesquisas antropológicas e também por Labov no Harlem (Labov *et al* 1968). Tal método é recurso para uma inserção mais profunda na comunidade de prática e permite ao pesquisador-observador uma análise específica, devido à convivência com o grupo.

Eckert (2000), por exemplo, observou um grupo de adolescentes em Belten High, nos arredores de Detroit. Na oportunidade a autora observou como as pessoas constroem significados mediante suas práticas e como os demais grupos reagem a eles, como se reconhecem e como são reconhecidas pelos demais membros da comunidade. Foi constatado

que as pessoas agem e dão significados ao seu meio a partir dos próprios significados que encontram nele, em um processo de apropriação de significados, ou ressignificação desses, e o produto é a linguagem (e a própria identidade), que sofre influência dessas práticas.

Na etnografia, o observador pode interagir diretamente com esse universo simbólico e perceber como a linguagem e os costumes se comportam, além de observar em quais práticas o indivíduo se envolve, o seu estilo de falar, de vestir-se e de se comportar, hábitos ou até *hobbies* corriqueiros, a depender da comunidade. Tal dinâmica permite que o observador entenda as ações realizadas pelos grupos. Na observação participante, há dois fatores importantes: o tempo e o lugar. O primeiro diz respeito ao tempo cronológico: quanto mais tempo o pesquisador ficar na comunidade, mais confiança e intimidade ganhará dos demais membros e aumentará o leque de possibilidades para interpretação dos fenômenos estudados. Quanto ao lugar, é preciso considerar as influências que o lugar tem sobre a linguagem e as ações dos membros.

Para Eckert (2000), “a etnografia é um processo de criação de sentido mútuo entre todos os participantes da etnografia. Qualquer caminho tomado pelo pesquisador em uma comunidade constrói uma história particular e uma perspectiva particular sobre a comunidade e as pessoas que a constituem”⁷ (ECKERT, 2000, p. 76). Para tanto, tais estudos demandam não só tempo, mas sensibilidade do pesquisador e olhar atento aos participantes. *A priori*, o processo é complicado, por haver uma interação complexa entre os envolvidos, em que nós pesquisadores

conhecemos pessoas, conversamos com elas, as observamos e elas nos observam e todos, em uma ordem particular, estabelecem expectativas para o próximo encontro. Nós [pesquisadora e informante] estamos engajados em um processo de construção de sentido, e agimos nesse sentido à medida que avançamos⁸ (ECKERT, 2000, p. 76).

Assim, tal metodologia empirista aprofunda os estudos dentro do campo individual, pois ajuda o pesquisador a compreender pessoas, entidades e organizações diversas, de modo que possa explicar os processos individuais, políticos e organizacionais da comunidade em questão. Usa-se também o preenchimento das fichas sociais da primeira onda, com o mesmo

⁷ Etnography is a process of mutual sense making among all participantes in the etnografy. Any path the researcher takes into a community builds up a particular history, and a particular perspective on the community and the people who constitute (ECKERT, 2000, p. 76, tradução nossa).

⁸ We meet people, we talk to them, we watch them, they watch us and all in a particular order, setting up our expectations for the next encounter. We are engaged in a process of sense-making, and we act on that sense as we go along (ECKERT, 2000, p. 76, tradução nossa).

propósito de alcançar particularidades da variação e do lugar social, além das gravações, só que estas terão maior duração, a depender do tempo que o pesquisador ficará em campo.

O objetivo da observação participante, nesse tipo de trabalho, é recolher dados sobre o comportamento sociolinguístico de uma determinada (micro)comunidade em contextos de fala naturais. Na pesquisa que deu origem à presente dissertação, a introdução da pesquisadora na comunidade se deu pelo contato de redes sociais. Em consonância à metodologia empregada em pesquisas da terceira onda da Sociolinguística, o entrevistador é apresentado ao grupo por um amigo em comum e é introduzido gradualmente na comunidade, até que ganhe a confiança dos demais e converta-se “aparentemente” em um membro. Tal “técnica” também está presente na discussão sobre o paradoxo do observador, de Labov (2008[1972]), como forma de superar a formalidade que a presença do pesquisador impõe ao contexto de interação, e assim colher-se dados fidedignos e espontâneos.

A partir de então apresentaremos os principais pontos de alguns estudos que trazem como base a perspectiva teórica-metodológica dessa vertente, como os estudos da própria Eckert (2000), Batisti (2014), Nogueira (2017) e Carvalho e Almeida (2017).

A terceira onda dos estudos sociolinguísticos centra-se na teoria da variação linguística por meio da prática social que os indivíduos exercem, tendo como principal mote o estudo da variação estilística, como se perceberá melhor a seguir.

2.1 ECKERT (2000)

Como já dito anteriormente, Eckert (2000) investigou um grupo de adolescentes em *Belten High*. Na oportunidade, a autora estudou a comunidade de prática e como a variação se manifesta nesses locais onde a construção de identidades (individuais e grupais) acontece. Para tanto, a autora investigou em quais atividades os adolescentes se engajavam, suas redes sociais (amigos), como se reconheciam e como eram reconhecidos pelos demais membros do colégio, além de a que classe social pertenciam, e até suas preferências por estilo de roupas, músicas etc. Manteve contato próximo com os estudantes e com as estudantes, podendo sentar-se com eles, conversar e observá-los por um longo período. A pesquisa obteve um *corpus* de gravações de cerca de trezentas horas, incluindo entrevistas tradicionais da sociolinguística, discussões em grupo e uma variedade de eventos públicos que aconteceram na escola.

Eckert (2000) detectou a presença de dois grupos polarizados em *Belten Hight*: os *jocks* e os *burnouts*, e um terceiro, composto por adolescentes que se consideravam intermediários, ou seja, alunos que transitavam por entre os dois grupos, autodenominados de *in-betweens*. Estes mudavam a paisagem de identidade no colégio, uma vez que ser *jock* ou *burnout* era bem característico. Segundo ela, as escolas dos EUA são projetadas para dominar e estruturar a vida dos adolescentes (até a faculdade). Dessa forma, não apenas fornecem instrução acadêmica e vocacional, mas propiciam um ambiente social mais abrangente. Por exemplo, a escola em questão oferecia atividades como esporte, musicais, feiras, entre outras. Contudo, a escola não organizava tais atividades para os alunos, pelo contrário, os alunos tinham autonomia para realizá-las e para isso eram garantidos recursos e autonomia para eles. Além disso, os alunos que se engajavam nas atividades extracurriculares eram recompensados com *status* institucional e privilégios dentro da instituição. Todavia, os alunos que não obedeciam a essas regras eram tidos como desviantes, como era o caso dos *burnouts*.

O grupo dos jovens *burnouts* representavam a classe trabalhadora, eram orientados para a vida urbana, para o trabalho e sua comunidade local, enquanto os jovens do grupo *jocks* representantes da classe média, eram orientados para a vida acadêmica e para a cultura institucional. Assim, os grupos se distinguiam em diversos aspectos, tais como normas, estilo, ideologia, comportamentos etc.

Eckert e McConnell-Ginet (2000) observaram dois aspectos do uso da linguagem em *Belt Hight*, a saber: a rotulagem e outros tipos de conversa sobre as categorias e relações sociais e a variação na pronúncia de certas vogais. Sobre os aspectos investigados, as autoras apontaram que

O primeiro nos dá uma perspectiva a partir do conteúdo linguístico sobre como o gênero e a prática de classe e as dificuldades centradas neles procedem. A rotulação social discrimina entre as pessoas e é usada como uma arma para dividir e ridicularizar. Tentativas de definir e delimitar o que rótulos significam são na verdade tentativas de delimitar como as pessoas e as estruturas sociais que elas constroem podem ou deveriam ser. Poder desigual em processos sociais gerais se traduzem em poder desigual em ser bem-sucedido em projetos de definição (...). Investigações sobre variação fonológica oferecem um modo de ver fenômenos similares, mas em um nível diferente. Usos reais da linguagem sempre têm um aspecto formal assim como conteúdo, e a forma sempre enriquece (algumas vezes contradiz) o que é transmitido na fala social. Propriedades formais dos enunciados em muitos casos são a única fonte de significado social. Agora, como alguém pronuncia uma vogal específica em uma ocasião específica raramente recebe a mesma atenção consciente que molda o conteúdo das respostas para perguntas sobre

popularidade e sobre o quão legal algo/alguém é (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1995, p. 37)⁹.

De acordo com as pesquisadoras, os dois grupos distintos “surtem como comunidades de prática baseadas em classes em resposta à instituição escolar. Cada um é baseado no esforço para construir um modo de vida dentro e fora da escola que faz sentido e que fornece os meios para construir identidades valorizadas¹⁰” (ECKERT; MCCONNELL-GINET, p. 9). Assim, a oposição é fortemente confirmada pelas diferenças de discurso entre os membros dos dois grupos, diferenças referentes a vocabulário, gramática e pronúncia. Contudo, as autoras afirmam que essas diferenças não são simplesmente marcadores de filiação de grupo, mas também carregam em si significados sociais complexos que fazem parte da construção de gênero de um *jock* ou um *burnout*. Intentando encontrar tais significados por meio de correlações entre o uso de variáveis e indicadores da prática social, Eckert e McConnell-Ginet centram-se na análise de variáveis fonológicas que entram na construção de identidades sociais na escola. De acordo com sua perspectiva, “a produção de estilos linguísticos faz parte da produção de identidades e as pronúncias locais e regionais fornecem alguns dos recursos que podem ser usados de forma estilística¹¹” (p. 32).

A discussão enfoca duas vogais que têm significado simbólico na comunidade. De acordo com as autoras, o significado simbólico está associado às inovações recentes na pronúncia e refletem mudanças sólidas em andamento:

- (uh) como em *fun*, *cuff*, *but*, está se movendo de volta para que soe como a vogal em *fawn*, *cough*, *bought*.

⁹ The first gives us a perspective from linguistic content on how gender and class practice and struggles centered on them proceed. Social labeling discriminates among people and is used as a weapon to divide and to deride. Attempts to define and delimit what labels mean are really attempts to delimit what people and the social structures they build can or should be like. Unequal power in general social processes translates into unequal power in succeeding in definitional projects (...). Investigations of phonological variation offer a way to view similar phenomena but at a different level. Actual uses of language always have a formal aspect as well as content, and form always enriches (sometimes contradicts) what is conveyed in social talk. Formal properties of utterances in many cases are the only source of social meaning. Now how one pronounces a particular vowel on a particular occasion seldom receives the same conscious attention that shapes the content of answers to questions about popularity and coolness (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1995, p. 37, tradução nossa).

¹⁰ Citação do texto: Constructing meaning, constructing selves: Snapshots of language, gender and class from Belten High, de Eckert e McConnell-Ginet. “The jocks and the burnouts arise as class-based communities of practice in response to the school institution. Each is based in the endeavor to build a way of life in and out of school that makes sense and that provides the means to construct valued identities”. (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1995, p. 9)

¹¹ The production of linguistic styles is part of the production of identities, and local and regional pronunciations provide some of the resources that can be put to stylistic use.

- O núcleo [a] do ditongo (ay) como em *file*, *line*, *heist* aumenta para [U] ou [O], de modo que o ditongo pode soar mais como o ditongo em *foil*, *loin*, *hoist*. (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1995, p. 32)

Eckert (2000) afirma que para cada uma das vogais investigadas, as pronúncias (no fluxo da fala) irão variar do nível conservador ao nível inovador com vários estágios intermediários. Seus estudos mostraram que a maioria dos falantes observados da comunidade (escola) usam toda a gama de pronúncias e geralmente dentro da mesma conversação. “Os falantes variam na frequência com que eles usam as pronúncias mais conservadoras e as pronúncias mais inovadoras. É na pronúncia média do falante ou no uso estratégico de uma ou de outra pronúncia que essa variabilidade passa a ter significado social”¹² (ECKERT; MCCONNELL-GINET, p. 32).

Em suma, parafraseando as autoras, a mudança do som origina-se em comunidades localizadas, por exemplo, a classe trabalhadora – os *burnouts* – é responsável, espalhando gradualmente para cima através das hierarquias. Assim, as novas mudanças sonoras tendem a ganhar significado local “e servem como parte do repertório social-simbólico local” (p. 32). A fala dessa classe, geralmente, mostrará mais variantes inovadoras do que os *jocks* – a classe média – por exemplo. Por outro lado, é provável que os *jocks* evitem pronúncias mais localizadas, uma vez que sua pronúncia tende a ser mais fiel à indexação da instituição acadêmica, e assim tentam transcender os recursos locais e as lealdades locais, que são marcas características, por assim dizer, de pertencimento a uma comunidade. Logo, é de se esperar que os *burnouts* usem mais variantes das vogais apresentadas acima, dando sentido à lealdade e à identidade local.

De acordo com Severo (2015), nesse estudo, a classe social e o gênero estariam fortemente vinculados à mudança linguística em progresso. Contudo, “os agentes da uniformização linguística não seriam esses dois grupos, mas os chamados “*inbetweens*”, que sobrepujam as atitudes rebeldes dos *burnouts* aos usos linguísticos dos *jocks*” (SEVERO, 2015, p. 77).

¹² However, speakers will vary in the frequency with which they use the more conservative pronunciations and the more innovative pronunciations. It is in the speaker’s average pronunciation, or in the strategic use of one or the other pronunciation, that this variability comes to have social meaning (ECKERT; MCCONNELL-GINET, p. 32, tradução nossa).

2.2 BATISTI (2014)

Batisti *et al* têm se dedicado ao estudo da realização da palatização das oclusivas aveolares (tia-tʃia, dia-dʒia, mate- matʃ, cidade-cidadʒ) em Antônio Prado-RS¹³, região formada por imigrantes italianos. Seus estudos verificaram que essa variação inovadora obteve um percentual de 30% de frequência.

Após a obtenção desse resultado, em um segundo trabalho, *Rede sociais, identidade e variação linguística*, Batisti investigou as redes sociais na comunidade com intuito de explicar tal variação linguística através desse tipo de “agrupamento”, observando, sobretudo, a influência das redes nesse processo. Para a montagem do *corpus* foram selecionados 48 informantes e a partir das entrevistas sociolinguísticas foi formada a rede social de cada informante, mediante um sistema de indicação.¹⁴

Foi constatado que os membros da comunidade se conheciam e se relacionavam, mas mantinham graus diversos de intimidade. Deste modo, Batisti analisou a rede social de Antônio Prado em duas dimensões: a da densidade e a da plexidade. Pela plexidade a autora levou em conta a intimidade/frequência dos contatos. “A hipótese seguida foi a de que laços mais íntimos entre os indivíduos implicariam um maior grau de interação pela fala, e isso potencializaria a influência do comportamento linguístico de um indivíduo sobre o do outro” (p. 87). Baseada em Milroy e Milroy (1985), a autora acredita que os laços mais íntimos sejam laços fortes e menos suscetíveis a mudanças, mais reforçados no falar em grupo.

Em sua pesquisa, Batisti atestou que os “os laços familiares e de colegas de trabalho são os relacionamentos mais importantes em Antônio Prado, pela sua intimidade e frequência de interação. No entanto, nem todo o laço desse tipo é igual” (p.88).

No ambiente de trabalho, por exemplo, distinguem-se os que supõem intimidade e interação diária, que não implicam tal frequência e modo de interação. O mesmo se aplica aos laços de amizade, de vizinhança, de colaboração em associações e aos estabelecidos entre parentes, quando, conforme os depoimentos dos próprios entrevistados, distinguem-se parentes próximos de parentes distantes (BATISTI, 2014, p.88).

¹³ Nesse estudo foram observadas 48 entrevistas sociolinguísticas retiradas do BDSer – Banco de dados da Serra Gaúcha, sendo 24 informantes da zona urbana, 24 informantes da zona rural, dos gêneros masculino e feminino e de quatro grupos etários diferentes (15 a 30 anos, 31 a 50 anos, 51 a 70 anos, 70 ou mais anos).

¹⁴ Durante a entrevista um informante indicava outro com as mesmas características sociais. Quando não era possível obter esse tipo de informação, os pesquisadores entrevistavam falantes com o perfil exigido e perguntavam se eles conheciam os demais membros já entrevistados, bem como que tipo de relacionamento mantinham.

A autora traça um perfil da rede social da comunidade baseado no grau de intimidade entre os membros, ilustrado abaixo:

1. Primeiro grau

1A – Marido/mulher

1B – Pais/filhos

1C – Colega de trabalho com interação

2. Segundo grau

2A – Tios/sobrinhos/primos/cunhados

2B – Amigos íntimos

2C – Vizinho íntimo

2D – Colega de associação com interação

3. Terceiro grau

3A – Amigo não-íntimo

3B – Vizinho não-íntimo

3C – Colega de trabalho sem interação

3D – Colega de associação sem interação

3E – Tios/sobrinhos/primos/cunhados sem interação

Referente à plexidade, constatou-se que a quantidade de vínculos de grau 1 e 2, considerados fortes, foram maiores na zona rural, em oposição à zona urbana. Segundo a autora, esses laços fortaleceriam o vínculo local.

Batisti, então, lança dois questionamentos: que posição os jovens ocupam na rede, independente da zona que habitam? Seriam eles periféricos?

A observação das práticas sociais dessa parcela da população revelou um localismo peculiar. A saída dos jovens para fora da comunidade, principalmente para cursar faculdade, merece destaque. A autora afirma que “em termos linguísticos, no contato com outros padrões de fala [o jovem de Antônio Prado] pode, nessa circunstância, sentir-se pressionado a evitar formas reveladoras de sua identidade local, como não palatalizar”.

Para a autora, isso mostra que “essa variante, saliente na região, pode ser usada como um recurso identitário, para aproximar os falantes dos forasteiros ou, fora dos limites da comunidade, no âmbito aqui denominado global, para encobrir sua identidade” (p.92).

embora os informantes estabeleçam relações supraterritoriais em algumas de suas práticas, convivem na comunidade conforme os velhos padrões da família patriarcal, o que denota, em termos de identidade, uma orientação para o local e acaba restando a expansão maciça de elementos globais sobre os traços locais. Em termos linguísticos, isso corresponde a uma situação de aparente transitoriedade: há variação, mas moderada (BATISTI, 2014, p.93).

Ou seja, por conta da mobilidade territorial os informantes, são expostos a outros padrões de fala, cujas características linguísticas podem se agregar às suas, mas, ainda assim,

aparentemente, os jovens refreiam o processo de mudança devido a sua orientação para o local.

Batisti ainda faz algumas observações etnográficas a respeito das características da comunidade e, principalmente, da relação dos informantes com ela. Os aspectos como pertencimento, cultura e valores atrelados às tradições da colonização e às famílias italianas foram reforçados na descrição, assim como o comportamento dos jovens para com a comunidade, forneceram recurso para se pensar em uma identidade local.

“Esse localismo, em parte, explica as vinculações de suas práticas com as tradições da imigração italiana, noutra parte, a necessidade/desejo de inovar e rever essas vinculações” (p. 94). A autora destaca que durante a investigação não foi percebido qualquer julgamento de valor positivo por parte dos falantes em relação a variante inovadora (palatalização), tais como bonito, moderno, correto etc., tampouco valores negativos. Contudo, essa variante foi associada ao que é de fora da comunidade, que não é local.

Em termos de práticas social e cultural local, esse estudo etnográfico deu indícios de que estaria ocorrendo na comunidade uma espécie de hibridismo, em que aspectos tradicionais e inovadores estariam convivendo, favorecendo a mudança linguística, mesmo que lentamente, que ocorre acompanhando as mudanças sociais.

2.3 NOGUEIRA (2017)

Baseada nos estudos de Eckert (2000) e Podesva (2000), Nogueira (2017) realizou um estudo de caso com um gay masculino da faixa etária de 18-25 anos, na cidade de Serra Talhada-PE. A autora colheu os dados de fala do informante em três situações de fala diferentes: *entrevista sociolinguística*, *conversa entre amigos* e *ambiente de trabalho*, com o intuito de investigar a variação estilística como processo de construção da identidade.

Em suma, esse estudo verificou que a produção linguística do informante variava a depender do ambiente de fala em que estava inserido, em outras palavras, havia uma mudança de estilo a depender do local e das pessoas com as quais o informante se engajava. Como resultado, o contexto de fala *ambiente de trabalho* apresentou maiores índices de policiamento da fala, aproximando-se da norma culta, enquanto os contextos de entrevista sociolinguística e conversa entre amigos se aproximaram do vernáculo da língua, ou seja, de uma fala considerada casual.

Além das observações acerca dos aspectos discursivos (sobretudo político-sociais) envolvendo a discussão de gênero, como a afirmação e aceitação da sexualidade mediante o conservadorismo da cidade em que o informante vive, Nogueira (2017) observou aspectos linguísticos como *a marcação do /r/ em posição de coda silábica*. Tal fenômeno foi bastante produtivo, por isso chamou a atenção da pesquisadora, dado o fato de que a realização desse rótico nesta posição não é comum na região do Nordeste, o que levou a autora a assumir que essa produção linguística seria uma marcação estilística por parte do falante.

Por fim, Nogueira (2017) concluiu que o fator estilístico na fala do informante estaria ligado à “identidade ou identificação do sujeito numa tentativa de construir sua identidade individual ou um traço [individual] de distintividade” (p. 54).

2.4 CARVALHO E ALMEIDA (2017)

Carvalho e Almeida (2017), no artigo *Autopercepção e identidade linguística em comunidade de prática em Salvador – BA*, observaram a fala de dois soteropolitanos gays de diferentes regiões socioeconômicas em duas situações de fala diferentes: *entrevista sociolinguística e conversa entre amigos*.

Além de utilizarem como base a perspectiva teórico-metodológica da Terceira Onda (2000), os autores consideraram o traço *empatia* (KUNO, 1987) para analisar a fala dos informantes em relação, principalmente, aos termos *viado*, *bicha* e *mona*, empregados, tradicionalmente, como expressões depreciativas. Assim, foi observado a empatia de cada informante com os termos e suas respectivas (re)interpretações para eles, além de observar os traços linguísticos que permitiam identificar a filiação dos informantes a uma comunidade de prática.

Ambos os informantes tinham a faixa etária entre 18 e 25 anos e frequentavam os bairros Orla e Centro, estes caracterizados por receberem frequentantes, respectivamente, da classe média (Orla) e da classe média baixa, principalmente (Centro).

Para a montagem do *corpus*, Carvalho e Almeida selecionaram trechos de fala em que os termos referidos deixaram de ser “empregados enquanto expressões adjetivais e passa[ram] a fazer referência de pessoa” (p. 84).

Na análise dos dados, os autores percebem “que a distribuição geográfica, uma das variáveis tradicionais da sociolinguística, não [era] suficiente para definir as comunidades de

prática observadas”. Entretanto, percebeu-se que a noção de indexicalização se mostrava essencial para essa definição, pois “na medida em que o falante faz uso de expressões como ‘bicha’ em momentos específicos, ele inaugura um contexto relevante para a fixação de tal termo a um valor semântico” (p.93).

Foi verificado que os informantes apresentavam discursos distintos em relação à comunidade LGBTQI+: apenas o informante frequentante ativo do bairro Orla, onde há maior mobilidade do público gay de classe média em ambientes como bares, clubes etc., desenvolveu um valor positivo [+ empático] para com as expressões linguísticas, enquanto que o informante do Centro, cuja frequência nos ambientes de prática gay é baixa, apresentou um valor negativo [- empático] e “linguisticamente não se sent[iu] confortável em articular a construção de *persona* a um termo como viado, por exemplo” (CARVALHO; ALMEIDA, 2017, p. 93), demonstrando, portanto, não estar suficientemente engajado em tais comunidades de prática, diferentemente do informante [+ empático].

Os autores assumiram que “as diferentes seleções lexicais no que diz respeito à utilização pronominal das expressões em questão, deve-se (...) as impressões [dos falantes] em relação à filiação às comunidades de prática gay” (p. 91).

Nesse caso, o informante que apresentou um valor positivo para os termos tem forjado sua identidade e filiação à comunidade a partir da produção linguística. Assim, foi assumido nesse estudo que tal informante tem “uma postura empoderada na medida que assum[iu] uma identidade subalternizada” (p.94), além de ressignificar o uso das expressões, antes empregadas como adjetivos pejorativos para a referência de pessoa.

Como resultado, os autores reconheceram o uso de tais expressões como marcas de referências específicas de identidade. O estudo de Carvalho e Almeida (2007) corrobora com os estudos de terceira onda propostos por Eckert (2000), em que se afirma ser preciso observar as relações que os indivíduos estabelecem nas comunidades, para além das categorias sociodemográficas. Assim, tem-se a identidade como fator em construção agregado a outros aspectos socioculturais de valor simbólico e os estudos localizados em comunidades de prática permitem-nos traçar uma distribuição local tal qual a realizada pelo estudo acima.

De modo geral, mostramos nesta seção alguns estudos relevantes para o desenvolvimento do nosso trabalho. Esses estudos demonstram que as pesquisas em pequena escala, como as análises em rede social e comunidade de prática, oferecem recurso para se pensar metodologias para a área da Sociolinguística.

As pesquisas sociolinguísticas na linha de atuação da Terceira onda procuram explicar a variação e a mudança linguística considerando os papéis e as atividades que o indivíduo desempenha em meio a suas relações sociais.

Procura-se analisar o *estilo* como um fator que contribui efetivamente para a construção do significado social da variação nesses grupos sociais menores, a fim de dar visibilidade e por em foco os processos de elaboração da identidade e a construção da linguagem no meio. Assim, a construção do significado social da variação pode ser explicada não apenas através de categorias capazes de ser estaticamente medidas (sexo, idade, ex.), mas por (e principalmente) categorias abstratas também.

Baseados nos apontamentos acima, consideramos os estudos referidos nesta seção como primordiais para a construção desta dissertação, pois, como já enfatizado, eles apresentam (aos pesquisadores da Sociolinguística) um aporte teórico-metodológico rico sob uma nova visão investigativa.

Sendo assim, nos apoiamos nos estudos supracitados de Eckert (2000) e Eckert e McConnel-Ginet (1995), que potencializaram os estudos sobre a relação entre a variação estilística e as comunidades de prática, sendo Eckert a principal expoente dos estudos de Terceira Onda, constituindo-se, desse modo, como nossa principal referência teórica; também nos apoiamos no estudo de Batisti (2014), o qual foi relevante para o nosso trabalho a definição de rede social, bem como a noção da existência de um perfil hierárquico da rede (descrito a partir do grau de intimidade do informante com as pessoas com quem se engaja), além de nos servir dos direcionamentos da autora para a observação do valor das significações locais para os usos linguísticos; também citamos o estudo de Nogueira (2017), do qual se originou este trabalho, sendo que foi importante para nós a delimitação dos diferentes contextos sociais escolhidos para a investigação e a observação da mudança do estilo linguístico quando se alterar o ambiente de prática social do informante; e o estudo de Carvalho e Almeida (2017), do qual nos utilizamos de seus apontamentos a respeito da percepção da filiação dos informante a uma determinada comunidade de prática.

Desse modo, este trabalho baseia-se em autores que dissertam sobre *significado social*, *identidade*, *estilo*, *rede social*, *comunidade de prática* entre outros temas à luz dos estudos de Terceira Onda.

Na seção seguinte, faremos uma revisão bibliográfica acerca do fenômeno vocativo, trazendo algumas considerações relevantes para a discussão acerca do tema, recorrendo aos apontamentos de gramáticos normativos, descritivos e outros estudiosos.

3 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA SOBRE O VOCATIVO

Como já dito anteriormente, neste trabalho, analisaremos como essa função sintática, pouco explorada nas gramáticas e nos estudos linguísticos brasileiros, se apresenta na “fala gay” masculina da cidade de Serra Talhada, sertão de Pernambuco. Dito isto, descreveremos a seguir como o *vocativo* é abordado pelas gramáticas normativas de língua portuguesa (Cunha, 1976; Cegalla, 1998; Bechara, 2009; Azeredo, 2010), pela gramática descritiva (Perini, 2005) e por outros estudos linguísticos, como Mundim (1981), Moro (2003), Moreira (2008; 2017), Amaral e Nogueira (2014) e Balsalobre (2015), focalizando definições e aspectos mais relevantes acerca do fenômeno.

3.1 O QUE OS GRAMÁTICOS NORMATIVISTAS COMPREENDEM

Cunha (1976, p. 111), em *Gramática do português contemporâneo*, compreende os vocativos como termos “de entonação exclamativa e isolados do resto da frase”. Para o autor, nos versos de Manoel Nobre:

- a) **Manuel**, tens razão. Venho tarde. Desculpa.
- b) E **Ó sinos de Santa Clara**, por quem dobrais, quem morreu?

Os vocativos *Manuel* e *Ó sinos de Santa Clara* “não estão subordinados a nenhum outro termo da frase. [E] servem apenas para invocar, chamar ou nomear, com ênfase maior ou menor, uma pessoa ou coisa personificada” (CUNHA, 1976, p. 111). Embora afirme que os vocativos não são subordinados a outros termos, o autor destaca a possibilidade de eles poderem se relacionar com algum dos termos. Cita o exemplo:

- c) Dizei-me vós, **Senhor Deus!** (Castro Alves)
- d) **Ó lanchas**, Deus vos leve pela mão!

Para tanto, em (c), o vocativo *senhor Deus* se relacionaria com o sujeito vós e o vocativo *Ó lanchas* se relacionaria com o objeto direto vos, em (d). Essa observação é interessante na medida que o autor aponta para a existência de diferentes tipos de vocativos: um que é isolado e não mantém conexão com outro(s) termo(s) e aquele que faz referência ao termo que é subordinado. Em nota de observação, o autor destaca o uso da interjeição *Ó*, usada para dar maior ênfase a frase e o uso de vírgulas ou ponto de exclamação isolando o vocativo dos demais elementos da frase.

Cegalla (1998), na sua *Novíssima Gramática da língua portuguesa*, dedica uma curta seção a esse fenômeno. Pontuando apenas três aspectos: i) o que é o vocativo; ii) a qual pessoa se refere e iii) sua natureza sintática.

A respeito do primeiro ponto, segundo o autor, “o vocativo [do latim *vocare* = chamar] é o termo (nome, título, apelido) usado para chamar, ou interpelar a pessoa, o animal ou a coisa personificada a que nos dirigimos” (CEGALLA, 1998, p. 334). Para ilustrar, o autor se utiliza de construções retiradas de obras literárias, veja os exemplos:

- (1) a) “**Elesbão? Ó Elesbão!** Venha ajudar-nos, por favor! ” (Maria de Lourdes Teixeira)
- b) “A ordem, **meus amigos**, é a base do governo”. (Machado de Assis)
- c) “Correi, correi, **ó lágrimas saudosas!** ” (Fagundes Varela)
- d) “Vocês por aqui, **meninos?!?**” (Afonso Arinos)
- e) “**Meu nobre perdigueiro**, vem comigo! (Castro Alves)

(CEGALLA, 1998, p. 334)

Em nota de observação, o autor afirma que o vocativo profere-se com entonação exclamativa e na escrita deve ser separado por vírgula(s). Sobre o segundo ponto, o autor esclarece que “o vocativo se refere sempre à 2ª pessoa do discurso, que pode ser uma pessoa, um animal, uma coisa real ou entidade abstrata personificada, po[dendo] antepor-lhe uma interjeição de apelo (ó, olá, eh!)” (CEGALLA, 1998, p. 334). Por fim, no terceiro e último apontamento, Cegalla (1998, p. 334) afirma que “o vocativo é uma unidade à parte. Não pertence[n]te à estrutura da oração, por isso, não se anexa ao sujeito nem ao predicado”. Todavia, em nenhum momento o autor faz menção aos vocativos poderem se apresentar em diversas posições, como nos exemplos mostrados por ele.

Na mesma linha de Cegalla, Bechara (2009) também compreende os vocativos como uma “unidade à parte”. Afirmando ser o *vocativo* “desligado da estrutura argumental da

oração e desta separado por curva de entonação exclamativa” (BECHARA, 2009, p. 460). Acrescentando que “é através de seu intermédio é que chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou a coisa a que queremos nos dirigir” (p. 460). O autor cita como exemplos:

- (2) f) *José*, vem cá!
 g) Tu, *meu irmão*, precisas estudar!
 h) *Felicidade*, onde te escondes? (BECHARA, 2009, p. 460)

Para Bechara, os três exemplos de (3) apresentam função apelativa, pois em todos os casos invocam uma 2ª pessoa. O autor faz uma observação a respeito dos casos de *vocativos* precedidos por interjeições. Pontuando que, algumas vezes, os vocativos precedidos da palavra “Ó”, tratados pelos demais gramáticos como interjeições, são na sua concepção morfemas de vocativo, dada a característica de entonação própria, que o diferencia das interjeições propriamente ditas, a exemplo de (4):

- (3) *Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?*
 (BECHARA, 2009, p. 460)

Para o autor, exemplos como (3) e (4) apresentam peculiares a respeito do fenômeno. Ele observa que “pelo desligamento da estrutura argumental da oração, [o vocativo] constitui por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições” (BECHARA, 2009, p. 461).

Por outro lado, em exemplos como (3g), o autor afirma que o vocativo (*meu irmão*) não parece ser algo à parte da estrutura sintática. Uma vez que parece haver uma relação entre o vocativo e o pronome pessoal (tu). Dada a posição do *vocativo*, nesse caso, tem-se a impressão que ele seria parte do termo anterior como se fosse um aposto explicativo deste. Nas palavras de Bechara (2009, p.461), o vocativo, em algumas situações, “como no caso de *Tu, meu irmão, precisas estudar!* às vezes, se aproxima do aposto explicativo, pela razão que vai constituir a particularidade seguinte. ”

Por fim, o gramático acrescenta que “o vocativo pode ser representado por um substantivo ou um pronome, podendo admitir a presença de expansões (p. ex., adjuntos

adnominais, de orações adjetivas) ” (BECHARA, 2001, p.461). Tal afirmação pode ser ilustrada pelo exemplo (5), retirado do nosso *corpus*.

(4) *Todo ano tu diz isso. Todo ano tu tá lá, **rapariga mentirosa!***

No exemplo, o adjetivo *mentirosa* se agregou ao vocativo *rapariga*, formando, assim, um nome adjetivado, por assim dizer.

Já na *gramática de Houaiss*, Azeredo (2010) compreende o vocativo de forma mais pragmática, diferente dos demais autores citados acima. Contudo, o termo é citado em uma subseção, da seção *atos de fala e a frase*, intitulada a *frase de situação e o vocativo*. Sendo, portanto, destinado a ele pouca relevância. Para o autor, termos como *Caro amigo!*, *Prezados senhores!* e *Majestade!* São enunciados que constituem frases de situação e “atendidos certos requisitos pragmáticos, podem ser combinados com as expressões [de] outros grupos [de frase de situações]”¹⁵: *Entrem, prezados senhores!! Com licença, Majestade! Alô, caro amigo!*. Formando, desse modo, recursos, na língua, para indicar que estamos dirigindo a palavra a um interlocutor ou destinatário.

Para Azeredo (2010, p. 76), o vocativo é “uma unidade inerente à atividade interlocutiva” e assim como para os demais gramáticos citados até então, afirma que “o vocativo não pertence à estrutura da oração” (p. 76) e se assemelha com o caso das interjeições, pois a entonação o individualiza na cadeia da fala. Por fim, o autor acrescenta que alguns vocativos, quando isolados em frases exclamativas, cristalizam-se como locuções interjetivas, como exemplo: *minha nossa senhora, Deus do céu*.

Como podemos ver, a descrição de Bechara (2009) é relevante assim como algumas considerações feitas por Cunha (1976) a respeito da diferença entre os vocativos, sobre fazer ou não referência a outro termo da oração, de modo que possa ou não estar relacionado com o predicado. Ademais, a maioria dos gramáticos consideram apenas o vocativo como um termo à parte da oração.

¹⁵ O autor divide os enunciados que constituem frases de situação em quatro grupos: i) formas que nomeiam a ação que o enunciador espera de seu interlocutor: *entrem!* *Retornar!*; ii) formas que nomeiam o próprio interlocutor ou lhe concedem um tratamento: *meu caro Vinicius!*, *Prezados senhores!*, *Majestade!*; iii) interjeições apelativas: *Alô!*, *Psui!*, *Hem?* e iv) expressões heterogêneas: *Alto!*, *Atenção!*, *Com licença!*, *Seu sem-vergonha!*, *Por favor!*, *Já pra dentro!*, *Prontinho!* (AZEREDO, 2010, p. 75)

3.2 O QUE OS LINGUISTAS COMPREENDEM

Não obstante dos estudos pertencentes à gramática normativa, Perini (2005) trata o *vocativo* como um termo “estranho” à estrutura da oração. Pois, a ligação entre o vocativo e a oração não se daria na estrutura sintática, mas sim, na organização discursiva. Nas palavras do autor “quero dizer que a ligação entre o vocativo e a oração junto à qual ele pode ocorrer não tem a ver com a estrutura da própria oração, mas com a organização no discurso” (PERINI, 2005, p. 91). Exemplifica:

(5) **Serginho**, *a bandeira está no chão*

Para o autor, o vocativo pode ser isolado do período não só pelo uso de vírgulas, como está em (6), mas também por marcas de sinalização de final de período, como no exemplo abaixo:

(6) **Serginho!** *A bandeira está no chão*

Além disso, Perini (2005) afirma que o vocativo pode ser separado da oração por uma mudança de interlocutor na conversa, e isso acontece sem que se produza impressões nítidas de interrupções, como o exemplo a seguir:

(7) – **Serginho!**
 – *O quê?*
 – *A bandeira está no chão.*

Finalmente, o autor destaca que o vocativo tem uma resposta própria, como por exemplo: *o quê?* ou *estou aqui*, entre outras. Exemplificando¹⁶:

(8) – **João?**
 – *Estou aqui.*

(9) – **Maria**
 – *O quê?*

Para Perini (2005), isso indica que o vocativo “pode constituir, por si só, uma frase independente. Isso não se aplica a termos individuais da oração: a oração (ou, melhor dizendo,

¹⁶ Exemplos (8) e (9) elaborados pela autora

o período) é que pode ter uma resposta, mas não o seu sujeito, ou predicado, ou adjunto circunstancial etc.” (PERINI, 2005, p. 91). Por estas razões, é concluído que o vocativo não pertence à oração, afirmando que a semântica apoia tal ideia, uma vez que “o significado de um vocativo não se integra ao significado de um a oração contígua” (PERINI, 2005, p. 91). Diferentemente, dos adjuntos oracionais, em que há integração dos significados:

(10) *Com franqueza, desconfio de vocês*

Como se pode observar, no exemplo acima, o significado do adjunto *com franqueza* interage diretamente com o significado *desconfio de vocês*, caso que não acontece com o vocativo.

Partindo para uma perspectiva teórica, Moro (2003), em seu artigo *Notes on vocative case: a case study in clause structure*, chama a atenção para a escassez da literatura sobre o vocativo, especialmente se comparado a outros casos morfológicos¹⁷. Todavia, caso vocativo se difere de sintagma vocativo. O caso vocativo é uma marca morfológica designada para um sintagma vocativo (AMARAL; NOGUEIRA, 2004, p. 3)

Ao abordar o Caso Vocativo, Rónai (2006), em seu *Curso Básico de Latim I: Gradus Primus*, mostra que o latim tem uma marca morfológica para indicar a marca da presença do vocativo, entendido pelo autor como “chamamento ou interpelação”. Essa marca morfológica é indicada pelo sufixo {-a} para o singular e pelo sufixo {-ae} para o plural, exemplos do autor:

- (11) a. *Lívi-a, tace!*
b. *puell-ae plantas aquā regate!*

Contudo, é importante a ressalva de que nem todas as línguas naturais apresentam uma marca morfológica para o vocativo. Portanto, sintagma vocativo é diferente de caso vocativo.

Moro (2003) caracteriza o sintagma vocativo como um sintagma nominal que não pertence ao papel temático de um predicado e é usado para atrair a atenção de alguém, de forma ampla¹⁸ (MORO, 2003, p. 252). Porém, ele acrescenta que, ainda que o vocativo não seja requerido pelo predicado, pode estar relacionado a ele por intermédio de um pronome. O autor distingue pelo menos dois tipos de sintagma vocativo:

¹⁷“As a premise, let me notice that the literature concerning Vocative Case is unusually scarce, especially if compared with the literature concerning other Cases” (MORO, 2003, p. 251)

¹⁸ a Vocative Phrase, instead, is a noun phrase which does not belong to the thematic grid of a predicate and is used to attract someone’s attention, in a broad sense. (MORO, 2003, p. 252)

- I) O *Extradeictic Vocative*: ocorre quando se refere a uma entidade que não é referida na grade temática do predicado.
- II) O *Infradeictic Vocative*: refere-se a uma entidade que é referida na grade temática do predicado por meio de um pronome, seja o sujeito, o objeto direto ou indireto¹⁹.

O autor exemplifica:

(12) a) *O Gianni, Maria sta abbracciando Pietro!* (Extradeictic Voc.)

O Gianni Maria is hugging Peter!

b) *O Gianni_i, pro_i colpisci Pietro!* (Infradeictic (Subj.)Voc.)

O Gianni, pro hit Peter!

c) *O Gianni, Maria vuole abbracciare te_{j,i}/lui_{j,i}!*

O Gianni Maria wants to hug you/him! (Infradeictic (Dir. Obj.)

Voc.)

d) *O Gianni_i, Maria vuole dare un libro a te_{j,i}/lui_{j,i}!*

O Gianni Maria wants to give a book to you/him! (Infradeictic (Ind. Obj.)

Voc.)

Moro (2003) também diferencia o sintagma vocativo de outros sintagmas nominais ao esclarecer que o sintagma vocativo não aceita a presença de artigos, logo, se houver um artigo, não se configurará como vocativo.

De acordo com o autor, três fatores puramente sintáticos emergem aqui relacionados ao sintagma vocativo: i) o sintagma vocativo não pertence à grade temática do predicado

¹⁹one can distinguish at least two types of Vocative Phrases depending on whether they refer to an entity which is not referred to in the thematic grid of the predicate (call it 'Extradeictic Vocative') or to an entity which is referred to in the thematic grid of the predicate by means of a pronoun (call it 'Infradeictic Vocative'), being it the subject, the direct or the indirect object (MORO, 2003, p. 252).

principal da sentença, ii) o sintagma vocativo não co-ocorre com um artigo, e iii) o sintagma vocativo pode ser precedido por uma interjeição enfática²⁰.

Por fim, Moro (2003) conclui que um sintagma vocativo

pode ter comportamento anômalo/irregular tanto sintaticamente (ausência de artigo, presença de uma interjeição que precede imediatamente um sintagma nominal, capacidade referencial seletiva), quanto fonologicamente (truncamento e retração de acento) (MORO, 2003, p. 257-258)²¹

Os apontamentos de Moro (2003) foram um recurso útil para Amaral e Nogueira (2014) investigarem o uso do vocativo nas línguas indígenas Tapirapé e Wayoro (famílias descendentes do tronco Tupi-Guarani).

Na língua Tapirapé, os argumentos do predicado denominados referenciantes sempre recebem o sufixo {-a}. A exemplo da palavra *tamôj-a* (o avô dele) e o objeto *o 'ywa* do verbo transitivo que aparecem com esse sufixo.

- (13) *t-amôj-a a-ãpa o 'yw-a*²²
 3II.avô-refer 3.I-fazer flecha-refer
 “O avô dele fez flecha”.

Tapirapé (PRAÇA, 2007, p. 40)

E da mesma forma acontece com o argumento único de verbos intransitivos, ou seja, seu sujeito também será sempre marcado pelo sufixo {-a}. A exemplo:

- (14) *Miâr-a mĩ a-yj kã 'ã-pe*
 Veado-refer hab 3.I-correr mata-loc
 “O veado sempre corre na mata”.

Contudo, isso não ocorre com nomes próprios em função vocativa, esses não recebem o sufixo {-a}, como exemplificado a seguir:

²⁰ three purely syntactic factors emerge here that correlate with a Vocative Phrase: the Vocative Phrase does not belong to the thematic grid of the main predicate of the clause, the Vocative Phrase may not co-occur with an article, the Vocative Phrase may be preceded by an emphatic interjection (MORO, 2003, p. 254).

²¹ a Vocative Phrase may display anomalous behavior both syntactically (absence of the article, presence of an interjection which immediately precedes the noun phrase, selective referential capacities) and phonologically (truncation and stress retraction).

²² Glosas das autoras: 1s=1ª pessoa do singular; 2s=2ª pessoa singular; 3=3ª pessoa; caus=causativo; hab=habitual; imp=imperativo; loc=locativo; pass=passado; refer=referenciante.

- (15) *Kãtowyg e-xar ãpy*
 Kãtowyg 2s.imp-vir antes
 “Kãtowyg, venha, por favor”

Logo, os dados acima, estariam em consonância com a perspectiva teórica de Moro, de que o vocativo é um sintagma que não pertence à grade temática do predicado. “Em outras palavras, em Tapirapé, os sintagmas nominais que pertencem à grade temática do predicado aparecem com o sufixo {-a}. Tal sufixo está ausente em sintagmas vocativos, uma vez que este não faz parte da grade temático do predicado” (AMARAL; NOGUEIRA, 2014, s/p.)

Já na língua Wayoro (parte da família Tupari, descendente da família Tupi), a palavra *yã*²³ (mamãe) pode ser um argumento (ou elemento requerido por) de um predicado. Em outras palavras, ela pode fazer parte da grade temática do predicado. Não se comporta, portanto, como vocativo de acordo com a teoria de Moro (2003), que afirma que o sintagma vocativo não faz parte da grade temática.

- (16) a) *awi ka-t yã*
 papai comer-pass mamãe
 “mamãe devorou papai”
- b) *awi ombaa-t yã*
 papai bater-pass mamãe
 “mamãe matou papai”
- c) *yã o-mõka-t*
 mamãe 1s-chamar-pass
 “mamãe me chamou”
- d) *o-ti o-mõ-era-n*
 1s-mãe 1s-caus-dormir-pass
 “minha mãe me fez dormir”

²³ *yã* (mamãe) é usado para chamamento ou invocação. Outra palavra para ‘mãe’ em Wayoro, é *o-ti* (minha mãe) que não foi registrada com a função de invocação. Tais registros levaram Amaral e Nogueira (2014) a classificar *yã* (mãe) como a forma vocativa da palavra ‘mãe’.

De acordo com as autoras, nos exemplos (16 a, b e c) o termo *yã* realiza a função de sujeito dos verbos *ka*, *ombaa*, *mõka* (*comer*, *bater e chamar*, respectivamente), assim como a palavra *oti* ‘minha mãe’ pode ser sujeito do verbo *mõera* (*fazer dormir*), em (16d). Assim, o termo *yã* pode ser um argumento de predicado, funcionando como sintagma nominal não vocativo, como visto acima. Tem-se, então, diferentes usos sintáticos da mesma palavra. Logo, *yã* pode ser usada em um sintagma vocativo e também em um sintagma nominal. Para exemplificar melhor, as autoras fazem uma comparação com o português, usando a palavra *professora*, que pode ser usada em sintagma nominal ou em sintagma vocativo:

- (17) a) **Olá, professora**, a senhora está muito elegante hoje! (Sintagma vocativo)
 b) **A professora** está muito elegante hoje. (Sintagma nominal)

Observe que a palavra *professora* funciona como diferentes sintagmas. Por fim, poderíamos pensar que, se as autoras se baseassem no que afirmam as gramáticas, por exemplo, esse fenômeno da língua Wayoro, como acontece com o termo *yã*, que pode ser argumento de um predicado ou requerido por ele, não poderia ser considerado como um vocativo, dado o fato que para a maioria dos gramáticos o vocativo é um termo que não faz parte da grade temática do predicado.

Mundim (1981, p. 7 *apud* MOREIRA, 2008, p. 20), por sua vez, “sugere que há uma estreita correlação do vocativo com a forma de tratamento utilizada no discurso: a presença do vocativo parece sugerir uma determinada forma de tratamento”. De acordo com essa autora, a opção que fazemos por determinada expressão vocativa depende diretamente da intenção que temos ao nos dirigir a uma segunda pessoa. Dessa forma, tal processo, por vezes, seria inconsciente, como acontece nas interações comuns do dia a dia ao pedir informação, e perguntar a hora, por exemplo. “Entretanto, em situações mais específicas, a escolha do vocativo é decorrente de um processo de opção, consciente e elaborado e depende de um possível interesse pessoal” (MOREIRA, 2008, p. 20).

Em seu *corpus* de trabalho, Mundim (1981) observa que o processo consciente de opção foi mais atuante quando o falante utilizava um vocativo não-profissional [cara, bicho, malandro etc], em oposição, “a utilização de um vocativo profissional [doutor, senhor, moço], [deixaria] o falante estaria protegido por uma espécie de escudo, uma vez que esse termo não apresenta alto grau de envolvimento do falante”. O locutor estaria apenas se utilizando de uma categoria profissional para referenciar.

Para Mundim (1981 *apud* MOREIRA, 2008, p. 21), “os vocativos transmitem nuances diferentes de formalidade e, por esse motivo, têm um elo semântico que os mantêm de certa forma dependentes das formas de tratamento, uma vez que os tratamentos também apresentam diferentes graus de formalidade”. Com base nessa observação, é importante mencionarmos aqui que controlaremos o uso de vocativos em contexto mais ou menos formal, levando em consideração não somente a posição sintática do vocativo, mas também a escolha lexical em diferentes contextos de nossos informantes.

A autora lança a hipótese de que os vocativos que “exigiriam” maior formalidade, como *senhor*, *meu senhor*, *moço*, *doutor*, etc, estabeleceriam uma relação com a forma de tratamento *senhor*, que também carrega um certo nível de formalidade. Enquanto que os vocativos mais informais, como *cara*, *bicho*, *ô meu*, *malandro*, *meu chapa* etc ocorreriam acompanhados de *tu* ou *você*.

Para validar a hipótese de que existiria uma correlação semântica entre o vocativo e o tratamento, Mundim (1981) traz resultados de dois testes escritos aplicados aos falantes no Rio de Janeiro. Como resultado, a autora constatou que os vocativos considerados de maior formalidade, como *moço*, *senhor* e *amigo*, foram os que mais acompanharam o tratamento *senhor*. Já em contextos em que aparecem vocativos mais informais, como *meu chapa*, *meu camarada* e *ô cara*, a presença de *você* e *tu* se deu mais frequente do que *senhor*. Por fim, os dados apresentaram uma tendência de tratamento específica, na época, em relação às classes ocupacionais dos testes. Constatou-se, então, que, para os motoristas de táxi e vendedores, houve maior frequência da ocorrência de *você*, enquanto que autoridades e profissionais com *status* socioeconômico maior o tratamento de maior probabilidade foi *senhor*.

Moreira (2008), por sua vez, se dedica ao estudo dos vocativos em diálogos de peças teatrais, escritas por autores brasileiros²⁴ nos séculos XIX e XX. A autora justifica essa escolha dizendo que o diálogo das peças são os textos que mais se aproximam da modalidade oral da língua e, ainda, que os textos apresentam um número considerável para uma análise quantitativa. E também que “a construção com vocativo emerge em situações de interlocução (discurso direto), já que o termo em questão é empregado quando se chama ou se dirige a uma pessoa ou coisa personificada” (MOREIRA, 2008, p.39).

²⁴ As peças de teatro do século XIX, que compunham o *corpus*, foram de autoria de : Martins Pena, Gonçalves Dias, Severiano Resende e Modesto de Paiva. Sendo elas: *Leonor de Mendonça de Gonçalves Dias* (1846); *O Noviço de Martins Pena* (1853); *A virgem Martyr de Santarém de Severiano Resende* (1870); *A onça de Modesto de Paiva* (1897). Já as peças do século XX foram de autoria dos autores: Plínio Marcos, Mauro Rasi, Américo Werneck e Luiz de Oliveira. As peças foram: *Lucrécia de Américo Werneck* (1900); *Scenários de Luiz de Oliveira* (1917); *Dois perdidos numa noite suja de Plínio Marcos* (1979) ; *Pérola de Mauro Rasi* (1995).

Sua hipótese era que estaria havendo uma mudança linguística no Português brasileiro envolvendo as posições de uso dos vocativos nas ordens: *vocativo à esquerda da oração* (Voc + Or); *vocativo à direita da oração* (Or + Voc) e *vocativo entre a oração* (Or + Voc + Or). A autora analisou 1420 dados, que atestaram que a variante (Or + Voc) apresentou um perfil ascendente na segunda metade do século XIX, em relação à variante [Voc + Or], que ocorria com mais frequência na 1ª metade do século XIX. O perfil da variante inovadora foi ilustrado por uma curva em S, perfil indicativo de mudança linguística.

A partir desse estudo, Moreira, ainda, refutou a hipótese da maioria dos gramáticos normativos, segundo a qual, o vocativo é tido como um termo isolado da oração. A autora enumerou três tipos diferentes de construções que continham o uso de vocativos, foram elas: i) vocativo à semelhança de tópico; ii) vocativo à semelhança de deslocamento e iii) vocativo à semelhança de foco. E apenas nesse último caso constatou-se que o vocativo não está de fato ligado à estrutura argumental da oração.

É importante a ressalva de que a autora não atesta que o vocativo seja o tópico, foco ou um constituinte deslocado. “No entanto, o vocativo pode se comportar sintaticamente à semelhança destes constituintes e, situa-se à periferia esquerda da sentença, sendo, portanto, pronunciado com ênfase, como tais constituintes” (MOREIRA, 2008, p. 102).

Balsalobre (2015), em seu estudo sobre *O vocativo moço(a) no português brasileiro, moçambicano e angolano*, ressalta o caráter de marca de ‘endereçamento’ das formas de tratamento, usados para quando alguém quer se dirigir ou se referir a outra pessoa. De acordo com ela, esse sistema pode ser subdividido em dois macro níveis, conforme aponta Silva (2011, p.304), de um lado teríamos as *Formas pronominalizadas*: que dizem respeito às palavras ou expressões que equivalem aos pronomes de tratamento (“você”, “o senhor”, “a senhora” etc.); e por outro, teríamos *Formas nominais*: constituídas por nomes próprios, termos de parentesco, nomes indicativos de funções profissionais etc. Exemplos: professor, doutor, irmão, amiga etc.

Referente ao segundo macro nível, “é preciso referenciar que as formas de tratamento nominais podem exercer a *função sintática de vocativos*, nas ocasiões em que são empregadas pelos falantes para inserirem explicitamente seu interlocutor na cena enunciativa” (BALSALOBRE, 2015, p. 218 [grifo nosso]). Para tanto, os falantes possuem uma gama de vocativos disponíveis na língua com diferentes representações semânticas. Para Balsalobre (2015), dispomos, por um lado, de vocativos menos tensos e mais solidários, como *cara*, *amigo(a)*, *brother* e, por outro, temos os vocativos mais densos, centrados na estrutura social

do poder ou hierarquia, como *senhor*, *senhora*, *excelência*, que geralmente são usados como um indicativo de cerimônia, deferência, respeito, em situações que exigem formalidade.

Nesse sentido, “os termos de endereçamento abrangem as diversas possibilidades disponíveis na língua para que um falante se dirija ou se refira a alguém, esse fenômeno linguístico é constituído em seu âmago por um código social” (BALSALOBRE, 2015, p. 218).

Esse ponto se configura como o pressuposto fundamental do nosso estudo em que através do estudo sobre vocativos, analisa-se, em segundo plano, a relação entre linguagem e sociedade, fazendo o recorte de uma comunidade de prática específica. Também, é importante a ressalva de que, hipoteticamente, todas as línguas possuem formas de endereçamento e, por vezes, algumas apresentam formas específicas de seu grupo, como veremos mais adiante. Trata-se, portanto, de uma característica social, que nos permite observar em alguns aspectos o funcionamento de determinada comunidade por meio das suas formas de endereçamentos/vocativos, dado o fato de que investigações desse tipo podem demonstrar como são estabelecidas as relações sociais nesse meio, conforme aponta Causse-Cathcart (2011 *apud* BALSALOBRE, 2015).

Assim, poderíamos pensar que as escolhas linguísticas de determinada comunidade seriam, então, um acordo consciente entre os membros com objetivos diferentes entre uma comunidade e outra, como parte da elaboração de seus princípios organizacionais. Reforçando, acima de tudo, o caráter complexo e heterogêneo da língua, em que a variação é reforçada tanto por fatores de ordem social quanto de ordem individual e particular de cada comunidade.

Feito o histórico sobre os estudos a respeito do vocativo, adentraremos em questões relacionadas à metodologia da pesquisa (*corpus* e coleta de dados). Para então, descrevermos adiante a comunidade de prática investigada, entendendo-a desde seu conceito até seu funcionamento, e então, adentrarmos na descrição e no uso dos vocativos encontrados.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa utiliza-se do quadro teórico-metodológico dos estudos variacionistas, sendo inserida no paradigma qualitativo, bem como se serve da metodologia etnográfica para estudar uma comunidade específica através da observação participante.

Na presente seção, apresentamos o planejamento para coleta de dados, o *corpus* da pesquisa e a descrição da comunidade de prática e aspectos relacionados a ela, tais como sua organização e constituição.

4.1 COLETA DE DADOS

Como já mencionado acima, a coleta de dados desta pesquisa seguiu os moldes de coleta do quadro teórico-metodológico dos estudos sociolinguísticos, cujo principal intuito é capturar a fala espontânea dos informantes a partir da observação de situações reais de uso. Para tanto, coletamos os dados em três contextos de fala distintos, a saber: *entrevista sociolinguística*, *conversa entre amigos* e *ambiente de trabalho*. A intenção de observar o mesmo indivíduo em diferentes situações de interação social é verificar se existe uma mudança de estilo, pois os aspectos extralinguísticos como grau de formalidade, identificação do falante com o interlocutor e o próprio tópico da conversa podem influenciar diretamente na variação de fala do informante. Para a análise dos dados observamos, especialmente, a ocorrência dos vocativos nos diferentes contextos acima descritos. Adiante, abordaremos questões relacionadas ao planejamento, fase inicial da pesquisa, e questões a respeito do *corpus* propriamente dito.

A primeira etapa da pesquisa corresponde ao planejamento, nessa etapa elaboramos as perguntas da entrevista sociolinguística e esquematizamos um roteiro com a ordem em que elas apareceriam na conversa. Já em campo, iniciamos a entrevista com as perguntas, cujas respostas nos permitiriam traçar o perfil do informante, levando em conta alguns fatores importantes, a saber i) como ele se via e como, possivelmente, era visto por outros grupos ou pessoas; e ii) quais os interesses diversos e atividades em que se engajava, tal qual participação em grupos, como, por exemplo, banda musical, grupo de militância, teatro, dentre outros. É pertinente destacar que, em campo, a entrevista foi realizada em forma de diálogo, tentando ao máximo aproximar-se à conversa espontânea. Em consequência, o tempo

de algumas gravações se estendeu além do previsto, que era 50 minutos. Além disso, a cada gravação as perguntas não obedeceram, propriamente, a uma ordem, o que já era esperado, pois é normal que em uma conversação assuntos variados se entrecruzem.

O questionário foi dividido em duas partes: a primeira direcionava as respostas à dissertação sobre tópicos gerais, como infância, escola, amigos etc., e a segunda parte se restringia a pontos específicos a respeito de questões sobre gênero, orientação sexual e identificação, por exemplo. Ambas as partes pretendiam valorizar a constituição de persona(s) dos informantes e suas vivências na(s) comunidade(s). Deste modo, as respostas nos permitiriam traçar o perfil do informante, bem como observar seus laços com a comunidade e a rede social.

A entrevista somente foi gravada após um acordo estabelecido entre a pesquisadora e o informante, acordo este em que se explicou a pesquisa e em que o pesquisador se comprometeu a usar os dados coletados de forma ética. Mediante esse acordo, cada informante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)²⁵. A duração do tempo de gravação foi relativa: houve gravações que duraram em torno de trinta minutos e gravações que ultrapassaram sessenta minutos de conversa, fato esperado, devido à dinamicidade que exige um diálogo. Após a entrevista foi pedido para os informantes preencherem uma ficha social, que contemplava respostas sobre *status* social, endereço, entre outras informações.

Já na segunda etapa da coleta, os dados de fala foram gravados durante uma interação social do informante, um encontro com amigos, o local era definido pelo próprio informante. A entrevistadora esteve presente como participante ativa do encontro. Nessa etapa, não houve roteiro prévio a ser seguido, bem como local previamente estabelecido. A pesquisadora foi convidada para um encontro informal entre o falante e convidado(s) – a quantidade de pessoas ficou a critério do informante. Na ocasião, todos os envolvidos estavam cientes sobre a gravação da conversa.

Por fim, a terceira e última parte da coleta se deu no ambiente de trabalho do informante. Nesta etapa, a entrevistadora não esteve presente e a gravação ficou a cargo do falante. Assim, ele ativaria a gravação quando pretendesse, tendo sido solicitado apenas que o tempo estimado de gravação fosse de aproximadamente trinta minutos.

As entrevistas que formaram nosso *corpus* apresentaram uma duração diferente para cada contexto de fala. Isso é justificado pelo fato de trabalharmos com interações reais de fala

²⁵ O documento está disponível nos apêndices.

e por não termos definido um fenômeno prévio para investigar na fala dos informantes, livrando-nos, desse modo, de induzi-los à produção de determinado fenômeno.

Como dito anteriormente, as gravações tiveram duração de tempo relativa, nos contextos de fala *conversa entre amigos* e *ambiente de trabalho* tiveram duração mínima de vinte minutos. Já no contexto de fala *entrevista*, propriamente dita, algumas destas chegaram a ultrapassar a duração máxima de cinquenta minutos de gravação, devido à extensão nas respostas/diálogo, em que durante todo o tempo da entrevista o gravador permaneceu ligado.

Podemos dizer que os instrumentos utilizados para a realização dessa pesquisa foram: gravador de áudio para a entrevista sociolinguística²⁶, a interação entre amigos e o ambiente de trabalho/ocupação, ficha social, diário de campo escrito pela pesquisadora, e o termo de livre consentimento.

Após a coleta dos dados, avançamos para as seguintes etapas da pesquisa: seleção dos dados no *corpus*; transcrição dos dados de fala; levantamento dos fenômenos mais salientes na fala dos informantes e, posteriormente, a análise do fenômeno escolhido, *vocativo*.

4.1.1 O Corpus

Para esta pesquisa, participaram da coleta de dados onze homens que se declararam de orientação sexual homossexual. Contudo, foram considerados para análise apenas as gravações de nove informantes, devido a problemas referentes a: i) não autorização para gravar dentro do ambiente de trabalho do informante e ii) os altos ruídos das gravações nos ambientes de interação social. Assim, devido à escassez de tempo para refazer a coleta, optamos por retirar essas gravações do *corpus* da presente pesquisa, e refazê-las e aproveitá-las para um trabalho futuro.

Ao sair para campo, tínhamos o planejamento de entrevistar informantes de três faixas etárias distintas: a primeira, 18-28, a segunda 29-38, e a terceira acima dos 39 anos. Contudo, devido às dificuldades encontradas em campo, como a dificuldade de os informantes não aceitarem a gravação, o mapeamento de gays mais velhos e a falta de indicação de gays de outras faixas etárias, optamos pela análise e estudo apenas dos informantes da primeira faixa etária, citada acima. Não houve pré-requisitos específicos, com exceção da naturalidade e/ou

²⁶ Utilizamos o celular como instrumento de trabalho. Desse modo, foi utilizado o software de captação de áudio próprio do aparelho para gravar as entrevistas.

residência na cidade por período mínimo de cinco anos. Portanto, todos os informantes são adultos, naturais de Serra Talhada – PE e/ou moradores do local e não se afastaram por um longo período da comunidade.

Importante ressaltar que, ao final de cada entrevista sociolinguística, pedia-se a indicação de mais pessoas que teriam perfil semelhante e/ou fizessem parte do ciclo de amizade do informante para participar da pesquisa. Devido a isto, então, já era esperado que as faixas etárias fossem semelhantes, e, assim, justifica-se o trabalho com esta faixa de idade somente.

Todos os voluntários se conhecem ou são amigos e se encontram com frequência, geralmente nos finais de semana, em um local específico da cidade, formando uma *comunidade de prática*²⁷, o que significa dizer que os integrantes desse grupo/comunidade, em momentos de lazer, fazem o uso de expressões, formas de endereçamento, entonação, exercitando o que podemos chamar de “fala gay serra-talhadense”, características particulares e/ou grupais da fala gay local.

Após a escolha do fenômeno, os vocativos, transcrevemos os dados, selecionamos as sentenças em que o fenômeno apareceu e as ocorrências foram, então, tabeladas e separadas de acordo com as diferentes posições de uso nas construções e contexto de fala em que apareciam. Ao total, obtivemos 116 dados, dos quais descartamos para análise os nomes próprios, apelidos e as construções cristalizadas²⁸, restando um total de 86 dados para a análise. A exclusão foi feita pelo fato de os dados citados não serem dados característicos e/ou atrelados à comunidade gay, foco do nosso trabalho.

Enfocamos, então, o uso apenas dos vocativos considerados típicos da comunidade gay como *bicha*, *viado* e vocativos que, geralmente, são relacionados ao uso dessa comunidade, a exemplo dos vocativos *mulher*, *amiga*, *gata*, mas que também podem ser recorrentes e enfáticos tanto na fala dessa comunidade quanto na fala de mulheres, mas são pouco ou não usados na fala de homens heterossexuais, pelo menos não de forma “espontânea”. Além disso, abordamos outras questões relacionadas ao uso do fenômeno.

É importante salientar, novamente, que os estudos de Terceira Onda fazem uso do quadro teórico-metodológico dos estudos de Primeira Onda, de base laboviana, sendo assim, também se observa a influência de possíveis variáveis sobre determinados usos linguísticos de

²⁷ Abordaremos esse conceito na seção 4.2.

²⁸ Consideramos como construções cristalizadas, os vocativos como: gente do céu, minha gente, minha filha, meu irmão e meu deus, que normalmente são empregados fazendo referência a algum meme da internet. Grosso modo, os memes são imagens ou vídeos que contêm uma mensagem e/ou informação, geralmente cômica, que viraliza nas redes sociais.

determinada comunidade. Nesta pesquisa, observamos a influência das variáveis extralinguísticas *tempo de permanência*, *ocupação do informante* e *bairro* em que reside, sendo esta última não tão explorada nos estudos de Primeira Onda.

Sobre o *tempo de permanência*, como já mencionado, foram considerados para análise as gravações de nove informantes, sendo estes nascidos e/ou residentes em Serra Talhada-PE há mais de 5 anos, ponto importante para esta pesquisa, já que ela se propõe a descrição dos usos linguísticos de uma comunidade específica, no caso, uma comunidade LGBTQI+, mas também, uma comunidade LGBTQI+ sertaneja. Dessa forma, nossa hipótese é de que o tempo de permanência na comunidade caracteriza, de certa forma, os nossos informantes.

A seguir apresentamos o desenho da amostra de acordo com as variáveis extralinguísticas como: ocupação e localidade da cidade em que reside, além da identificação dos informantes.

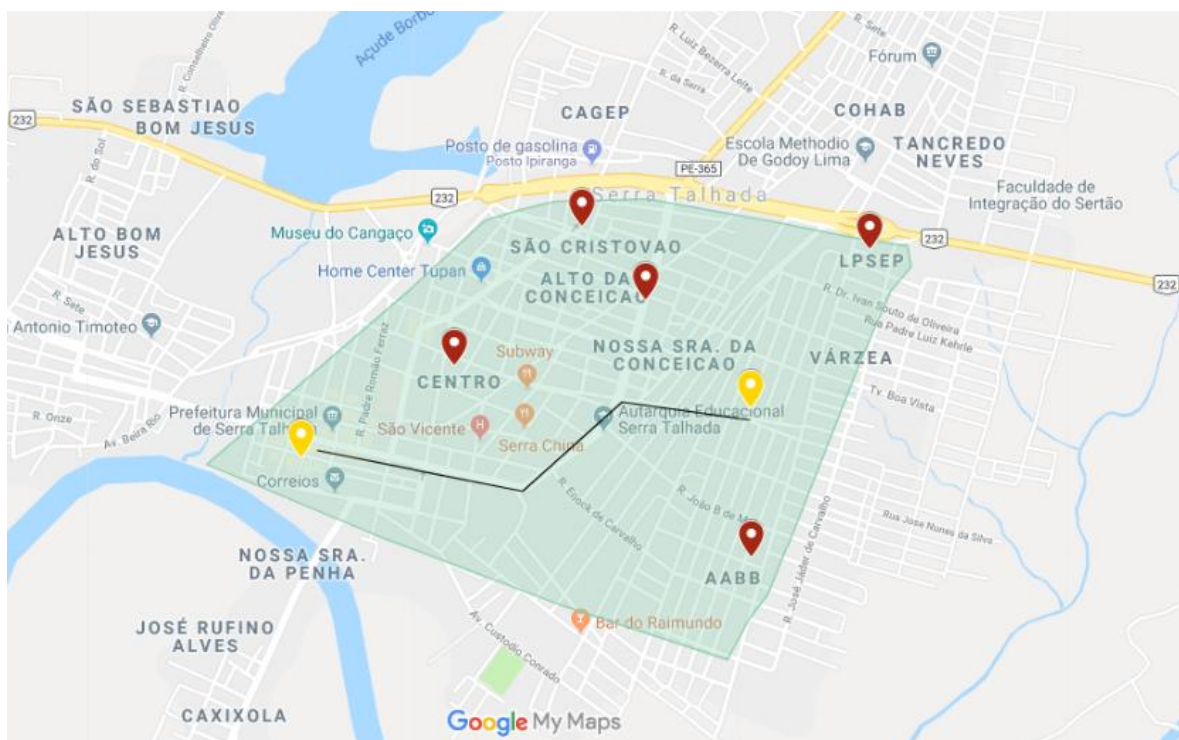
Quadro 1 – Desenho da amostra

IDENTIFICAÇÃO	OCUPAÇÃO	BAIRRO
INF01	Professor de Português	São Cristóvão
INF02	Administrador e Redator	São Cristóvão
INF03	Professor de Inglês	AABB
INF04	Estagiário IBGE e estudante de Letras	Alto da Conceição
INF05	Estudante de Direito	AABB
INF06	Atendente hospitalar e Bacharel em Química	IPSEP
INF07	Professor de Português	Centro
INF08	<i>Vlogger</i>	Centro
INF09	<i>Barman</i>	São Cristóvão

Fonte: elaborado pela própria autora

Como visto acima, os informantes apresentam características diversas, desde a profissão até o espaço demográfico em que se situam na cidade. Tem-se informantes que residem nos bairros considerados elitizados, como o bairro AABB, considerado como o bairro nobre da cidade e o Centro. Os demais são considerados bairros periféricos. Contudo, este fato não tem relação com a geografia propriamente dita, já que os bairros fazem fronteira uns com os outros. Essa relação pode ser uma construção do imaginário popular. Para maior visualização desses lugares, trazemos o mapa abaixo:

Imagem 1 – Mapa de Serra Talhada e distribuição geográfica dos informantes



Fonte: Google My Maps

Os pontos em vermelho representam os informantes moradores dos respectivos bairros marcados: Centro (2), ABB (2), São Cristóvão (3), Alto da Conceição (1), IPSEP (1). Os pontos em amarelo representam os lugares que os informantes, geralmente, frequentam na cidade aos finais de semana e momentos de lazer: a Concha Acústica, localizada à esquerda do mapa e a praça da Academia das Cidades, localizada à direita do mapa.²⁹

A questão que se quer investigar com essa variável é como e se ela estaria influenciando no comportamento da comunidade de prática e, conseqüentemente, no uso das produções linguísticas realizadas pelos seus falantes.

Sobre a variável *ocupação*, se quer investigar possíveis monitoramentos do estilo linguístico e/ou do uso dos vocativos mediante o contexto de trabalho, considerado como o contexto de interação social mais formal.

A seguir, abordaremos algumas questões pertinentes a respeito do conceito de comunidade de prática, ao qual temos nos referido tantas vezes, e a respeito dos aspectos sociopolíticos da cidade de Serra Talhada-PE.

²⁹ Ressaltamos que ambos os lugares são espaços públicos, ambos são praças. Geralmente, a Academia das Cidades tem uma grande movimentação de pessoas durante toda a semana, durante o dia as pessoas passam por ela para fazer compras em supermercados próximos (em suas laterais, basicamente) e à noite a utilizam para fazer exercícios físicos, encontrar os amigos, passear etc.

4.2 ENTENDENDO O QUE É UMA COMUNIDADE DE PRÁTICA

No texto *Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder*, as autoras, Eckert e McConnell-Ginet (1992, p. 8), definem comunidade de prática como

um agregado de pessoas que se juntam em torno de um empreendimento mútuo. Modos de fazer coisas, modos de falar, crenças, valores, relações de poder – em resumo, práticas - que emergem no curso de um esforço mútuo. Como um construto social, a comunidade de prática é diferente da comunidade tradicional, basicamente porque é definida simultaneamente pelos seus membros e pela prática na qual seus membros se engajam³⁰.

Dessa forma, as autoras acima apresentam o conceito de comunidade de prática como uma unidade de análise social, que permite explicar através de sua observação a construção da linguagem e outras questões a ela relacionadas, como a identidade e o gênero, por exemplo. Para Eckert e McConnell-Ginet (1992, p.101), para se caracterizar como comunidade de prática é preciso haver um engajamento mútuo dos indivíduos em uma ampla gama de atividades “que cria, sustenta, desafia e, por vezes, muda a sociedade e suas instituições, incluindo gênero e linguagem. Os locais de tal engajamento mútuo são as comunidades”. Assim, as comunidades de prática são definidas pelo engajamento social que os indivíduos realizam nelas e não meramente pela localização desses falantes (como nos estudos tradicionais), e são elas que estruturam socialmente a comunidade. Desse modo, a comunidade de prática é definida internamente, uma vez que seus membros devem estar suficientemente nela engajados.

As pessoas desenvolvem e compartilham maneiras de fazer as coisas, maneiras de falar, crenças e valores, ou seja, práticas. Dessa forma, “simultaneamente, as relações sociais se formam em torno das atividades e as atividades em torno dos relacionamentos” (ECKERT, 2000, p. 35).

Muitos se perguntam a respeito da constituição de uma comunidade de prática e sobre o tamanho desta. Sobre isso, Eckert e Mcconnel-Guinet (1992, p.102-103) esclarecem que “uma comunidade de prática pode ser constituída por pessoas trabalhando juntas em uma

³⁰ Texto original: an aggregate of people who come together around mutual engagement in some common endeavor. Ways of doing things, ways of talking, beliefs, values, power relations - in short, practices - emerge in the course of their joint activity around that endeavor. A community of practice is different as a social construct from the traditional notion of community, primarily because it is defined simultaneously by its membership and by the practice in which that membership engages.

fábrica, *habitués de um bar*, companheiros policiais e seu etnógrafo, a Suprema Corte etc. [Estas] podem ser grandes ou pequenas, intensas ou difusas”. Além disso, as autoras ressaltam que as comunidades de prática nascem e morrem, e podem sobreviver a muitas mudanças de membros. Além disso, podem estar intimamente ligadas a outras comunidades, uma vez que seus membros também participam de várias outras comunidades de prática e suas identidades são forjadas a partir da multiplicidade dessa participação.

Em seu livro *Linguistic variation as social practice*, Eckert (2000) afirma que as formas de participação que os indivíduos assumem em várias comunidades de prática podem fazer muita diferença. Em algumas comunidades de prática eles podem participar de maneira bastante marginal, mas podem ser centrais para outras; podem ser desassociados de umas, enquanto outras podem ser uma parte central de sua vida. Assim, a identidade dos indivíduos emerge no processo de participação em todas as comunidades de prática em que se engaja e, deste modo, a identidade das comunidades de prática também emerge através de seus participantes e do engajamento conjunto nesse processo.

A título de exemplo, a autora faz referência a uma banda musical – comunidade de prática, pois envolve uma participação mútua dos indivíduos, incluindo desde a escolha das músicas ao som que a banda realiza. Assim, a própria banda faz parte de outras comunidades de prática e os membros, por sua vez, participam de outras comunidades de prática separadamente, que não necessariamente têm ligação com a música, como a comunidade familiar, igreja, grupo teatral, entre outras. “Essas comunidades de prática podem ser mais ou menos sobrepostas, mais ou menos interligadas, mais ou menos consonantes³¹” (ECKERT, 2000, p. 36).

A seguir, faremos a descrição da comunidade de prática LGBTQI+ de Serra Talhada-PE, baseados nos apontamentos das autoras citadas acima, Eckert e Mcconnel-Guinet (1992). Traremos, então, questões esclarecedoras acerca da constituição de uma comunidade de prática a partir da observação etnográfica que realizamos nessa dissertação.

Enfatizamos que as observações apresentadas a seguir não seriam possíveis sem o método da *observação participante*, e de antemão, destacamos a importância desse método para as pesquisas que visam a investigação do significado social e da diversidade linguística.

³¹ These communities of practice may be more or less overlapping, more or less interacting, more or less consonant (ECKERT, 2000, p. 36).

4.2.1 A comunidade investigada: *funcionamento, descrição e conceito*

Entendemos que a língua se constrói e se reconstrói nas e pelas relações sociais, mediante as interações dos indivíduos. É, portanto, um objeto social. Assim, a variação e a diversidade linguística são inerentes a esse sistema significativo de valores, que se apresenta de forma complexa. De forma a entender, posteriormente, os significados sociais agregados na fala de homens gays sertanejos, esta seção dedica-se a relatos de observação da comunidade de prática LGBTQI+, lugar em que as identidades gays e a diversidade linguística estão sendo constantemente construídas, através das interações e interesses mútuos dos membros da comunidade, bem como esclarece o que estamos chamando de comunidade de prática, como se dá seu funcionamento e quais as ‘regras’ que a regulam.

Na cidade de Serra Talhada, o lazer é uma questão de grande relevância no cotidiano da população gay e também para população heterossexual. Observamos que o uso do tempo livre acontece de forma bastante ampla e variada aos finais de semana pela população heteronormativa, que participa de acontecimentos como festas de batizado, aniversários, casamentos, torneios de futebol, vaquejadas, rituais religiosos, clube de lazer etc. Tais eventos, por vezes, são localizados nos bairros dos moradores.

No entanto, a maioria desses acontecimentos não faz parte da agenda dos LGBTQI+, pois as opções de lazer para esse grupo são, até certo ponto, limitadas. Dentre vários fatores condicionadores, há represália social, na cidade, devido à orientação sexual ou ao fato de a maioria dos homossexuais não residirem com os pais, para frequentarem programas típicos de famílias como batizados, churrascos e por, principalmente, não haver lugares específicos na cidade pensados para o público gay. Somado a isso, contam-se os eventos religiosos que acontecem frequentemente na cidade, pois, como é de conhecimento geral, uma grande parcela dos cristãos condena a homossexualidade.

Dessa maneira, o lugar referência para o público homossexual, onde eles se encontram sem receio de maiores repressões sociais é na praça da Concha Acústica, em aniversários de amigos ou reuniões na casa destes. Embora a maioria dos membros do grupo LGBTQI+ não possua entre si uma rede de relação que combina laços de parentesco e vizinhança, eles são conectados pelos laços de vínculos afetivo formados, em grande parte, dentro da comunidade de prática.

A principal interação mútua entre os gays serratalhadenses se dava no ambiente de lazer *Concha's Rock Bar*, que ao final da observação participante mudou o nome para *Espaço*

Conchas. O bar se estendia à entrada de todo tipo de público, mas nem todos os indivíduos frequentadores se configuravam como membros da comunidade de prática estudada, pois não bastava apenas visitas esporádicas ao local, fazia-se necessário uma regularidade de frequência, um vínculo profundo com o empreendimento e com membros envolvidos. Dessa forma, configura-se como membros os indivíduos que estão situados nas atividades que envolvem o ambiente, que se reconhecem e são reconhecidos pelos demais como pertencentes ao local, numa peculiar rede de relações afetiva.

Geralmente, os LGBTQI+ se reconhecem como portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, comportamentos, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes. Independentemente da classe socioeconômica ou localização geográfica na cidade, eles buscam um ponto de aglutinação para a construção e o fortalecimento de laços.

Quando eles saem de suas casas e dirigem-se ao ambiente referência para seu grupo, não o fazem *a priori*, necessariamente, com o objetivo de consumir uma bebida. O objetivo é exercitar-se no uso dos códigos comuns e apreciar os símbolos escolhidos para marcar as diferenças entre o seu grupo e os demais. É dessa forma que a rede social vai sendo construída e os laços vão se fortalecendo.

Para Holmes e Meyerhoff (1999), os laços de associação do indivíduo com a comunidade de prática que integra são similares aos laços de uma rede social, por serem laços densos e apresentarem um nível maior ou menor de proximidade com os outros indivíduos. “Pode-se dizer que tanto as redes sociais quanto as comunidades de prática podem ser diferenciadas pela natureza do contato, no entanto, a rede social requer quantidade de interação e a comunidade de prática requer qualidade de interação” (HOLMES; MEYERHOFF, 1999 *apud* GONÇALVES, 2013, p. 113).

Observamos que há um forte sentimento de apropriação em relação à praça *Concha Acústica* e ao *Espaço Conchas*, à época, por parte da comunidade de prática. Tal afirmação fica evidente ao observarmos o uso de expressões tais como: *reduto gay* e *as bichas da concha*, que surgiram nas ocasiões de entrevistas deste trabalho. O estabelecimento era diferente de outros lugares de igual comércio, pois fortalecia e viabilizava laços mais estreitos entre os participantes, assim como proporcionava o exercício dos códigos comuns entre eles. Esses códigos a que estamos nos referindo podem ser a expressão corporal, a linguagem, a forma de vestir, de falar ou comportar-se, entre outros.

Essa ‘apropriação’ afetiva e o uso do espaço (em que há interação mútua) são determinantes para constituir e construir os significados sociais na comunidade de prática estudada. Vemos que o espaço que é ponto de referência do grupo supracitado se restringe

inevitavelmente para outros públicos. Logo, interessa mais a quem frequenta regularmente com base em interesses comuns, como resultado, tem-se a manutenção e o uso dos símbolos e códigos da “cultura gay”, e um lugar diverso em todos os sentidos. Assim, o ambiente torna-se simbólico em razão da forte presença dos grupos que o compõem.

Na Concha Acústica encontravam-se à época os bares considerados mais alternativos, como o bar e pizzaria Lampião Aceso e o Concha's Rock Bar. Este último se diferenciava tanto pela diversidade do público que o frequentava, como já dito anteriormente, quanto por fortalecer a cena do *rock* autoral Serratalhadense, por ter sido criado, *a priori*, com este objetivo. O intuito deste bar específico era comportar o público e as bandas de *rock* que não tinham um ambiente de referência desse gênero musical na cidade, como o próprio nome do estabelecimento sugeria. Contudo, o público alvo do bar não foi o pretendido. As apresentações de *rock* se tornaram esporádicas e deram espaço aos DJs, geralmente gays, e *hits* da cultura pop. Logo, apesar de não ter sido pensado especificamente para o público LGBTQI+, o *Concha's Rock Bar* se tornou referência para essa comunidade. Observamos que os informantes frequentavam o local pelo menos duas vezes por semana, como programação noturna, sendo que o local abria as portas apenas três vezes por semana. Devido a este fato, a administração alterou o nome do estabelecimento, passando a referir-se a ele como *Espaço Conchas*.

O ambiente como um todo, praça e bar, reunia vários grupos distintos, dentre eles destacamos dois grandes grupos, que podem ser categorizados da seguinte maneira: o primeiro grupo é formado por pessoas que produziam e forneciam música; o segundo, por pessoas que consumiam essa arte (estando alguns membros contidos no primeiro grupo). Os dois grandes grupos, citados acima, subdividiam-se em outros microgrupos ou outras comunidades de prática, sobre as quais explicaremos adiante. A heterogeneidade dava-se de acordo com interesses coletivos e individuais, lugares de fala e gostos similares. Observava-se que todas as pessoas estavam, de certa forma, interligadas devido à frequência constante no ambiente, mas algumas não apresentam grau de proximidade ou intimidade com membros de outros grupos. O ponto em comum é basicamente a resistência em ocupar o lugar e fazer dele um ponto de encontro alternativo e diverso.

Dentro desse ambiente supracitado, existiam outras comunidades que conviviam, afinal um único indivíduo é atravessado por várias comunidades. No entanto, é importante a ressalva de que, apesar de participar de uma gama de comunidades e ainda assim entrar em contato com tantas outras, isso não anula seu pertencimento e/ou sua filiação a uma determinada comunidade de prática, muito pelo contrário: ela se reforça na diferença às

demais. É a carga teórica, filosófica, emocional e social de cada participante que constitui e caracteriza tal microcomunidade internamente.

A partir dos dois grupos citados acima, vemos a organização de outros grupos, a exemplo, dentro do primeiro grupo: *que produz e fornece música*, o grupo chamado de *E-Basta* – Encontro de bandas alternativas de Serra Talhada, cuja principal característica é o agrupamento de músicos alternativos da cidade que buscam fortalecer o gênero musical *rock* e a produção de músicas autorais, circulavam pessoas que não têm grupos musicais formados (bandas), mas tinham interesse nos temas e nas atividades propostas pelo grupo *E-basta*, que aconteciam em parceria com o bar *Espaço Conchas*. Além desse grupo, havia as pessoas que compartilhavam os mesmos gostos por música, que eram as mesmas que consumiam as músicas do primeiro grupo, e por vezes integravam o público das apresentações. Estas pessoas, no entanto, subdividiam-se em outros grupos, como, por exemplo, do lado direito da praça, sentavam-se os considerados metaleiros e/ou roqueiros, que expressam gosto por *rock* pesado, o *heavy metal* e usavam roupas escuras, toucas, jeans rasgado, camisas xadrez, blusas de bandas de *rock*, botas coturno ou tênis *All Star*, bandanas, correntes, entre outros acessórios. Curioso e digno de menção é que os membros desse grupo não permaneciam na parte interna do bar, ficando um pouco à margem, enquanto os demais se entrecruzavam e tinham mais contato uns com os outros.

Já do lado esquerdo, mais próximo ao bar está grande parte do grupo LGBTQI+, nossos informantes, que expressavam gostos diversos, no geral mais voltados para a cultura *pop*, usavam *shorts*, saias, blusas com estampas, macacões, cabelos diversos em cores e cortes, maquiagem e ora vestiam-se de acordo com o estilo *retrô*, ora moda *teen*. Alguns destes estavam contidos no primeiro grupo, pois, como dito anteriormente, eram os DJs. Ocupavam tanto o ambiente interno do bar, local de dança, como a parte externa, em frente ao bar e proximidades. Nesse grande grupo, havia homossexuais masculinos e femininos, com traços [+ afeminados] e [- afeminados], nomenclatura atribuída pelos informantes da pesquisa³².

A grande maioria dos frequentadores era jovem universitário ou estudante do terceiro ano do ensino médio. Uma pequena parcela eram os professores da Universidade local – alguns frequentavam o local porque mantinham vínculo afetivo com os integrantes ou apenas por gostarem da música e do ambiente do bar. Uma minúscula parcela era dos visitantes não

³² De acordo com os significados dicionarizados, é chamado de afeminado aquele ou aquela cujo comportamento é associado às características estereotipadas da construção do gênero feminino na nossa sociedade, essa diferença se dá em oposição ao comportamento do gênero masculino, também construído socialmente.

assíduos, pessoas “novas” que aparecem vez ou outra para comer, beber ou por curiosidade. Acentuamos dessa forma, pois, normalmente, os frequentadores da praça *Concha Acústica* e do *Espaço Conchas* eram frequentadores assíduos.

Ressaltamos que, além dos grupos identificados, há outras pessoas frequentantes da Concha Acústica, cujo perfil não se encaixa indexadamente nos grupos descritos.

Grande parte dos nossos informantes tinham presença assídua no local e, em parceria com o bar e com outros grupos, realizavam algumas atividades sociais, a exemplo, tem-se os encontros dos coletivos de militância como o grupo *Diverso* e o grupo *Fuáh*, que constantemente promovem atividades. O primeiro grupo é de debate e militância voltados exclusivamente para a comunidade LGBTQI+, em que, geralmente, faz a explanação de textos teóricos acerca de questões de gênero, sexualidade, identidade e resistência; e o segundo grupo é de empoderamento e militância voltado, especialmente, para as mulheres negras, cuja principal representante também faz parte da comunidade LGBTQI+.

A fotografia abaixo mostra o encontro desses dois grupos em uma atividade realizada.

Imagem 2 – Foto da primeira reunião do Movimento diverso



Fonte: imagem cedida pelo *Movimento Diverso*.

Os encontros realizados se estendem do período vespertino para o noturno, por vezes apenas noturnos, culminando em uma comemoração pós evento e, geralmente, acontecem aos finais de semana. É digno de nota também que o grupo conta com o apoio de professores universitários, principalmente na promoção de debates e mesas de diálogo.

Observamos que o bar e o ambiente da Concha, propriamente dito, estavam associados em algum nível, pois, em dias em que não havia funcionamento do bar (durante boa parte da semana), praticamente não havia presença desses grupos nessa praça.

Todavia, observamos que a comunidade de prática independe desses lugares, eles funcionam apenas como um local de referência para a comunidade se encontrar. Assim, diferentemente do que alguns trabalhos apontam, acreditamos que a comunidade de prática não pode ser definida pelo local, no sentido de ser fixa e somente existir naquele local específico de encontro, pois não se trata do ambiente físico em si, apesar de poder ser pensada a partir daí. Assim, pensamos que ela pode se construir a partir de um local referência para se estender até um nível ideológico, se definindo e se construindo internamente. O fato é que ela pode ser entendida a partir da conexão entre os seus membros. Dessa forma, as comunidades de prática podem migrar de um local para outro sem haver perdas, uma vez que se constituem em seus membros e os acompanham.

Observamos que em dias da semana em que não havia, praticamente, movimento de pessoas na praça Concha Acústica, a comunidade se reúne em outros lugares. Geralmente, em outra praça, Academia das Cidades, no bairro IPSEP, ou casa de amigos. Assim, continua sendo a mesma comunidade de prática embora mude de espaço físico, pois ela é definida a partir do engajamento dos grupos, “nos quais seus participantes se envolvem em alguma atividade ou empreendimento comum e intenso o suficiente para se criar práticas sociais compartilhadas” (GONÇALVES, 2013, p.11). Ao se engajarem nessas práticas partilhadas, os grupos engatilham a produção dos significados sociais ao exercitarem o uso de códigos comuns como a linguagem, por exemplo.

Corroboramos com Veloso (2014, p.7), ao afirmar que é nesses locais de partilha que “os significados sociais emergem pela linguagem, pois acreditamos que as escolhas linguísticas estão, em grande medida, relacionadas à(s) identidade(s) que o falante constrói nessas interações”.

A identidade por sua vez não possui um caráter estático, pelo contrário (cf: BAUMAN, 2005), logo, não podemos encará-la como um processo fixo e imutável, uma vez que ela faz parte do sujeito, e que este, por sua vez, é construído de suas práticas sociais, como já enfatizamos na primeira seção.

Falamos, portanto, em processos de identificação, em que os indivíduos, no decorrer de suas vidas, passam pela escolha de pertencimento, seja de comunidade, de práticas sociais ou práticas linguísticas. Nesse último caso, a variação linguística assumiria uma significação social e estabeleceria uma relação direta com sua identificação enquanto *persona*.

Logo, quando nos desfiliamos de uma determinada comunidade como, por exemplo, uma igreja cristã e aderimos a outra religião, como a religião de matriz africana, compartilharíamos novas práticas, fariamos novos usos linguísticos, entre outros códigos e construiríamos, assim, uma ‘nova identidade’.

Além disso, os “repertórios linguísticos [dentro dessas comunidades] são dinâmicos, pois modificam-se de acordo com o uso e as negociações dentro [dela]” (VANIN, 2009, p.151 *apud* Gonçalves, 2013, p. 113). É um processo em que os sujeitos são ativos, pois podem fazer suas escolhas mediante a identificação com as práticas e grupos que lhes são apresentados. Desse modo, muito nos interessa os processos de identificação, uma vez que estão intimamente ligados à comunidade de prática e à construção de identidade, seja ela individual e/ou grupal.

Ao longo desta seção, descrevemos como se deu a coleta dos dados, o recorte do *corpus* que compõe a pesquisa e, posteriormente, nos detemos ao conceito de comunidade de prática, trazendo os conceitos de Eckert e McConnel-Ginet (1992) para embasar nossos apontamentos. Viu-se que, o conceito de comunidade de prática reside na permanência de um grupo de pessoas agindo juntas em torno de um empreendimento comum, tal empreendimento pode ser uma banda musical, um grupo de teatro etc. Assim, elas são definidas pelo engajamento social dos indivíduos e não, meramente, pela localização dos falantes. Fechando a seção, apresentamos a comunidade de prática investigada por nós, ressaltando que, uma comunidade de prática não pode ser pensada, apenas, como um lugar fixo, mas sim, a partir daí, pois ela, aparentemente, “nasce” em determinado lugar fixo, mas se estende até o nível psicológico, sendo definida e se (re)construindo em um nível interno.

5 INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Esta seção dedica-se à descrição dos vocativos encontrados na fala de homens gays serra-talhadenses. A seguir, apresentaremos a análise dos dados colhidos com o objetivo de descrever as construções contendo vocativo, bem como o uso destes na comunidade de prática investigada.

5.1 DESCRIÇÃO DOS VOCATIVOS

Foram retiradas do nosso *corpus* 109 sentenças contendo vocativo, chegando-se à soma de 116 vocativos, pois em uma das ordens os vocativos chegam a ocupar dois lugares na oração, como veremos adiante. Das 109 sentenças foram excluídas 23, pois continham vocativos cuja natureza era nomes próprios e/ou apelidos e construções cristalizadas, os quais não são de interesses deste trabalho³³. Desse modo, tabelamos um total de 93 vocativos, encontrados em 86 sentenças.

As ordens encontradas nas construções foram: i) *vocativo à direita da oração* (Or + Voc); ii) *vocativo à esquerda da oração* (Voc + Or); iii) *vocativo precedido de interjeição* (interj. + Voc + Or); iv) *vocativo dentro da oração*, ou seja, no meio da oração (Or + Voc + Or) e por fim v) *duplo vocativo*, localizados nas extremidades da oração: (Voc + Or + Voc).

A seguir apresentaremos cada uma das ordens, referidas acima, nos dados coletados nesse trabalho, com os respectivos contextos de fala onde apareceram:

1. Vocativo à direita da oração (Or + Voc):
 - a) *Tu tem certeza que tá gravando, **miga**?* (inf04³⁴ – contexto: entrevista)
2. Vocativo à esquerda da oração (Voc + Or):
 - b) ***Mulhé**, eu com um short desse tamanho, me respeita!*³⁵ (inf05 – contexto: conversa entre amigos)

³³ Todavia, citamos um exemplo de nome próprio na ocorrência de duplo vocativo, contudo não o tabelamos.

³⁴ As informações entre parênteses dizem respeito à identificação do informante quanto a ordem das entrevistas. Sendo Inf04 – o quarto informante entrevistado (inf01: o primeiro, inf02: o segundo, inf03: o terceiro e assim por diante), seguido do contexto de que as falas foram retiradas.

3. Vocativo precedido de interjeição (Interj. + Voc + Or):

c) *Ah, **minha filha**, é muito difícil saber que eu sou gay, né?! (inf05 – contexto: entrevista)*

4. Vocativo dentro da oração (Or + Voc + Or):

d) *Aquela bota é de engenheiro, **bicha**, por isso aquele peso (inf05 – contexto: conversa entre amigos)*

5. Duplo vocativo (Voc + Or + Voc):

e) ***Miga**, você tá bem, **amiga**? (inf08 – contexto: ambiente de trabalho)*

Como se pode observar acima, os vocativos podem ser considerados, aparentemente, como termos ‘livres’, no sentido de que podem aparecer em qualquer posição dentro das sentenças sem que alterem o sentido da oração, ou seja, não são argumentos de predicados.

Gramáticos e pesquisadores, como Moreira (2008), já registraram na literatura os três tipos de ocorrência do uso do vocativo, como visto em (1-a), (2-b) e (4-d), ordens do tipo: (Or + Voc); (Voc + Or); (Or + Voc + Or). Também outros autores que descrevem o vocativo como unidade não pertencente à oração como Cunha e Cintra (1985) e Bechara (1999) já mencionaram, ainda que de forma breve, o uso de vocativos precedidos de interjeição, a exemplo de (3-c).

Contudo, até o momento, não temos conhecimento do registro de ocorrências envolvendo o uso de *duplo vocativo* como em (5-e), o que torna esses dados bastante interessantes. Os vocativos desse tipo aparecem duas vezes na mesma oração, sendo no início e no final da oração, podendo ser dois vocativos iguais ou dois vocativos diferentes para referir-se ao mesmo destinatário, como nos exemplos abaixo:

6. Duplo vocativo (Voc + Or + Voc)

f) ***Mulhé**, deixe de ser baixo, **viado***
(inf06)

³⁵ Transcrição de acordo com gravação de áudio.

g) *Larissa,* *eu* *amo* *essa* *casa,* ***bicha***
(inf09)

h) *Mulé,* *a* *senhora* *tava* *apressando,* ***mulé***
(inf08)

Em (6-f), em uma conversa informal entre amigos, o informante (inf06) utiliza dois vocativos diferentes (*mulhé* e *viado*) para se referir ao amigo (também homossexual), enfatizando-o na sentença. Dessa forma, podemos dizer que o uso do duplo vocativo serve ao propósito comunicativo como recurso enfático, dado o seu exagero de marcação do destinatário na conversa. O mesmo caso acontece em (6-g), em que outro informante (identificado como inf09) faz uma afirmação positiva para a amiga a respeito da nova casa em que está vivendo. O vocativo *bicha* retomou o vocativo empregado no início da oração, *Larissa*, o nome próprio da pessoa com quem o informante estava dialogando. Já em (6-h), diferente dos dois casos acima, em que ocorreram diferentes seleções lexicais para a mesma sentença, o vocativo *mulé* se repetiu nas duas extremidades da oração, sendo que o vocativo à direita da frase foi pronunciado de forma mais enfática. Dessa forma, podemos observar que a ênfase do destinatário por meio do duplo vocativo não se dá apenas no nível morfológico, a marcação também foi realizada a nível prosódico, pois, nos três casos, a pronúncia forte dos vocativos foi bem marcada.

Na seção seguinte, descreveremos com mais detalhes as ocorrências dos vocativos encontrados e as ordens que apareceram nas frases. Ressaltamos que, analisamos este fenômeno morfossintático desde o registro dos “tipos” de vocativos encontrados e as respectivas ordens em que aparecem, até a descrição das significações que estes carregam, dado o objetivo a que nos propomos, sendo este descrever os vocativos encontrados na fala gay serra-talhadense.

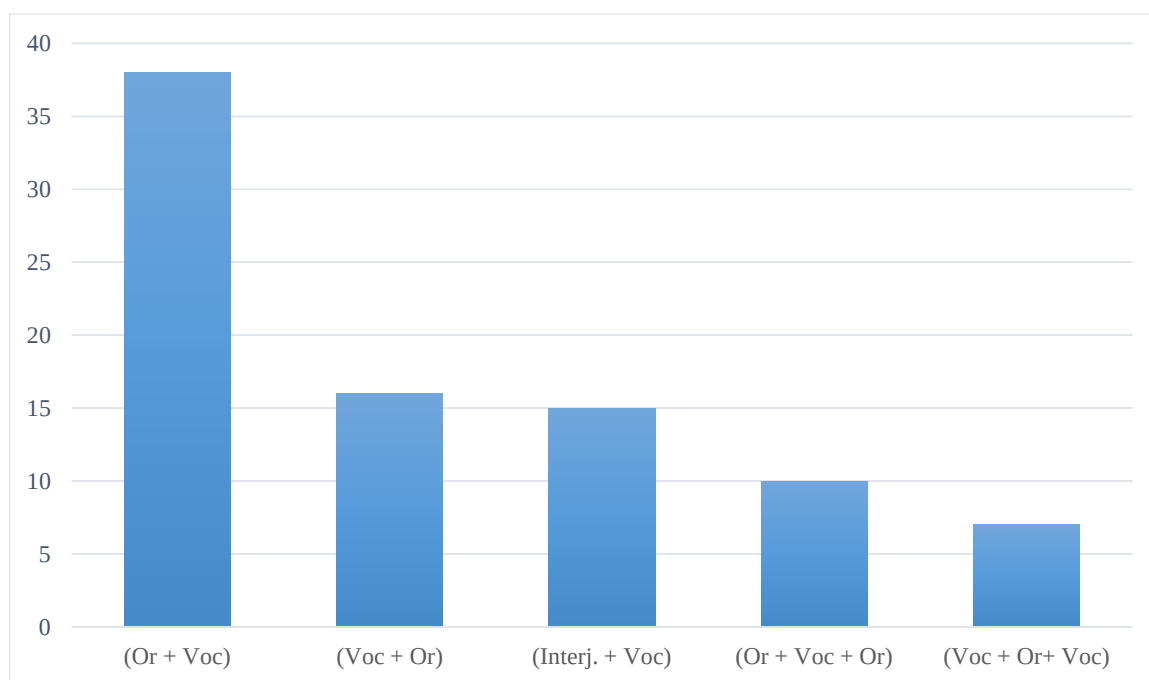
5.1.1 Ocorrência dos vocativos de acordo com as respectivas ordens em que apareceram

A respeito das 86 orações contendo vocativo recolhidas no *corpus*, o uso dos vocativos foi distribuído da seguinte forma, de acordo com a ordem de ocorrência na oração: 38 ocorrências na ordem *vocativo à direita da oração* (Or + Voc); 16 ocorrências na ordem

vocativo à esquerda da oração (Voc + Or); 15 ocorrências na ordem *vocativo precedido de interjeição* (Interj. + Voc); 10 ocorrências *vocativo dentro da oração* (Or + Voc + Or) e 7 ocorrências na ordem *duplo vocativo* (Voc + Or + Voc).

Constata-se, então, que o uso da variante (Or + Voc), *vocativo à direita da oração*, ocorreu com maior frequência em relação às demais ocorrências do *corpus*, conforme indica o gráfico 1.

Gráfico 1 – Preferência de ordem do uso dos vocativos



Fonte: elaborado pela autora

Considerando os números apresentados acima, verifica-se a preferência pela ordem (Or + Voc), que registrou 44% do total de ocorrências, enquanto a segunda ordem mais frequente apresentou um total de 19%, representando a ordem *vocativo à esquerda da oração* (Voc + Or). Já as demais ocorrências obtiveram índices percentuais mais baixos. Observe os percentuais na tabela abaixo:

Tabela 1 – Distribuição dos percentuais das ocorrências de vocativo no corpus analisado

<i>Estrutura</i>	Nº de Ocorrências	Porcentagem
[Or + Voc]	38	44%
[Voc + Or]	16	19%
[Interj. + Voc]	15	17%
[Or + Voc + Or]	10	12%
[Voc + Or + Voc]	7	8%
Total	86	100%

Fonte: elaborado pela autora

Mediante os percentuais apresentados na Tabela 1, pode-se ter uma visão de como se comporta morfossintaticamente o fenômeno do vocativo na comunidade investigada nessa pesquisa.

No estudo de Moreira (2008), referido na seção 3, a autora investigou o uso dos vocativos através de textos de peça teatrais. Em tal estudo, os resultados também apresentaram uma preferência pela ordem (Or + Voc). O número de ocorrências dessa ordem no *corpus* do trabalho da autora representou um total de 55% em relação às outras duas ordens descritas por ela, que apresentaram, respectivamente, 36% para a ordem (Voc + Or) e 9% para a ordem (Or + Voc + Or). Na ocasião, Moreira (2008) investigava as concorrências das ordens (Or + Voc) e (Voc + Or) para verificar uma possível mudança linguística nos séculos XIX e XX. Observa-se, então, que nossos resultados, referente ao percentual das ordens preteridas pelos vocativos, vão ao encontro dos resultados do estudo realizado por Moreira (2008), ainda que a autora tenha investigado os vocativos a partir de diálogos de peças teatrais, afirmando proximidade entre os textos e a comunicação oral e nós tenhamos investigados o mesmo fenômeno a partir de situações comunicativas reais.

Nesse caso, podemos pensar que não há uma especificidade na ‘fala gay de Serra Talhada’ referente à ordem, pois, ao que parece, essa é uma tendência apresentada pela língua em geral. A especificidade, então, estaria no tipo de vocativo utilizado por este grupo (*bicha*, *viado*), o que caracteriza, consequentemente, a comunidade de prática LGBTQI+.

5.1.2 Os Vocativos Encontrados

No quadro 2, apresentamos todos os vocativos encontrados nos dados (com exceção dos nomes próprios, apelidos e construções cristalizadas), distribuídos de acordo com as respectivas ordens de aparecimento. Contudo, iremos focalizar nossa atenção apenas nos vocativos que podem ser indexados à comunidade LGBTQI+.

Quadro 2 – Distribuição dos vocativos de acordo com a ordem em que apareceram nas orações

ORDEM	Bicha	Mulher	Viado	Amiga	Amigo	Gata	Rapariga	Miga	Migo
Or + Voc	6	5	4	7	3	5	2	1	1
Voc + Or	2	4	–	2	1	–	–	–	–
Interj. + Voc	3	6	–	2	1	–	–	–	–
Or + Voc + Or	2	5	–	1	–	–	–	1	–
Voc + Or + Voc	3	4	4	1	–	–	–	1	–
	16	24	8	13	5	5	2	3	1
Subtotal									76
ORDEM	Linda	Menina	Menino	Garota	Boy	Baixa	Gente	Mãe	Seu zé
Or + Voc	–	–	1	1	–	–	2	–	1
Voc + Or	–	3	–	–	–	–	2	2	–
Interj. + voc	1	–	–	–	–	1	1	–	–
Or + Voc + Or	–	–	–	–	1	–	–	–	–
Voc + Or + Voc	–	–	–	–	–	–	–	–	–
	1	3	1	1	1	1	5	2	1
Subtotal									16
TOTAL									93

Fonte: elaborado pela autora

Podemos observar inicialmente, no quadro cima, questões acerca da natureza dos vocativos. Há os vocativos i) mais solidários como *linda, gata, amiga, amigo, miga e migo*, ii)

vocativos neutros como: *mulher*, *garota*, *boy*, *menina*, *menino*; iii) os vocativos considerados menos solidários como *rapariga* e *'baixa'*; iv) vocativos genéricos como *gente* e *seu zé*, o primeiro uma forma genérica de marcar 'todas as pessoas' no discurso sem especificar alguém e o segundo uma forma genérica e também coloquial de destinar a fala a alguém desconhecido, que não se sabe o nome e/ou não quer dizer; v) os vocativos específicos como *mãe* e por fim vi) os vocativos de tratamento (específicos da comunidade) como *bicha* e *viado*.

Os vocativos de tratamento, como o nome sugere, é uma maneira de tratar e/ou de ser recebido na comunidade gay, sendo estes os vocativos do tipo *bicha* e *viado*, especialmente. Acreditamos que esses vocativos cumprem a função de, no caso da comunidade de prática LGBTQI+, indexar os participantes na comunidade através dessas escolhas lexicais. Esses participantes são, em sua maioria, o próprio público LGBTQI+, juntamente com as pessoas simpatizantes do grupo. De antemão, se faz necessário a ressalva de que quando esses vocativos são usados por pessoas de fora da comunidade, passam a ganhar significações diferentes, trataremos disso mais adiante.

Dito isto, partimos para as demais observações acerca do quadro acima. Acerca dos vocativos *bicha* (16), *mulher*³⁶ (24), *viado* (8), *amiga* (13) e *gata* (5) que, além de apresentarem maior produtividade linguística, apresentam dados interessantes.

O vocativo *bicha*, que teve 16 ocorrências, mostrou preferência pela ordem *vocativo à esquerda da oração* (Or + Voc), somando um total de 6 vocativos nessa ordem. As demais ocorrências foram divididas em proporções menores entre as outras ordens. Veja abaixo dois exemplos desse vocativo nessa ordem:

Contexto conversa entre amigos – ordem (Or + Voc)

a) *Faz até medo, né, **bicha**?! (inf03)*

b) *É muito caro aí, **bicha**? (inf08)*

³⁶ No quadro, não fizemos a distinção fonológica para as formas (mulhé), (mulé) e (mulher). Contudo, abordamos isso mais adiante.

Em a), o informante fez uso do vocativo *bicha* referindo-se a um amigo gay em uma conversa informal, enquanto seu grupo de amigos se deslocava até a praça Concha Acústica. Já no segundo exemplo, o informante destinou o vocativo a uma amiga de orientação heterossexual. Assim, constatamos que o vocativo *bicha* é usado independentemente do gênero da outra pessoa, desde que essa faça parte da rede social do informante.

O vocativo *mulher* foi um dado muito produtivo e teve a maior ocorrência em relação aos demais vocativos, totalizando 24 dados distribuídos em todas as ordens, com índices aproximados: 5 dos vocativos apareceram na ordem *vocativo à direita da oração* (Or + Voc); 4 vocativos na ordem *vocativo à esquerda da oração* (Voc+ Or); 6 *vocativos precedidos de interjeições* (interj.+ Voc); 5 vocativos na ordem *vocativo dentro da oração* (Or + Voc + Or) e 4 vocativos na ordem *duplo vocativo* (Voc + Or + Voc). Sobre esse vocativo é importante a ressalva de que, por questões práticas, no quadro 2 não controlamos questões fonéticas de acordo com dados recolhidos. Todavia, a distribuição do vocativo *mulher* se deu da seguinte forma, de acordo com a fonética:

Quadro 3 – Formas fonológicas do vocativo *mulher*

ORDEM	<i>Mulher</i> [mu'ʎɛh]	<i>Mulhé</i> [mu'ʎɛ]	<i>Mulé</i> [mu'lɛ]
Or + Voc	–	–	5
Voc + Or	1	3	–
Interj. + Voc	1	5	–
Or + Voc + Or	2	3	–
Voc + Or + Voc	–	2	2
Total	4	13	7

Fonte: elaborado pela autora

Como se pode observar, a transcrição fonética *mulhé*, sem a marcação do r, se sobressaiu em relação às demais, esta apresentou um total de 13 ocorrências, enquanto a forma *mulher*, com marcação de /r/, apresentou apenas 4 ocorrências e a forma *mulé*, sem a palatização do dígrafo *lh*, apresentou 7 ocorrências. Abaixo, apresentamos os exemplos de algumas ocorrências com as respectivas formas apresentadas no quadro 3:

Tabela 2 – Exemplos do vocativo *mulher*, *mulhé*, *mulé* nas construções

<i>Ordem</i>	<i>Oração</i>	<i>Contexto de fala</i>
Voc + Or	c) Mulher , tu tá perdida na vida. (inf06)	Conversa entre amigos
Voc + Or	d) Mulhé , eu tô chapadíssima aqui. (inf09)	
Or + Voc	e) Estourou a bota, mulé ³⁷ (inf08)	Ambiente de trabalho

Fonte: elaborado pela autora

Em todos os casos acima, os informantes usaram o vocativo *mulher* destinados a amigos gays masculinos. Observamos, desse modo, que esse vocativo é produtivo na comunidade tanto para referir-se aos homens gays quanto às mulheres, resignificando, nesse caso, a referência de gênero, dado que, tradicionalmente, esse vocativo é empregado para referir-se apenas a mulheres.

Já o vocativo *viado* teve 8 ocorrências, 4 na ordem vocativo dentro da oração (Voc + Or + Voc) e 4 ocorrências na ordem vocativo à direita da oração (Or + Voc).

O vocativo *viado*, juntamente com o vocativo *bicha*, passou por um processo de resignificação até serem empregad[o]s como referência de pessoa dentro da comunidade LGBTQI+ (CARVALHO; ALMEIDA, 2017).

Tradicionalmente, esses vocativos eram usados como adjetivos para adjetivar de forma depreciativa as pessoas cuja orientação sexual era diferente da orientação heteronormativa, isto é, para apontar quem era desviante da “norma”. Contudo, a comunidade LGBTQI+ se apropriou desses termos e os resignificou, transformando-os, conseqüentemente, em vocativos que, quando empregados por eles próprios, funcionam “como marcas de referência específicas de identidade” (CARVALHO; ALMEIDA, 2017, p. 83).

Logo, expressões como *bicha* e *viado* “deixa[ram] de ser expressões adjetivais e passa[ram] a fazer referência de pessoa, mantendo referência de gênero (social) ambígua (CARVALHO; ALMEIDA, 2017, p. 84). Abaixo os exemplos do emprego desse vocativo:

³⁷ A natureza dinâmica da ocupação desse informante, que é vlogger, permite e/ou favorece o aparecimento de dados como este, mais informal.

Tabela 3 – Exemplos do vocativo *viado* nas construções

<i>Ordem</i>	<i>Oração</i>	<i>Contexto de fala</i>
Voc + Or + Voc	f) <i>Ô, mulhé, a senhora é baixa porque a camisa é minha, viado</i> (inf08)	Ambiente de trabalho
Voc + Or + Voc	g) <i>Ah, viado como é que tu tá, bicha?</i> (inf05)	Conversa entre amigos

Fonte: elaborado pela autora

Em f), o uso do vocativo *viado* foi destinado a um amigo gay no ambiente de trabalho do informante. Nesse caso, o informante referido é um *vlogger*³⁸, e o contexto de trabalho, então, se restringe a gravação de um vídeo que seria disponibilizado para a plataforma digital a qual é associado, por assim dizer. Em g) o vocativo *viado* também foi endereçado a um amigo gay, mas em um contexto diferente.

Por fim, o vocativo *amiga*, que também apresentou uma quantidade de dados relevantes, registrou 13 ocorrências, sendo 7 delas para a ordem Or + Voc, indicando, desse modo, uma preferência para essa ordem. O uso desse vocativo também foi empregado sem distinção de gênero. As demais ocorrências foram distribuídas em menor número entre as demais ordens. Observe o uso de algumas das ocorrências:

Tabela 4 – Exemplos do vocativo *amiga* nas construções

<i>Ordem</i>	<i>Oração</i>	<i>Contexto de fala</i>
Or + Voc	h) <i>Ai já não é nudez, amiga. É eroticidade!</i> (inf01)	Conversa entre amigos
Voc + Or + Voc	i) <i>Miga, você tá bem, amiga?</i> (inf08)	Ambiente de trabalho

Fonte: elaborado pela autora

Em h), o vocativo, retirado do contexto conversa entre amigos, foi destinado a uma amiga de orientação heterossexual. Já em i), o falante destina o mesmo vocativo a um amigo gay. Portanto, o caso desse vocativo assim como os vocativos, *bicha*, *mulher*, *viado* e *gata* são

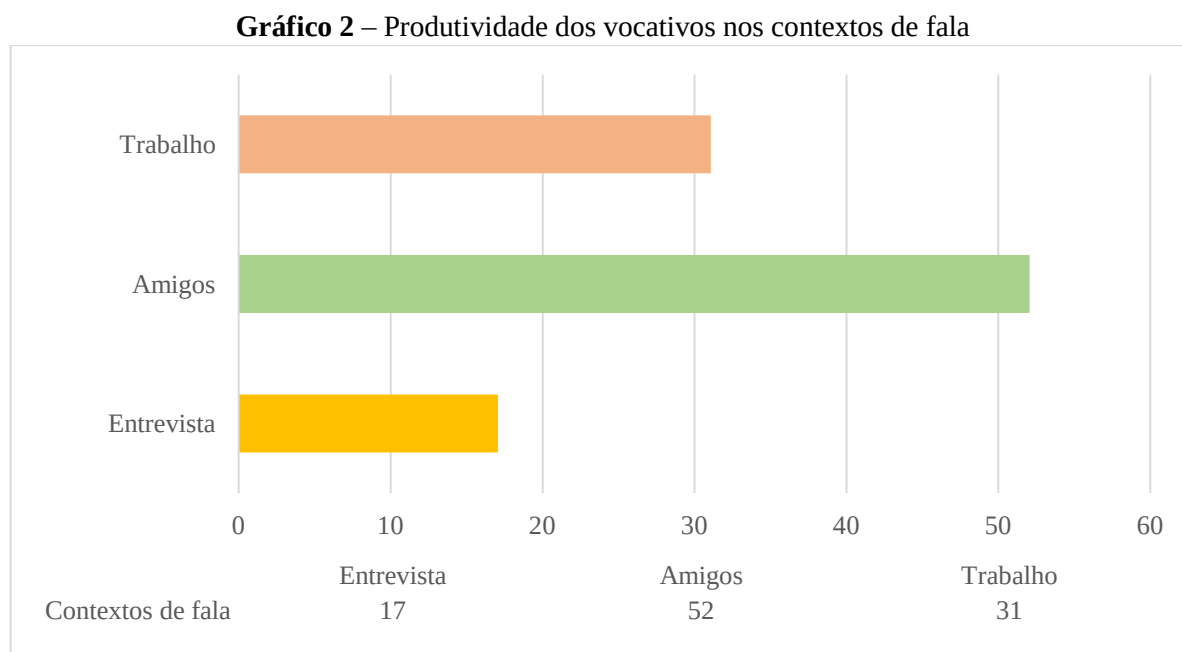
³⁸ Termo usado para designar uma pessoa que cria conteúdos de vídeos pessoais para uma plataforma digital que, geralmente, é o Youtube.

usados pela comunidade LGBTQI+ como marcação de pessoa sem exigir referência de gênero (social).

Na próxima seção apresentaremos os contextos de fala que favorecem o uso dos vocativos mostrados no gráfico 2.

5.1.3 Produtividade dos vocativos nos contextos de fala

Como já dito anteriormente, coletamos os dados de fala dos informantes em três situações distintas, a saber: *entrevista sociolinguística*, *conversa entre amigos* e *ambiente de trabalho*, cujo intuito foi observar como o monitoramento estilístico interfeririam na ocorrência dos dados, visto que as três situações de fala exigem níveis de formalidade diferentes por parte do falante. Em consequente, essa metodologia nos permitiu visualizar a produtividade do *vocativo* nos diferentes contextos de interação social observados, conforme apresentado no gráfico 2:



Fonte: elaborado pela autora

De acordo com os resultados mostrados no gráfico acima, o contexto *conversa entre amigos* obteve um percentual maior em relação aos demais contextos, 52%. Assim podemos dizer que esse contexto favoreceu a produtividade do fenômeno. No referido contexto,

contabilizou-se 48 vocativos, sendo, portanto, sua produção linguística maior do que no contexto *ambiente de trabalho*, que registrou o percentual de 31%, somando um total de 29 vocativos, e do que o contexto de *entrevista sociolinguística*, que obteve o percentual de 17%, somando o total de 16 vocativos.

Estes dados são importantes para a *Terceira Onda dos Estudos Sociolinguísticos* na medida em que inauguram um contexto que prioriza a potencialização da produção de dados de fala que, além de serem considerados típicos (alguns) da comunidade investigada localmente, são produções linguísticas compartilhadas e disseminadas pelos próprios membros da comunidade de prática em um acordo consciente, que fortalece o engajamento dos membros nas práticas linguísticas e discursivas, em que compartilham os mesmos objetivos em um empreendimento comum.

Ao coletar dados em diferentes contextos, entendemos que o contexto *conversa entre amigos* pode ser considerado como aquele em que a produção linguística dos falantes ocorreu de forma mais espontânea, pois houve pouco ou nenhum monitoramento da fala por parte dos informantes, diferente dos dois outros contextos, que aparentemente apresentam um nível de monitoramento maior em algum nível.

A discrepância entre os percentuais pode ser, então, explicada por três fatores: i) pela natureza do próprio vocativo, pois é um fenômeno empregado em momentos específicos na fala, sendo usado geralmente para chamamento ou marcação de pessoa por meio do nome próprio, substantivo e/ou elementos substantivados; ii) pela exigência do grau de formalidade que o contexto de fala possui, e iii) pelo grau de intimidade entre os participantes das interações. A respeito desse último, pode-se dizer que o estilo e as escolhas lexicais dos informantes decorrem, de acordo com o segundo fator, do grau de formalidade do contexto. Desse modo, mesmo havendo um grau de intimidade entre os envolvidos na situação, o informante monitora sua fala mediante o contexto, usando para tanto um estilo de fala diferente e, consequentemente vocativos mais ou menos formais, a depender do contexto.

No *ambiente de entrevista*, por exemplo, em que o percentual de uso se mostrou mais baixo (17%), houve a ocorrência de vocativos apenas i) quando o falante tinha um grau de proximidade maior com a pesquisadora; ou ii) quando o falante relembra uma fala sua proferida em outro momento. Veja alguns exemplos abaixo na tabela 5:

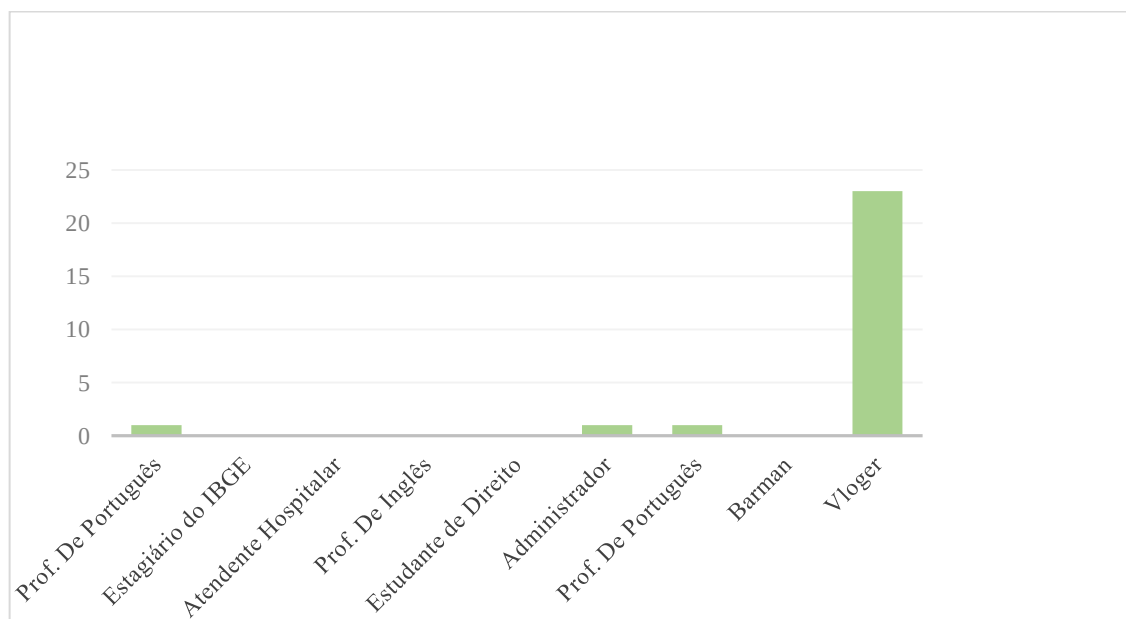
Tabela 5 – Vocativos retirados do contexto entrevista

i) Proximidade com a pesquisadora:	ii) Relembrando uma fala:
<i>Jam</i> , tu quer mesmo me perguntar isso? (inf05)	Ai, eu disse: <i>mãe</i> , não rola, eu sou gay! (inf05)
É bom morar no sítio? É! Mas, <i>bicha</i> , a muriçoca, o cachorro, o raio que cai no seu terreiro (...) (inf01)	Ai, eu disse a ela: <i>mãe</i> , eu não vou porque eu sou homossexual e o que vocês pregam vai contra tudo que eu sou. (inf05)

Fonte: elaborado pela autora

Se observarmos os dados acima, vemos que em (i) o (inf05) trata a pesquisadora por um apelido e o (inf01) a chama pelo vocativo *bicha*, tais escolhas lexicais demonstram, de certo modo, um certo nível de proximidade entre as partes. Em (ii), o inf05 chama a atenção pelo fato de que a pessoa a quem ele se referiu não estava no ambiente, sendo “chamada” indiretamente. Esse dado é curioso por revelar que o vocativo não acontece apenas quando estamos frente à frente com nosso interlocutor, outras opções como esta também são possíveis.

Já no contexto *ambiente de trabalho*, o percentual 31% pode ser explicado pela natureza da ocupação dos informantes. Essa pesquisa mostra que o fenômeno investigado por nós, o vocativo, é improdutivo em alguns ambientes de trabalho, a depender da profissão do informante. Observe o gráfico abaixo:

Gráfico 3 – O uso de vocativos pelos informantes de acordo com as ocupações

Fonte: elaborado pela autora

Como se pode observar, os informantes de apenas 4 ambientes de trabalho fizeram o uso de vocativos nesse contexto, cujas profissões são: professores de língua portuguesa, administrador de empresa e *vlogger*. Já os demais informantes de profissões como estagiário do IBGE³⁹, atendente hospitalar, professor de língua inglesa, estudante/estagiário de direito e *barman* não realizaram o uso de nenhum vocativo nesse contexto. A ocorrência de vocativos nas profissões como professor de língua portuguesa⁴⁰ e administrador de empresa representaram um percentual de apenas 4% cada.

Em contrapartida, o informante cuja ocupação é *vlogger* produziu um total de 23 vocativos, representando um percentual de 88%. O interessante desse caso é que, nessa ocasião, o informante registrou o áudio/vídeo enquanto fazia um passeio com quatro amigos íntimos (2 gays masculinos e 1 mulher lésbica⁴¹), em que conversavam e faziam travessuras uns com os outros. Nossa hipótese é de que as profissões que exigem um grau de formalidade maior refreiam, em níveis maiores, o uso de vocativos que marcam sua identidade como gay, enquanto profissões mais dinâmicas e menos formais, como a de *vlogger*, favorecem o uso, uma vez que a ideia é que o falante aja o mais naturalmente possível, exibindo quem realmente ele é para os telespectadores do seu conteúdo na *internet*. Nesse caso, o fator estilístico poderia estar interferindo, de certo modo, nesse processo de

³⁹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

⁴⁰ No ambiente de trabalho, esse informante realizou cerca de quatro construções utilizando nome próprio, o que já era esperado de certa forma, para se referir aos alunos.

⁴¹ Essa descrição é feita apenas para visualizar a rede social do informante.

moderação dos vocativos em ambientes que exigem maior formalidade. Importante a ressalva de que os vocativos que ocorreram nos locais de trabalho como empresas e escolas foram sempre nomes próprios, com exceção do ambiente de trabalho do informante *vlogger*.

5.2 SOBRE OS USOS: *SIGNIFICADO SOCIAL, IDENTIDADE E PRÁTICA SOCIAL*

Diante do que foi exposto até então, podemos inferir algumas coisas sobre o uso dos vocativos encontrados na “fala gay” estudada neste trabalho: i) a ordem preferida de marcação é vocativo à direita da oração (or + voc); ii) a grande maioria é usado no feminino independente do gênero do interlocutor, iii) os vocativos são empregados de forma consciente, (e como ato político), iv) os vocativos são adequados aos contextos de interação (variação estilística), sendo produtivo, geralmente, dentro da comunidade de prática, v) a rede social interfere na produtividade dos vocativos; vi) os vocativos podem ganhar significações diferentes; e, por fim, vii) o uso dos vocativos típicos da comunidade performam uma identidade gay, afirmando o caráter determinante da linguagem para a constituição de identidades sociais.

Os dados mostram que os informantes usam a marcação de gênero gramatical no feminino para marcar muitos vocativos, como *gata*, *bicha*, *amiga*, *rapariga* entre outros. O vocativo é, então, usado no feminino para referir-se tanto aos homens quanto às mulheres, independentemente da orientação sexual destes. Observe alguns exemplos abaixo, além de outros já apresentados no decorrer da análise:

1. *Eita, homofobia, viu, **amiga!** (inf08 – ambiente entre amigos)*
2. *Vai tomar no cu, **rapariga!** (inf03 – ambiente entre amigos)*

Ambos os casos registram vocativos de marcação de gênero gramatical feminino, porém nenhum destes é destinado a uma mulher, o que seria esperado, de acordo com regras da gramática normativa. Em 1, o vocativo *amiga* destina-se a um homem de orientação homossexual, amigo do informante. Nessa situação, o informante fazia uso da ironia para responder de forma crítica a um comentário feito pelo amigo, não havia situação real de homofobia. Já em 2, o vocativo *rapariga* é destinado a um homem de orientação heterossexual, também amigo do informante.

A respeito dessa marcação de gênero no feminino na “fala gay”, podemos considerar dois fatos, i) uma marcação por estilo, sendo que, provavelmente, tenha sido uma escolha individual feita em algum momento e acolhida e repetida por um grupo, que culminou em um uso consciente de tais formas linguísticas e em ii) um ato político. Logo, os usos conscientes dessas formas, ou seja, escolher usá-las, é uma forma de subverter os padrões impostos e reproduzidos pela heteronormatividade (e pelo patriarcado).

Sobre essas questões, podemos observar a fala do *INF06*. Observe os fragmentos abaixo:

“(…) Sempre no feminino, sempre o tratamento no feminino entre a gente. Todas as gays são tratadas no feminino e são tratadas e... (pausa) tudo desde o artigo, sempre toda flexão da fala é tratada no feminino”.

“(…) É um ganho quando eu falo **mulher** (vocativo) com as outras que eu chamo de mulher, mesmo que não sejam mulheres. A gente tira isso da fala, de colocar o gênero de uma forma tão definitiva na fala. O problema não é ser gay, o problema é ter feminilidade, o problema é ser feminino. Eu acredito nisso. É uma forma de tirar isso da fala, da necessidade de ser sempre o masculino. Quando eu uso no generalizante, eu uso tudo no masculino. Todos os alunos. Em uma sala que tem 50 meninas e 1 menino, eu uso todos os alunos. É uma forma de manter o privilégio”.⁴²

Na ocasião, o informante falava acerca das peculiaridades que ele observava na “fala gay”. Nesses trechos podemos observar a consciência política desse informante acerca do uso da linguagem (e dos vocativos) como instrumento sócio-político de agente no meio social, de que o sujeito age pela linguagem, ao mesmo passo em que se constitui por ela. Ao fazer uso de certos vocativos com marcação do gênero sempre no feminino, constrói-se uma identidade individual e de grupo, ou seja, performa uma identidade, como aponta Butler (1990), nesse caso, uma identidade gay, além de subverter alguns padrões sociais impostos pela cultura do patriarcado.

Um outro informante (*INF03*) também observa essa peculiaridade na “fala gay”, de fazer a marcação de gênero gramatical no feminino, o que demonstra que esse estilo é reconhecido por eles (gays) e ainda indexado a suas identidades. Observe o trecho seguinte:

“(…) E uma coisa engraçada é chamar as gays pelo feminino. Não dizer, sei lá (...) Mas se ele solta certas palavras chave como um arrasou, um bicha, chamar o outro de viado, um: tô passada. Primeiro se tratar no feminino, dificilmente você vai ver um hétero fazendo isso, é um hétero muito desconstruídi. Mas é justamente isso as gays,

⁴² Percebe-se, nesse enxerto, a percepção do falante em relação aos seus usos linguísticos, sobre essa temática direcionamos o leitor para os trabalhos de Freitag (2015, 2016) sobre a temática de atitudes linguísticas.

elas têm o costume de se tratar no feminino, isso é muito perceptivo.

Ambos os excertos foram retirados do contexto entrevista sociolinguística, entre pesquisadora e informante.

Sobre os pontos iv) e v), o gráfico 2 mostrou que os vocativos são mais usados quando o falante está em um contexto de interação mais espontâneo, quer seja, nas interações com os amigos. Além disso, o gráfico 3 mostrou que algumas profissões/ocupações não favoreceram o uso. A respeito disso, observamos que a rede social tem papel fundamental, pois os informantes que mais usaram vocativos foram gays cujas redes sociais são formadas em sua maioria por LGBTQI+. Em contrapartida, os gays cujas redes sociais são predominantemente heterossexuais, não fazem uso de vocativos considerados típicos da comunidade LGBTQI+. Quando nós indagamos os informantes acerca do uso de gírias ou expressões que pudessem associá-los à comunidade gay, as respostas foram divididas: alguns responderam que sim, automaticamente, alguns responderam que dependia do contexto em que estavam, outros responderam que não (mesmo que tenham feito vez ou outra durante o processo de coleta de dados).

Dentre as respostas, achamos interessante destacar as falas de dois informantes, em que podemos visualizar de forma clara a determinação das redes sociais e como essas podem afetar o uso dos vocativos, gírias e expressões entre outros, e a linguagem de forma geral. Vejamos o excerto retirado na entrevista sociolinguística do *INF03*.

Você faz o uso de gírias ou expressões gays?
Depende do ambiente, dependendo do ambiente... sim, mas coisas bem corriqueiras como...claro, se eu souber que as pessoas vão entender o que eu tô falando. Não adianta eu soltar um mona, só falar de <i>aquele</i>, de <i>picumã</i> que ninguém vai entender o que é isso. Mas, se eu tô num ambiente que eu sei que as pessoas vão entender, que eu olho pra uma pessoa e digo: eita, olha o picumã de fulana. E eu tô falando do cabelo dela, então, eu uso esse tipo, né?! Que vem do pajubá que é aquele outro dialeto, né. Mas assim, o meu linguajar é muito voltado para a questão dos memes. E a gente sabe que querendo ou não tem a diferenciação de um meme LGBT e um meme hétero. Então, se você fala um...um ‘arrasô, bicha’, ‘pare, viado’..ããã até chamar qualquer pessoa de viado, não é uma coisa que um hétero vá fazer. Então, eu faço muito o uso disso. Amm, que mais? Memes da Nicole Bahls, frases que ela tenha dito, que a Gretchen tenha dito, então no meio da conversa você solta isso, eu solto isso normalmente.
E o seu ciclo de amizade?
Olha, eu tenho muita amizade com lésbica. Eu tenho muito amigo...(corrige) amiga lésbica. A amiga que eu ando é lésbica e assim os amigos que eu tenho estão na universidade, não tenho amigos de rua, né?! Eu sou praticamente o único

adolescente da rua. Adolescente? Não, né (risos). O único adulto. Olhe como eu quero ser nova! Então, de bairro eu não tenho amizade. Eu tenho muita amizade no meio LGBT, assim. Meu círculo de amizade é muito LGBT mesmo. Hétero tem, mas é um número de hétero bem mais reduzido do que a quantidade de gays que eu ando e que eu converso e que eu tenho convivência.

Como pode ser observado, *a priori* o informante cita o contexto de fala como determinante para usar ou não gírias, “expressões gays” e vocativos como *viado*, do qual afirma fazer muito uso. Posteriormente, o informante atribui a produtividade do uso de tais códigos linguísticos à sua comunidade de prática, na medida em que esclarece que não adianta usar tais expressões se as pessoas não compreendem, interpretam sua linguagem, ou seja, o uso das expressões com (algumas) pessoas heterossexuais que as desconhecem ‘enfraquece’ a comunicação, sendo, portanto, mais produtivas dentro da comunidade, com os membros de sua rede social. Mais adiante, ele fala sobre a constituição dessa rede social. É importante a ressalva de que esse informante é professor de escola privada da cidade. Durante a gravação em seu ambiente de trabalho, não houve ocorrências de vocativos, com exceção dos nomes próprios. Além disso, o informante geralmente se encontra com os amigos durante a semana no turno da noite e, principalmente, nos finais de semana. Essa informação é importante na medida em que evidencia o engajamento com a comunidade.

Vejamos outro excerto retirado da entrevista sociolinguística com o outro informante, identificado como *INF06*:

Você faz o uso de gírias ou expressões gays?

(...) E também assim, eu não uso gírias, eu uso pouquíssimas gírias. Eu acho que vem muito dessa minha convivência com heterossexuais. Não uso gírias do mundo gay (...) A única coisa que falo é “massa”, “beleza”. Beleza? (faz sinal de estar cumprimentando alguém), só e “tô ligado!” “Arrasou” é raro. “Lacrou” não, eu nem gosto da palavra “lacrar”. “Lacrou”, “lacrção”, “diva da lacração”. Não falo isso não. “Arrasou”, eu uso em cenários específicos, em situações específicas... que eu bem consciente assim, eu quero dizer “arrasou”, não é como a gente diz assim: “legal”. Não vem dessa forma, vem assim: eu quero dizer “arrasoooou” (empolgação). Mas eu nunca uso assim: “arrasou, **bicha!**”

Você tem mais amizade com héteros ou com gays?

(...) meu contato é mais com héteros, porque os espaços que eu frequento, que eu costumo frequentar são espaços que eu... que é frequentado em sua maioria por héteros. Como eu não gosto muito de sair e tal, eu fico em ambientes mais calmos assim e que não tenha música muito alta. Eu sou, basicamente, o velho. Eu não tenho muito saco. Eu já tive, já vivi muito isso, isso antes. Na Concha sempre andei, mas sempre que eu saio com amigos gays. Mas os ambientes que eu frequento diariamente assim, é meu trabalho. No meu trabalho, cheu... deixa eu ver se tem gay (expressão

pensativa) Não tem nenhum, tem um... eu só, eu de gay lá.

– E são quantos funcionários lá? Setenta, setenta funcionários e só eu de gay.

Como se pode observar, esse informante diz não fazer uso de gírias da comunidade e associa o fato a sua rede social do dia a dia, ou seja, as pessoas do trabalho. O informante em questão é atendente de hospital, faz exaustivos plantões, por isso passa muito tempo (dia e noite, por vezes) tendo contato apenas como a população heterossexual. Logo, se encontra com a comunidade LGBTQI+ somente em alguns finais de semana. Diferentemente, do informante anterior que tem contato com os amigos gays ainda durante a semana e também aos finais de semana. O *inf06* (informante 06) também não fez uso de gírias, expressões ou vocativos gays no ambiente de trabalho. E chegou a afirmar que todas as questões sobre o “ser gay” nesse ambiente são sempre tabu, embora já tenha tido algum avanço. Além disso, utilizou-se dos vocativos *viado*, *mulher*, *amiga*, entre outros, algumas vezes durante a interação com os amigos gays. O que nos alerta para a atenção à adequação ao contexto feita pelos informantes, ou seja, ocorre variação de estilo.

É perceptível que a fala deles varia consideravelmente quando se altera o contexto de fala, dado o fato de que eles apresentam diferentes comportamentos linguísticos a depender das situações de interação (NOGUEIRA, 2017). Nas palavras de Wortham (2005, 2006 *apud* BORBA, 2014, p. 90), durante o processo de socialização “os indivíduos são institucionalmente socializados em determinadas práticas e desenvolvem certas performances identitárias”.

Fica claro, portanto, que as redes sociais têm papel significativo dentro do processo de variação linguística. Como se pode observar, enquanto o informante 03, cuja rede social é constituída em sua maioria por gays e o contato entre eles é mais intenso, diz fazer os usos de uma linguagem que o associe à comunidade LGBTQI+ de forma muito espontânea, o informante 06, cujo o contato cotidiano e rede social é predominantemente heterossexual, diz não fazer o uso dessa linguagem e quando o faz é de forma bastante consciente. Como exemplo, o informante cita a expressão *arrasou*, que quando usa é por escolher usar, conscientemente, mas diz que, linguisticamente, não faz o uso da expressão “*arrasou, bicha*”.

Acreditamos que essas divergências nas falas dos informantes sejam efeito das redes sociais destes e das pressões sociais que elas exercem sob eles, visto que, embora o informante 06 opte por não usar determinadas expressões, gírias e vocativos da comunidade gay (ou pelo menos dizer isso), e realmente não o fez durante a gravação no ambiente de trabalho, esse mesmo informante sai maquiado para ir à Concha (“*quando estou com*

paciência”) e faz usos de vocativos como *amiga*, *mulher* e *bicha* (com amigos homens) quando está na sua comunidade de prática gay.

Por fim, vemos que o uso dos vocativos de tratamento *bicha* e *viado*, quando usados pela comunidade LGBTQI+, performam uma identidade gay que é reforçada nas práticas mediante os usos linguísticos. Pode-se dizer, então, que esses vocativos são a marca identitária da comunidade LGBTQI+, dado o fato de que os membros reconhecem e se identificam com tais termos, funcionando como referências específicas da comunidade.

Desse modo, o vocativo pode servir a muito mais do que o propósito descrito pelas gramáticas normativas, de chamar, invocar, interpelar, entre outros termos que apenas referem-se ao outro na comunicação. Nesse caso, eles podem dar pistas ou indícios de uma identidade ou indexar alguém a uma determinada comunidade.

5.2.1 As variáveis

A análise nos nossos dados foi feita baseada na observação dos informantes em suas práticas linguísticas. Percebemos, contudo, que as variáveis sociais como escolaridade, faixa etária, assim como a distribuição geográfica dos falantes, variáveis que têm sido, tradicionalmente, o apoio de pesquisas sociolinguísticas, não se mostraram suficientes para a nossa análise, visto que os informantes da pesquisa apresentam o mesmo nível de instrução acadêmico, são da mesma faixa etária, e suas localizações geográficas parecem não afetar o uso dos “vocativos de referência gay”. Entretanto, percebemos que as redes sociais tiveram um papel significativo na influência dos usos, sobre o que já discutimos na seção anterior.

Interessante que, ao indicar amigos e/ou conhecidos para participarem também da pesquisa, os informantes, geralmente, indicavam aqueles com quem tinham mais proximidade e, conseqüentemente, alguns deles vieram a participar também das gravações no contexto de *conversa entre amigos*. Logo, pudemos observar fatores como o grau de intimidade e os vínculos que estabelecem entre eles. Além do mais, a indicação de outros possíveis informantes revelou, em segundo plano, a indexação dos membros à comunidade de prática LGBTQI+, na medida em que se enxergaram e enxergaram os demais como participantes de tal empreendimento comum, fato importante para a Terceira Onda. O trecho abaixo, retirado do *corpus*, exemplifica a qualidade dos laços formados na comunidade de prática:

INF03 – (Contexto de entrevista sociolinguística)

Porque todo mundo se conhece e já, assim, virou um ambiente familiar por isso, porque todas as pessoas que frequentam são sempre as mesmas e é dessa galera, dessa *vibe* mais LGBT mesmo.

Desse modo, os nove informantes dessa pesquisa são amigos próximos e/ou conhecidos e frequentam os mesmos lugares, formando, desse modo, uma rede social densa. Nas palavras de Evans (2004 *apud* BATISTI, 2014, p. 83), “a densidade refere-se aos contatos dos indivíduos: quando maior o número de pessoas em rede que se conhecem maior sua densidade”. Os vínculos entre eles, no entanto, variam entre fortes e fracos. E os vínculos que se estendem para além da comunidade de prática, onde geralmente estão seus amigos, são fracos (incluindo os vínculos familiares)⁴³.

Quando indagados, por exemplo, se conhecem os vizinhos, os informantes responderam que não, que vivem apenas da Universidade, Faculdade e/ou trabalho para casa. Se encontram com os amigos, por vezes, na semana e também aos finais de semana, por isso não dispõem de tempo para conhecer e/ou interagir com os vizinhos. Quando indagados para onde gostam de sair, no entanto, é expressa a preferência pelo local de encontro da comunidade de prática, a Concha. Observe o trecho retirado do *corpus*:

Bom, pela *vibe underground*, eu vou pra Concha, para o Conchas Rock Bar. E só! Basicamente, aqui em serra eu só frequento a Concha, antes era aquela *vibe* praça e concha nunca sai dessa zona, porque barzinho que tem forró nunca me atraiu. Essas coisas, tá ligada?! Ficar em casa também, né?! Mas agora, basicamente, só a Concha.

Somados à influência das redes sociais nos usos e ligado a ela, estariam os contextos de fala, cuja influência nos usos dos “vocativos gays” já foi discutida, em que constatamos que os falantes mudam de estilo quando o contexto é alterado e, a depender do local de interação, não fazem uso dos vocativos que os indexam à comunidade LGBTQI+, obedecendo, de certo modo, aos níveis de formalidade (no caso do ambiente de trabalho) exigidos pelo contexto e, consequentemente, pelas pressões sociais.

⁴³ A maioria dos informantes não reside na casa dos pais, assim, não estabelecem laços fortes com eles, mas sim com os amigos e companheiros, cujo contato e proximidade são maiores. Ainda, os informantes que moram com os pais e/ou responsáveis disseram ter um grau de intimidade distante.

5.3 OUTRAS OBSERVAÇÕES

Ainda, observamos outros casos interessantes referentes ao comportamento dos vocativos que merecem ser citados. Embora não tratemos deles de forma aprofundada, é importante o registro dos dados para pensarmos em trabalhos futuros e refletirmos mais acerca desse fenômeno. Deteremos-nos nessas observações daqui por diante.

Observamos que o uso dos vocativos característicos, por assim dizer, da comunidade LGBTQ+ como *bicha*, *mulher* e *viado*, associam-se ainda aos recursos prosódicos como o alongamento vocálico e as diferenças entonacionais, como se pode observar nos exemplos abaixo:

- j) **Biicha**, quando foi sexta-feira na Concha, eu escutei a seguinte frase: *Se você mora em Serra Talhada e não beijou E.C., você está morando errado.*
- k) **Mulheeee**, deixa de ser baixa, viado!

Observamos que, quando o vocativo *aparece à esquerda da oração*, na ordem (Voc + Or), como nos exemplos acima, há um alongamento da vogal (como em j), alongamento da vogal anterior alta (i) e, como em k), alongamento da vogal média anterior /ε/, que combinados a outros elementos podem representar efeitos diversos, como surpresa, euforia, espanto, felicidade entre outros. Em j), por exemplo, a entonação do informante revela um sentimento de surpresa em relação a um acontecimento relacionado a sua pessoa. Já em k), a entonação revela um sentimento de reprovação para com seu interlocutor. Além disso, quando o vocativo é precedido de interjeição, o alongamento da vogal recai na interjeição, como pode ser visto abaixo:

- l) **Ôôô, mulher** tá sujo aí. *Aff Maria !*
- m) **Aaah, minha filha**, é muito difícil de saber que eu sou gay, né?!

Uma outra peculiaridade interessante a respeito dos vocativos *bicha* e *rapariga*, é que, aparentemente, outros elementos como os adjetivos, por exemplo, podem se agregar a eles formando um sintagma nominal com um adjunto:

- n) Mentira! Todo ano tu diz isso. *Todo ano tu tá lá, rapariga mentirosa!*
- o) Olha, **bicha safada**, eu já botei vinagre e tu ainda está fazendo aí (repreensão a cadela)

Observe que os adjetivos pejorativos (mentirosa e safada) se agregaram aos vocativos rapariga e bicha sem nenhum problema, além do peso semântico que carregam.

Sobre os adjetivos, eles também podem se apresentar como vocativos, a exemplo a palavra baixa, que surgiu nos dados em posição de vocativo. Porém, no contexto o vocativo não se referiu à altura do interlocutor, como uma pessoa de baixa estatura, mas sim como uma pessoa ordinária, vulgar.

p) Ô, **baixa**. Isso! Você mesma que é a baixa.

Pudemos captar o sentido da palavra através do seguinte excerto, retirado dos dados:

*“Eu saí de perto delas porque se eu ficar perto delas, **eu vou ficar falada**, por isso eu saí de perto delas. Ó essa aqui é baixa, essa mesmo é a baixa. Ela é a mais baixa que tem aqui. ”*

Como se pode observar, havia uma preocupação do informante de “ficar mal falado” se estivesse próximo dos amigos, que ele considerou como sendo “baixas”, ou seja, vulgares. É importante ressaltar que essa colocação foi uma ironia do informante, utilizada em um contexto de descontração com os amigos.

5.3.1 Os casos de não concordância

Outro dado que merece relevância diz respeito à concordância com o gênero gramatical no particípio em algumas construções encontradas no *corpus*. Observe os dados:

q) *Amigo, me revele você já foi **comida** por um aluno?*

r) *Quase eu disse: mulher, eu dou uma chave de perna no teu **marido**, que ele fica **morta**.*

Como se pode observar, em q) o vocativo *amigo* é lexicalmente masculino, exigindo, portanto, que os demais elementos da construção que o acompanham façam a marcação de gênero concordando com ele, de acordo com o que aponta a gramática normativa. O mesmo acontece com r), só que, diferentemente, o substantivo *marido* não está na posição de vocativo

como *amigo* está em q). Contudo a funcionalidade da regra deve ser considerada para ambos os casos.

Observamos, para tanto, que as gramáticas tradicionais não descrevem ou abordam dados como este: concordância de gênero com vocativo. O que sabemos é que, ao passo que essa variação de gênero gramatical ‘fere’ os conceitos da gramática normativa, a peculiaridade desse dado revela uma lacuna na concepção de gênero que temos na nossa sociedade e nos leva a pensar sobre o quão é complexo esse assunto.

6 CONCLUSÃO

Consideramos o fim das observações etnográficas, propriamente ditas, por volta de meados de agosto de 2018, quando nos preparávamos para o próximo passo dessa pesquisa, que correspondia ao período de qualificação. No entanto, durante todo o período da escrita continuamos a observar o comportamento da comunidade de prática, tomando nota sobre alguns aspectos. Nesse período, situado cronologicamente em fevereiro do corrente ano, o estabelecimento Espaço Conchas (ao qual nos referimos na seção 4.2.1) encerrou as atividades comerciais. Tal fato, porém, não afetou a constituição da comunidade de prática, que continua circulando pela praça e ocupando outros espaços, sem dissipar-se e/ou deixar de existir; atestando, portanto, a hipótese de que a comunidade de prática não pode ser definida apenas geograficamente.

Ressaltamos, assim, a importância da pesquisa etnográfica em comunidades mais específicas, pois ela pode possibilitar a oportunidade de observações cuidadosas acerca do objeto investigado, e através dela pudemos perceber a organização dos integrantes em determinados grupos, como eles coordenam suas ações e, sobretudo, como se relacionam dentro da comunidade, como respondem aos significados sociais, se reconhecem e são reconhecidos pelos outros membros (construindo o significado da variação) e, principalmente, como usam a língua(gem) nas suas práticas sociais para se colocarem no mundo enquanto sujeitos.

Centrando-nos no uso dos vocativos, vimos que a escolha lexical desses, bem como a indicação de outras pessoas de perfil semelhante foi significativa nesse trabalho na medida em que revelou “uma maneira consciente [dos informantes] de indexicalizarem, às suas falas, o pertencimento à comunidade de prática gay” (CARVALHO; ALMEIDA, 2017, p. 96). Vimos, portanto, que a identidade é performada através dos usos linguísticos que o informante faz nas práticas sociais, e assim se constroem também os significados sociais. Para Butler (1990/2003, p. 59), a repetição constante dessas estilizações nas performances cotidianas é o que confere às identidades sua aparência de “classe natural de ser”.

O uso linguístico, por sua vez, não é algo que ocorre com base em uma identidade já constituída, pois a identidade precisa ser afirmada e reafirmada linguisticamente para existir e continuar existindo (CAMERON, 2002, p. 17). Desse modo, o uso dos vocativos de tratamento da comunidade gay, assim como outros usos linguísticos (e outras semioses) específicos dessa comunidade, cumprem o papel de reafirmar cotidianamente uma identidade

social, por isso podem ser considerados como uma marca identitária dessa comunidade, visto que os informantes não só respondem a estes, como os destinam a toda sua rede de amigos, independentemente destes serem gays ou não, a comunidade também é aberta para pessoas que não são gays, de modo a filiar, indexicalizar e/ou até recepcionar a pessoa à comunidade através do uso linguístico. Desse modo, o vocativo serve a um propósito muito maior do que descreve as gramáticas tradicionais.

Além disso, foi observado que alguns vocativos cuja marcação de gênero gramatical está no feminino podem ser usados para referir-se tanto a homens quanto a mulheres, o que pode ser considerado também como marca estilística da comunidade LGBTQI+, numa tentativa (talvez) de quebrar os paradigmas estruturais da cultura heteronormativa, a qual não dá espaço para se pensar em outras possibilidades de gênero além do homem/masculino e mulher/feminino.

Percebeu-se, entretanto, que a análise linguística a partir das categorias sociodemográficas poderia fornecer apenas parte do perfil/imagem dos informantes, como idade, escolaridade, classe social, distribuição geográfica etc, mas muito mais pode ser descrito considerando outros fatores como o comportamento, o posicionamento, as redes sociais, o contexto e as variações de estilo, tal como aponta a teoria da variação tida como prática social de Eckert (2000).

Neste trabalho, foi constatado que a maior ocorrência dos vocativos ocorre no contexto *conversa entre amigos*, assim, entendemos que esse contexto favorece a produção dos vocativos. Já no ambiente de trabalho, apenas um informante foi produtivo, no sentido de empregar muito os vocativos *bicha* e *viado*. Acreditamos que o fato tenha relação com a natureza de sua ocupação, *vlogger*, já que essa exige mais dinamicidade e informalidade do que as profissões dos demais informantes (professor, atendente hospitalar, administrador de empresas), os quais não fizeram uso dos vocativos de tratamento específicos da comunidade no ambiente de trabalho, mas fizeram uso deles em outros contextos de fala menos formais. Acreditamos que além do grau de formalidade, digamos assim, exigido pelas profissões, o fator cultural esteja agindo na interferência da produtividade em algum nível nesse contexto. Constata-se, portanto, que quando é alterado o contexto de interação há uma variação estilística na fala dos informantes (NOGUEIRA, 2017).

Naturalmente, estamos cientes das limitações dessa dissertação, tendo em vista o pouco tempo que tivemos para contemplar aspectos tão complexos como os que envolve o significado social, a identidade, entre outros. Contudo, esperamos que as lacunas aqui

deixadas não diminuam a relevância de um estudo desse tipo, que certamente não esgota as possibilidades de análises e discussões acerca dos vocativos e da própria “fala gay”.

Esperamos que a pesquisa aqui empreendida venha a contribuir para a investigação de trabalhos posteriores acerca de vocativos e, mais que isso, contribua para a visibilidade da diversidade linguística existente na fala de pequenos grupos, sobretudo os marginalizados socialmente, pois, quanto mais o assunto for pesquisado, mais claros ficarão os traços da identidade dessa fala, contribuindo, assim, tanto para trazer alternativas complementares ao fazer sociolinguístico tradicional, como para a valorização das identidades LGBTQI+.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. **Gramática Latina**: curso único e completo. São Paulo: Saraiva, 2000.
- AMARAL, C.L.L.; NOGUEIRA, A.F.S. **Análise sintática do vocativo na língua portuguesa e wayoro**. Disponível em: http://coloquiodeletras.ufpa.br/downloads/i-coloquio/anais/6_Carla_Lorena.pdf.. Acesso em: 26 de out. de 2018.
- ARNAULD, A.; LANCELOT, C. **Gramática de Port-Royal**. 2.ed. São Paulo: Martins fontes, 2001.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- BALSALOBRE, S.R.G. **Relação língua e sociedade em foco: observando o vocativo “moço(a)” no português brasileiro, moçambicano e angolano**. Estudos Linguísticos, São Paulo, 44 (1): p. 217-233, jan.-abr. 2015.
- BATTISTI, Elisa. Redes sociais, identidade e variação linguística. In Raquel Meister Ko. Freitag (org). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgar Blucher, 2014, p. 79-98.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade: um estudo sociolinguístico de migração e redes socais**. Tradução de Stella Maris Bortoni-Ricardo, Maria do Rosário Rocha Caxangá, São Paulo: Parábola Editoria, 2011.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 34. ed. São Paulo: Companhia editora nacional, 1992.
- BRITO, D. B. S. ; CARVALHO, D. S. ; FERRAZ, D. L. S. ; NOGUEIRA, J. M. S.; PINTO, V. C. . A.; SANTOS, R.L.A. **fala de gays sertanejos**: aproximações e distanciamentos discursivos em duas gerações. BAGOAS : REVISTA DE ESTUDOS GAYS, v. 10, p. 203-222, 2017.
- BORBA, R. 2014. **(Des)aprendendo a “ser”: Trajetórias de socialização e performances narrativas no processo transexualizador**. Tese (doutorado) – Programa Interdisciplinar em Linguística Aplicada. Universidade Federal Rio de Janeiro.
- BORBA, R. **Linguística Queer: Uma perspectiva pós identitária para os estudos da linguagem**. Entre linhas: Revista do curso de Letras, v.9, n.1, p.91-104, 2015.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**: O que falar quer dizer. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008 [1982].
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena, 11ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil. 2012.
- BUCHOLTZ, M.; HALL, K. **Identity and Interaction: A sociocultural linguistic approach**. Discourse Studies, v. 7, n. 4-5, p. 585-614, 2005.
- CARVALHO, D. S.; ALMEIDA, R. G. **Auto percepção e identidade linguística em comunidades de prática de Salvador, Bahia**. Revista Sociodialeto, v. 7, p. 82-98, dez-mar.2017.
- CARVALHO, D. S. **À beira do pertencimento**: filiação e autopercepção em comunidades de prática gays em Salvador, Bahia. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Daniel_Carvalho/publication/320324146_A_beira_do_pertencimento_filiacao_e_autopercepcao_em_comunidades_de_pratica_gays_em_Salvador_Bahia/links/59ddf0caa6fdccc2e0f2ff9a/A-beira-do-pertencimento-filiacao-e-autopercepcao-em-comunidades-de-pratica-gays-em-Salvador-Bahia.pdf . Acesso em: 25 de ago. 2018.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da língua portuguesa**. 41.ed. São Paulo: editora nacional, 1998, p. 334

COAN, M.; FREITAG, R. M. Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teóricometodológicos e propostas de ensino. **Domínios de Linguagem**. Volume 4, nº 2 – 2º Semestre 2010. p. 174-194.

CUNHA, C. **Gramática do português contemporâneo**. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Bernardo Alvares. 1976.

DA HORA, Demerval (org.). **Estudos Sociolinguísticos**: perfil de uma comunidade. João Pessoa: UFPB, 2004.

DE PAULA, A. S. O trabalho de campo sociolinguístico. In: COSTA, J. F. C.; SANTOS, R. L. A.; VITÓRIO, E. G. S. L. A. (orgs.). **Variação e mudança linguística no estado de Alagoas**. Maceió: Edufal, 2011.

DA SILVA, Priscila Rufino. **A Hipercorreção na Fala de Pastores da cidade de Maceió/AL**. 2016. 165 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal De Alagoas, Faculdade de Letras, Maceió. 2016.

DIAS, L.F; ZATTAR, N. O funcionamento do vocativo: uma abordagem da enunciação. Uberlândia: **Domínios de linguagem**. v. 11. n.4. out/dez.2017.

ECKERT, P. **Linguistic Variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, P; MCCONELL-GUINET, S. Constructing meaning, constructing selves: Snapshots of language, gender and class from Belten High In Kira Hall and Mary Buchholtz eds. (1995). **Gender articulated: Arrangements of language and the socially constructed self**. London and New York: Routledge. P, 1-41. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/ConstructingMeaning.pdf>. Acesso em: 17 jan. de 2018.

ECKERT, P. **Three waves of variation study**: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. Annual Review of Anthropology, Palo Alto, n.41, p.87-100, 2012.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. **Communities of practice**: Where language, gender, and power all live. Palo Alto: Annual Reviews, p. 1-11, 1992. Acesso em: 20 de set 2018. Disponível em: ><http://web.stanford.edu/~eckert/PDF/Communitiesof.pdf><.

ECKERT, P; MCCONNELL-GINET. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. OSTERMANN; FONTANA (Orgs). **Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola, 2010, p.93-106.

FELIX, Rafael de Almeida Arruda. **Adjetivo Superlativo na fala de homens gays**: uma discussão sociolinguística. Araraquara, 2016. Disponível em:< http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica_lingua_portuguesa/3882.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2016.

FERRAZ, A. R. **Portal Educação, Opção ou Orientação Sexual?**. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/4123/opcao-ou-orientacao-sexual>>. Acesso em 16 de maio de 2016.

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio Século XXI Escolar**: O mini dicionário da língua portuguesa. 4. ed. rev. Ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

- FREITAG, Raquel Meister Ko; SEVERO, Cristine Gorski. **Mulheres, Linguagem e Poder: Estudos de gênero na Sociolinguística brasileira**. São Paulo: Editora Edgar Blücher, 2015.
- FREITAG, R. M. K; MARTINS, Marco Antônio; TAVARES, Maria Alice. **Bancos de dados Sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: Potencialidades e Limitações**. Alfa, São Paulo, 56 (3): 917-944, 2012.
- FINO, Carlos Nogueira. **FAQS, Etnografia e observação participante**. Disponível em: http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Fino-Etnografia_observacao_participante.pdf p. 1-12. Acesso em: 28 de set. de 2018.
- GONÇALVES, Sandra Maria Godinho. **As comunidades de fala, as redes sociais e as comunidades de prática: uma reflexão sociolinguística**. Revista Sociodialeto, Campo Grande, v. 4, n. 11, p. 101- 115, 2013.
- GOLDMAN, Marcio. **Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos**. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. Rev. Antropol. vol.46 no.2 São Paulo, 2003.
- GUY, Gregory R; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa – instrumento de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- IBGE. **Censo demográfico 2016**. Brasília, 2016. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=261390>>. Acesso em: 22 novembro. 2016.
- IRVINE, Judith. “Style” as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 21-43.
- KULICK, D. **Gay and Lesbian Language**. Annual Review of Anthropology 29, p. 243-285, 2000.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LAU, Hélio Diego. **A (des)informação do bajubá: fatores da linguagem da comunidade LGBT para a sociedade**. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/viewFile/22947/12672>>. Acesso em: 18 de abril de 2017.
- LE PAGE, R. B. Le Page, RB. (1980) **Projection, focusing, diffusion, or, steps towards a sociolinguistic theory of language**, Department of Language and Linguistic Science, University of York. York papers in linguistics, 9: 9-32.
- LUCCHESI, D; ARAÚJO, S. **A teoria da variação linguística**. Salvador: Vertentes, 2007. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>> Acesso em: 28 de nov. de 2016.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HALL, S; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tadeu da Silva (org). 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. IN: LOURO, Guacira Lopes; GOELLNER, J. F. S. V. (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 11-29.

- MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento em sociedades primitivas**. Tradução: Rosa Kraus. Revisão: Dora Ruluman, Fanu Kod, Geraldo Gerson de soares e J. Guinsburg. Editora Perspectiva. 4. Ed. São Paulo, 2000.
- MILROY, L. **Language and social network**, Oxford: Basil Blackwell, 1980.
- MOLLICA, Cecilia; Braga, Maria Luiza (orgs). **Indrodução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- MOREIRA, J. C. **O vocativo no Português Brasileiro nos séculos XIX e XX: um estudo de mudança linguística**. 2008. 108 p. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- MOREIRA, J.C. **Vocativo no português brasileiro: uma unidade a parte?** Disponível em:> <https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/viewFile/24798/15732><. Acesso em: 26 de out. de 2018.
- MUNDIM, S.S. de M. **Formas de tratamento e vocativos no Rio de Janeiro**, 1981. 80f. Dissertação de mestrado em linguística. Faculdade de letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- NOGUEIRA, J. M. S. **Um estudo sobre a fala gay masculina de Serra Talhada-PE**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada, 2017.
- PEREIRA, G. B. F. Salih, S. (2012). Judith Butler e a Teoria Queer. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Belo Horizonte, vol.6, n.1. jun. 2013. Disponível em:> http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202013000100012#not1<. Acesso em: 20 de jun. de 2018.
- PERINI, Mário. **Gramática descritiva do português**. 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- PODESVA, Robert J. **Phonation type as a stylistic variable: The use of falsetto in constructing a persona**. Disponível em:> <https://pdfs.semanticscholar.org/476b/ac51b8bd92c80ac612365c87457794327fb4.pdf><. Acesso em: 15 de ago de 2018.
- RÓNAI, P. **Curso Básico de Latim I: Gradus Primus**. 18 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. **Variação e Mudança linguística: Panorama e Perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil**. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul./dez. 2011.
- SALIN, S. **Judith Butler e a teoria Queer**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- SANTOS, Renata Livia de Araújo; VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. **Teoria da Variação e Mudança Linguística**. In: COSTA, J. F. C.; SANTOS, R. L. A.; VITÓRIO, E. G. S. L. A. (orgs.). **Variação e mudança linguística no estado de Alagoas**. Maceió: Edufal, 2011.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 27.ed. São Paulo: Cultrix, 2006. SEVERO, Cristine Gorski. **O papel do gênero/sexo nos estudos sociolingüísticos de variação/mudança**. Fórum Lingüístico, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul./dez. 2011.
- SEVERO, Cristine Gorski. Sobre o significado identitário na sociolinguística: a construção do gênero. In FREITAG, Raquel Meister Ko; SEVERO, Cristine Gorski. (orgs). **Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira** [livro eletrônico]. São Paulo : Blucher, 2015. p. 75-90.

- SILVA, J. F. B. da. **Aspectos Sociológicos do homossexualismo em São Paulo**. Sociologia, v. 21, n.4, p. 350-60, out. 1959.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa /sociolinguística**, São Paulo, Ática, 2007.
- TRUDGILL, P. **The social stratification of English in Norwich**. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.
- VELOSO, Rafaela. **As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas**. In XVII Congreso Internacional Asociacion de Linguistica y Filologia de America Latina. João Pessoa: AFAL, 2014, p 1-10.
- WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968). "Empirical Foundations for Theory of Language Change". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press: 95-188. [*Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.]
- WODAK, R.; BENKE, G. Gender as a sociolinguistic variable: New perspectives on variation studies. In COULMAN, F. (org.), **The handbook of sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 1997.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: HALL, S. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

APÊNDICE A – FICHA SOCIAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

FICHA SOCIAL

1. Nome:

2. Idade:

3. Naturalidade:

4. Bairro:

5. Escolaridade:

- a. Nível Fundamental Completo () Incompleto ()
- b. Nível Médio Completo () Incompleto ()
- c. Nível Superior Completo () Incompleto ()

6. Ocupação?

7. Frequenta ambientes que há um público semelhante a vocês? Se sim, quais?

9. Com que frequência se encontra com a comunidade LGBT+?

10. Em quais lugares?

11. Você assume publicamente sua identidade homossexual: Sim () Não ()

APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu, _____, portador (a) do CPF: _____ cargo de _____ do **Grupo Movimento Diverso**, autorizo expressamente a utilização da imagem do primeiro encontro do Grupo, requerida pelo projeto a seguir discriminado:

Programa: Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), Título do projeto: *Diversidade Linguística: Um estudo sobre a fala de homossexuais masculinos de Serra Talhada*. Pesquisador(a): Jamilys Maiara da Silva Nogueira.

A imagem poderá ser exibida no referido projeto, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Serra Talhada, _____ de _____ de 2018.

Assinatura do coordenador do grupo

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Qual é o seu nome, sua idade e sua ocupação?
2. No âmbito profissional, qual é o seu maior sonho? E o que seus amigos e familiares acham disto?
3. Por causa de suas obrigações, como trabalho e/ou aula, você acaba vivendo mais tempo fora de casa e do seu bairro ou ainda consegue parar para conversar com algum vizinho?
4. Conhece seus vizinhos? Tem algum vizinho natural de outra cidade ou estado?
5. Eles possuem alguma característica peculiar na fala, você nota isso? Se sim, qual? (caso a última resposta seja positiva)
6. Onde você mora? É onde você nasceu e se criou até hoje? Se não, onde você nasceu e se criou?
7. Do que mais você se lembra da sua infância?
8. Quais contos encantados você ouvira quando criança? Pode fazer uma síntese do conto?
9. Quais as principais dificuldades de morar em Serra Talhada? E quais benefícios?
10. Quando você escolhe “dar uma saída”, para onde você costuma ir?
11. Com que frequência você visita esse lugar? Por quê?
12. Nesse lugar, você se sente incluído? O público tem um perfil semelhante ao seu?
13. Como você constituiria este público?
14. Você costuma viajar? Se sim, para onde e com que intenção?
15. Se não, mas gostaria, para onde iria?
16. Você assiste TV? Se sim, com que frequência? E quais programas você assiste? Porque assiste?
17. Você tem alguém cuja fala faz com que você se sinta representado? Algum político, jornalista, ator ou personalidade?
18. Você tem muitos amigos? Algum especial?
19. Você é uma pessoa aberta e acessível com estranhos?

20. Quanto tempo demora para que você confie em alguém e por quê?
21. Para você foi mais fácil aceitar-se como homossexual ou ser aceito?
22. Sua família aceita sua *condição* sexual? (“erro proposital”)
23. O que você diria para um jovem cuja família não aceita sua orientação sexual e que sofre discriminações constantes nos diversos ambientes que frequenta?
24. Fale como foi se definir como homossexual.
25. Qual o seu recado para um homofóbico?
26. Você já foi discriminado por conta da sua sexualidade aqui na cidade e no seu bairro?
35. A seu ver, como a maioria dos habitantes do seu bairro encaram o comportamento homossexual e as relações públicas de afeto?
27. Você acha que sua fala tem características peculiares, quais?
28. Você tem mais amigos homossexuais ou heterossexuais?
29. Você e seus amigos frequentam quais locais públicos da cidade?
30. Há lugares específicos para o público gay?

APÊNDICE D – TERMOS DE CONSENTIMENTO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Gostaríamos de convidar V.Sa. a participar da pesquisa intitulada: *Diversidade Linguística: Um estudo sobre a fala de homossexuais masculinos de Serra Talhada*, sob responsabilidade da pesquisadora Jamilys Maiara da S. Nogueira (residente na rua xxxxx); do orientador de pós-graduação Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo e da co-orientadora Prof^a. Dr^a Dorothy Bezerra Silva de Brito, realizada pela Universidade Federal de Pernambuco, cujo principal objetivo é realizar um estudo interdisciplinar da fala de indivíduos homossexuais masculinos na cidade de Serra Talhada, Pernambuco. Mais especificamente, pretendemos mapear, através da coleta de dados orais, a língua utilizada pelos voluntários, objetivando caracterizar tal língua em diversos aspectos, tais como gramaticais, sociais e discursivos.

A sua participação é muito importante e acontecerá da seguinte forma: iremos gravar sua fala em três situações distintas: em uma entrevista, em um encontro com amigos e no ambiente de trabalho; sendo que neste último momento o gravador ficará sob sua responsabilidade, posteriormente, essas gravações serão transcritas e estudadas sob o ponto de vista científico, tendo divulgações meramente acadêmico-científicas com a preservação da sua identidade, garantindo total sigilo e confidencialidade. Sua participação é totalmente voluntária e você tem, caso queira, o direito de não aceitar participar, sem qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

Enquanto aos riscos da pesquisa, as entrevistas gravadas podem ocasionar pequenos riscos, como por exemplo, desconforto ou timidez, devido ao processo de gravação de áudio; por ter suas características socioculturais exposta no questionário que deverá ser preenchido, após as entrevistas, como também os voluntários podem acabar expondo confidências pessoais. Entretanto, esses riscos serão minimizados pela pesquisadora, que seguirá um roteiro de entrevista relacionado a temas do cotidiano, permitindo assim que os informantes fiquem à vontade, e não exponham informações confidenciais. Tendo em vista, que essa pesquisa utiliza dados de fala não haverá benefícios diretos, entretanto espera-se que esse estudo contribua para a descrição do perfil linguístico de sua comunidade, propiciando assim, um benefício indireto, que está relacionado ao reconhecimento da língua falada em sua região, bem como, os fatores sócios históricos que venha a condicionar o falar sertanejo como um espaço da diversidade.

Ressaltamos que os dados coletados nesta pesquisa (gravações de áudio, entrevistas e os questionários socioculturais), ficarão armazenados em pastas de arquivo, em um computador pessoal, sob a responsabilidade da pesquisadora, pelo período de mínimo 5 anos.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Os resultados esperados para esta pesquisa consistem em contribuir para a construção de um estudo sobre a heterogeneidade dos usos da língua por uma parcela de falantes do Português a priori excluída dos estudos tradicionais na linguística, abrangendo comunidades

de fala antes marginalizadas e que, a nosso ver, refletem também uma realidade linguística no Brasil partindo de sua diversidade.

Informamos que o senhor não pagará nem será remunerado por sua participação. Caso tenha dúvidas ou necessite de mais informações pode entrar em contato conosco através dos e-mails: jamilys.nogueira@gmail.com (Jamilys Nogueira); sibaldo@gmail.com (Marcelo Amorim Sibaldo); e dorothybsb@gmail.com (Dorothy Bezerra Silva de Brito) e/ou pelos respectivos telefones: (XX) XXXXXX, (XX) XXXX e (XX) XXXXX. Este termo será devidamente preenchido e assinado em duas vias de igual teor, sendo uma das vias entregue ao voluntário.

Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco, localizado na Av. das Engenharias, s/n. prédio do CCS - 1º andar, sala 4. Fone: (81) 2126.8588, E-mail: cepccs@ufpe.br.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____ após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar da pesquisa intitulada _____ bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida, exceto dados pessoais, em publicações e eventos de caráter científico. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do(s) pesquisador (es).

Local: _____

Data: ____/____/____

Assinatura do voluntário

Assinatura do pesquisador

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do

Voluntário em participar. 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Assinatura:
Nome:	Assinatura: